

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“A Relação Amorosa no Cotidiano do Adolescente :
fragmentos e tramas de sedução”**

SHEYLA PINTO DA SILVA

CAMPINAS

2001

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“A Relação Amorosa no Cotidiano do Adolescente :
fragmentos e tramas de sedução”**

SHEYLA PINTO DA SILVA

ORIENTADORA : PROF.A DRA. ANA MARIA FACCIOLI DE CAMARGO

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação de Mestrado defendida por
Sheyla Pinto da Silva e aprovada
pela Comissão Julgadora.

Data : 30 / 07 / 2001

Assinatura : _____

Orientadora

Comissão Julgadora :

CAMPINAS

2001

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

Si38r	<p>Silva, Sheyla Pinto da. A relação amorosa no cotidiano dos adolescentes: fragmentos e tramas de sedução / Sheyla Pinto da Silva. - Campinas, SP: [s.n.], 2001.</p> <p>Orientador : Ana Maria Faccioli de Camargo. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Amor. 2. Sexo (Psicologia). 3. Adolescência. 4. Educação. 5. * Cotidiano. I. Camargo, Ana Maria Faccioli da Silva. II. Universidade Estadual de Faculdade de Educação. III. Título</p>
--------------	---

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“A Relação Amorosa no Cotidiano do Adolescente :
fragmentos e tramas de sedução”**

Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do título de Mestre em Educação, na Área de Concentração Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas sob a direção da prof.a Dra. Ana Maria Faccioli de Camargo.

CAMPINAS

2001

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve como objeto de estudo as tramas e teias do relacionamento amoroso do cotidiano dos adolescentes e, como objetivo, o estabelecimento paralelo entre a sociedade em que vivem os adolescentes participantes desta pesquisa e sua vivência amorosa, suas formas de agir e de demonstrar amor. Tentando encaminhar e compreender este objetivo foi realizada uma pesquisa a partir de dados coletados e observados em atividades realizadas com os adolescentes de uma escola pública municipal da cidade de Campinas em São Paulo. A partir destes dados pôde ser compreendida a forma como os adolescentes se relacionam entre si, utilizando seu poder de sedução e de conquista amorosa. A constatação de que estas formas foram sendo modificadas com o passar do tempo, a partir de movimentos de resistência, transgressão e poder, tornou possível conhecer algumas das mudanças que aconteceram no século XX e que se constituíram a base da nova relação amorosa que surgiu : o “ficar”. Esta forma de relacionamento mostrou desdobramentos em questões de gênero, corpo, “olhar”, “conversa”, paixão, etc. Autores como Michel Foucault, Marilena Chauí, Yves De la Taille, Plilippe Ariès, José Machado Pais, Maria Rita de Assis César, Guacira Lopes Louro, Thales de Azevedo, Jurandir Costa Freire se constituíram a base teórica para situar as questões que surgiram. Como conclusão, desta pesquisa, verificou-se que a adolescência, assim como também a sexualidade e o relacionamento amoroso, implícito no cotidiano dos adolescentes, estão sendo continuamente construídos através de normas e padrões sociais, que no entanto, também são quebrados, transgredidos e por fim, reconstruídos através dos seus desejos e de sua imaginação.

ABSTRACT

This research has as study subjects the plots and webs of the daily teenager affectionate relationship, and as an objective, the parallel establishment between the society where the teenager from this research lives and their loving expression, such as the forms they act and demonstrate their love. In order to comprehend this objective, adolescents from a public school in the city of Campinas, São Paulo were subjected to activities from which data was gathered and observations made. Based on the information collected, it was possible to understand the form, which the young groups connect themselves, using the power of seduction and love conquest. It was established that these forms presented are being changed according to the social and cultural life routines transformations, from the resistant movements, transgression and power, making possible to understand some changes in the twentieth century, which established the new base of an affectionate relationship : “Ficar” (casual encounter). This form of relationship has disclosed questions such as type, body, look, conversation, passion, etc... Authors such as Michel Foucault, Marilena Chauí, Yves De La Taille, Phillippe Ariès, José Machado Pais, Maria Rita de Assis César, Guacira Lopes Louro, Thales de Azevedo and Jurandir Costa Freire developed the theoretical base to support the arising questions. As a conclusion of this research, it was verified the adolescence, as well the sexuality and amorous relationships, implicit in the daily life of the young groups, are being constructed down the ages of rules and social models, that in the meantime, can be broken, infringed, and by the end reconstructed through their desires and imagination.

É com alegria que dedico meu trabalho a pessoas tão queridas, que me apoiam, entendem e partilham comigo seu espaço e seu tempo :
meus filhos Luciana, Sheila Cristina e Wilson Júnior,
minha família,
meus amigos, e
principalmente meu esposo Wilson,
pelo exemplo de paciência,
alegria e compreensão.

Agradecer é lembrar e não esquecer de todos/as que me acompanharam durante a trajetória desse trabalho. Agradeço a todos (as) colegas da E.M.E.F. Prof. Vicente Ráo e às companheiras (os) de mestrado, que permitiram que eu lhes falasse dos meus sonhos. Agradeço às amigas do GEISH, que partilharam discussões, conhecimento e reflexões. Aos professores (as) da Faculdade de Educação / UNICAMP, pela seriedade e compromisso. Às amigas Marilena Gelmor pelas trocas e reflexões e Maria Helena Pereira Dias, pela lição aprendida e aceitação de mais uma amiga. À Cláudia Maria Ribeiro de Andrade pelo caminhar juntas. Obrigado também a todos e todas as outras pessoas que estiveram sempre ao meu lado, com a certeza de que continuaremos juntas em futuros caminhos a serem trilhados.

Agradeço ao CNPQ pelo apoio e à minha orientadora de pesquisa Ana Maria Faccioli de Camargo, pelo crédito em meu projeto de pesquisa, pela paciência, carinho e sabedoria com que me brindou durante o tempo em que estivemos juntas.

Finalmente, um agradecimento muito, mas muito especial mesmo, a todos os adolescentes que dividiram comigo suas experiências, seus desejos, quereres, dissabores, contestações, transgressões, sonhos e imaginação..... pois, sem eles nada do que está escrito aqui, seria possível.

Obrigado por tudo !

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	p. 01
II. O CAMINHO PERCORRIDO	p. 11
III. FRAGMENTOS DO COTIDIANO DOS ADOLESCENTES DESTA PESQUISA	p. 25
IV. A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DO ADOLESCENTE	p. 42
1. A sexualidade também é construída	p. 48
2. A mídia como fator de mudança social	p. 50
3. O consumo como base formadora de relações	p. 56
4. A transgressão como precursora de mudanças	p. 60
V. A CONQUISTA E O RELACIONAMENTO AMOROSO	p. 74
1. O relacionamento amoroso	p. 76
2. A conquista amorosa	p. 86
3. Uma nova forma de conquista	p. 96
VI. TRAMAS DE SEDUÇÃO E CONQUISTA	p. 102
1. A paixão como é que fica	p. 104
2. O corpo como meio de conquista	p. 114
3. O “olhar” e a “conversa”	p. 129
4. O que “rola, rola”, rolou	p. 137
5. O que é preciso fazer para “ficar”	p. 144
6. Algumas implicações do “ficar”	p. 153
VII. CONQUISTAR, “FICAR”: NAMORAR ... SÓ DEPOIS	p. 163
VIII. MARCAS QUE FICAM	p. 172
IX. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	p. 185

1 . INTRODUÇÃO

*O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.*

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida !)

*Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem do desaprender.*

Alberto Caeiro

O desenvolvimento desta pesquisa se constitui um assunto dos mais apaixonantes, mas é, ao mesmo tempo, insensato, pois, falar do adolescente e de seu comportamento amoroso, pode parecer delimitação e conceituação de um grupo de sujeitos que respondem por pensamentos, desejos e peculiaridades em sua vida cotidiana e, que, podem também ser compreendidos como produtos ou criações de uma prática simbólica, de um jogo que faz e desfaz sua maneira de ser, tecendo de outra forma, a realidade, as palavras e os corpos. Reuni-los, assim, parece, então, uma imensa loucura.

A convivência diária, na área educacional, com crianças e adolescentes e, a observação de algumas de suas atitudes e comportamentos relacionados à sua vida amorosa e sexual, trouxe como consequência a constatação de que existe um desconhecimento entre eles, de questões envolvidas com sua sexualidade, assim como das mudanças corporais porque passam, ao longo de suas vidas, dos cuidados de higiene e prevenção às doenças, das dificuldades e obstáculos no desenvolvimento da afetividade e auto estima, e, finalmente, do tema que este estudo delimita, que é a sua vivência amorosa.

Foi preciso então debruçarmos, com um olhar não inquiridor, mas sim, questionador, sobre o cotidiano destes adolescentes para, a partir de algumas brechas, tentar melhor entendê-los, refletir sobre algumas das

questões envolvidas e finalmente, talvez aventarmos a proposição de algum trabalho educacional nesta área.

Esta é também, uma tentativa, de se compreender melhor, a sociedade em que vivemos hoje, pois as atitudes dos adolescentes e seu modo de viver o cotidiano, com certeza, espelharão de alguma forma o momento histórico/cultural atual, porque, sendo eles influenciados pelo meio em que vivem se constituirão em sujeitos construtores de sua própria cultura e portanto, de sua própria história.

O cotidiano vivido hoje é de uma intensa e progressiva criação tecnológica, o que tem exigido de cada indivíduo, esforços no sentido de inserção em um mundo voltado à ação instrumental de sedução e acompanhamento das rápidas mudanças e transformações que estão acontecendo no modo de vida social, cultural e político de todos.

Vários símbolos surgem, centrados no lema do “aqui e agora” tendo o tempo e a qualidade técnica do desempenho de cada indivíduo como premissa para que a vida seja aproveitada ao máximo. E esta premissa acaba entrando subliminarmente em cada fato da vida cotidiana, podendo fazer com que atitudes e comportamentos sexuais e afetivos se modifiquem de uma tal maneira, que se passa a viver, compulsivamente, para a busca de uma boa forma técnica de desempenho sexual, relacionando-a mais e mais, à forma

física do corpo, ao orgasmo homérico ... e à comprovação de que se é bom neste desempenho. Isso mostra que, em cada época histórica, as manifestações amorosas ou sexuais, proclamadas como ideais, também são o reflexo das transformações que se vive : o amor sem sexo, o amor com sexo, sexo com amor e, finalmente o sexo sem amor, este último, tendo existido sempre, agora se coloca, de forma intensa, como possibilidade na vida do homem contemporâneo.

Indo de encontro a esta perspectiva, o presente estudo sobre o relacionamento amoroso dos adolescentes não tem a pretensão de discursar sobre o amor propriamente dito, mas sim de estabelecer um paralelo entre a sociedade em que vivem os adolescentes desta pesquisa e sua vivência amorosa, suas formas de agir e de demonstrar amor.

Percebe-se que entre os adolescentes, existe um novo “código de relacionamento” (Chaves, 1994, p.12) ¹, código este, que basicamente, possui alguns aspectos que o caracterizam como breve e passageiro, sem maiores compromissos, senão com a obtenção do prazer individual. Portanto, a questão que se coloca para este tipo de relacionamento, pode ser ambígua e contraditória : tem este tipo de relacionamento, denominado pelos

¹ Mesmo emprestando o termo, “código de relacionamento” para situar um novo tipo de relacionamento entre os jovens, não concordo quando a autora diz: “... embora seja uma prática usada e esteja presente em situações convencionais (muitas vezes como norma), não tem suas fronteiras bem demarcadas, não é assimilado por todos e não é socialmente legitimado”. Durante o desenrolar desta pesquisa, muitos destes conceitos são desfeitos, senão totalmente, pelos menos em parte.

adolescentes de “ficar”, uma perspectiva transgressora a uma nova ordem social ou é simplesmente constituído e instituído por esta mesma nova ordem social para, mais uma vez, classificar e normatizar os indivíduos, adequando-os a ela ?

Com o intuito de pensar sobre estas questões, e de obter uma possível clareza sobre o que pode estar ocorrendo com as relações afetivas, entre adolescentes, foram feitas algumas anotações do que se ouviu e viu, durante alguns momentos em que foram captadas opiniões, sentimentos e emoções entre os mesmos adolescentes e também entre seus grupos referenciais. Estes momentos de conversas com os adolescentes, realizadas, principalmente, no espaço da escola em que estudam, onde foram aproveitados alguns dos seus horários livres. As observações e indícios dos comportamentos e atitudes, possibilitaram a apreensão de algumas nuances dos olhares, das falas, das expressões corporais, dos esbarrões de corpos, dos apertos de mãos e o roçar de pernas, do que poderia estar sendo “dito”, e que apresenta-se como relevante para a compreensão do momento que estão vivendo.

Durante o diálogo com os adolescentes, procurou-se interferir o mínimo possível, seja através de perguntas ou observações mais específicas, já que somente a presença do pesquisador pode ter alterado suas “falas” e suas atitudes. Assim, as observações que pareceram ser fáceis à primeira vista, logo

fizeram surgir uma pontinha de inquietação : a realidade é mais complexa e mais difícil de apreender do que se imagina, pois, estando ela no interior de cada sujeito, em suas ações, no seu pensar e sentir, na sua maneira de se relacionar com o mundo e portanto, não externa a ele, pode, também, apresentar várias faces, de acordo com a construção interior de cada um destes sujeitos e da maneira como ele se conduz no cotidiano, e a interferência do mesmo cotidiano sobre ele. Portanto, dependendo do momento, algumas destas faces, podem se tornar visíveis e outras se ocultarem ainda mais.

Como, então, é este relacionamento do sujeito com o mundo, se tal relacionamento acontece a partir da especificidade de cada indivíduo unida à aprendizagem de práticas sociais, constituídas com o outro, em que são inventadas novas formas de relação nas quais estão envolvidas particularidades, prazeres, emoção, sentimentos, ... ?

Uma outra questão também importante, que deve ser lembrada, está relacionada ao “olhar” do pesquisador sobre os significados que emergem do cotidiano dos pesquisados, que será apenas, um recorte sobre o que se vê em um determinado momento, a partir de um determinado conhecimento e condição de quem olha, estando, portanto, implícita uma subjetividade ampla, complexa, rica de fatos, vivências e particularidades.

Machado Pais (1993, p.106-115), em seus escritos sobre a historicidade do cotidiano, apontou dificuldades para que os recortes da vida cotidiana, fossem feitos, e assim estas questões, delimitaram as observações da presente pesquisa, e lhe imprimiram um movimento dinâmico e contínuo, de mudanças rápidas e constantes, que tornam possível, a percepção da relatividade nelas presente.

“ À primeira vista, a vida cotidiana saltita diante dos nossos olhos como uma bola de bilhar..... Contudo, todas estas primeiras impressões se desvanecem quando o investigador se lança no estudo da vida cotidiana.” (Machado Pais , 1993, p.63).

Machado Pais (1993) aponta também, um motivo para que isto ocorra : a temporalidade do cotidiano, que não sendo nem cíclica e/ou repetitiva, nem banal, efêmera e fugaz, dificulta a sua apreensão; se não fosse assim, talvez se pudesse prever e cercar alguns dos fatos ocorridos no cotidiano, nos próprios momentos em que acontecessem.

Os recortes das ações dos indivíduos no seu cotidiano, são feitos, basicamente na forma de probabilidades ou possibilidades :

“Jamais é possível, na vida cotidiana, calcular com segurança científica a consequência possível de uma ação. Nem tampouco haveria tempo para fazê-lo na múltipla riqueza das atividades cotidianas” (Heller, 1985, p . 30).

E ainda, como “ ... a vida cotidiana é a vida do próprio homem ” (Heller, 1985, p.17), o homem vive sua cotidianidade pondo em funcionamento todas as faces de sua vida : “...os seus sentidos, todas suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias” (Heller, 1985, p . 17). Esta heterogeneidade porém, faz surgir neste cotidiano, a possibilidade de, a cada momento, sobressair uma ou outra dessas faces, criando assim, uma hierarquia entre elas, que auxilia a produção de diferentes estruturas sociais de cada época,

Em uma época, por exemplo, poderá haver mais ênfase no trabalho, e todas as outras atividades serem subordinadas a ele, em outras, como hoje, na tecnologia, ou na comunicação ... e, para se viver o cotidiano, através das inúmeras relações sociais possíveis, é preciso aprender, adquirir algumas habilidades, dominar técnicas, mediadas pelos signos sociais, enfim, dominar algumas condições para que esta vivência do cotidiano seja facilitada.

O adolescente, desenvolverá particularidades que farão sua distinção “individual”, e que comporão sua forma de manifestar-se, estando estas

maneiras de manifestação, sempre integradas às suas relações sociais, pois ele é um produto destas mesmas relações.

Machado Pais (1993, p. 67) diz em seus escritos :

“ ... o sistema social _ na medida em que não existe fora dos indivíduos _ manifesta-se sempre na vida individual de tal forma que pode ser apreendido a partir das especificidades das práticas individuais” .

Pode-se esperar então, que o adolescente, assim como todos os outros indivíduos, constituirá uma individualidade única e particular, apreendendo outros elementos, assimilando e adquirindo costumes e regras, construindo seus relacionamentos, através da mediação das relações sociais / culturais do grupo a que pertence e que atuarão, por sua vez, sobre ele.

II . O CAMINHO PERCORRIDO

“... trotar a realidade,
passar por ela em deambulações vadias,
indiciando-a de uma forma bisbilhoteira,
tentando ver o que nela se passa
mesmo quando “nada se passa”.

(Machado Pais, 1993,p.113)

O debruçar sobre estas reflexões preliminares, primeiramente, fez aparecer a abrangência das informações sobre o tema desta pesquisa, tal qual a imagem, utilizada pelo prof. José Machado Pais : “... uma pedra que cai na superfície de um lago, produz cada vez mais, círculos, que a partir de um ponto central de inserção, vão se alargando se dirigindo para as margens, como ... pontos precisos de um presente ... que ... determinam a busca do passado ..., passado distante, mas sempre presente”².

Tal qual a imagem da pedra no lago, a penetração nos significados das “falas”, das vivências e das experiências dos adolescentes, possibilitou com que se observasse que elas se tornavam mais e mais amplas à medida que chegavam às margens do lago, pois, mediadas pela diversidade cultural e pela história de vida de cada um, fizeram com que fosse levantada a necessidade de se buscar o passado como referencial e a comparação para o presente, não para clarear a continuidade do passado, mas, sim visando um conhecimento sobre as diferenças e as transformações que ocorreram e que proporcionaram a constituição do contexto da sociedade de hoje.

Tornou-se necessário, então, delimitar como seria o caminho para esta busca. Havia duas possibilidades : a primeira orientada por uma investigação mais tradicional, partindo de um quadro teórico, que derivaria em algumas

² Segundo palestra do prof. José Machado Pais, do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa, Portugal, durante o curso sobre Sociologia do Cotidiano, realizado na Faculdade de Educação da UNICAMP, no período de

hipóteses de investigação e estas, em consequência avaliadas. Esta possibilidade, de modo geral, confirmaria hipóteses, escolhidas de antemão de modo a serem comprovadas, o que permitiria ao pesquisador, se situar em uma lógica demonstrativa, em busca de provas comprobatórias. O segundo caminho, seria a busca de significados e não de provas, que tornam o social um enigma a ser descoberto. Não seria um caminho orientado ou determinado, mas, sim, um caminho cheio de riscos, inclusive aquele de se perder. Este, foi o caminho que se mostrou mais tentador a ser seguido, inclusive porque seria preciso voltar continuamente à fonte, mantendo acesa a chama do seu significado, para que houvesse a decifração dos seus significantes.

A escolha deste caminho, tornou possível o ir e vir ao passado, construindo e reconstruindo, através da análise das falas, a possibilidade de decifração das representações sociais e individuais do relacionamento amoroso do adolescente de hoje.

A leitura de pesquisas históricas, como por exemplo, a de Plilippe Ariès (1981), permitiu constatar a enorme riqueza de pequenos fatos, considerados corriqueiros e sem muita expressão pela grande história universal ensinada nas escolas. Plilippe Ariès recorreu às cartas, convites,

pinturas, pequenos textos descritivos de jogos, vestimentas, poesias, como dados significativos históricos, sociais e culturais de sociedades ocidentais, tradicionais, de séculos passados, mostrando, em uma linguagem clara e interessante, a vivência do dia a dia, de diversos indivíduos. Estes se tornaram dados importantes para se conhecer toda uma época, e ainda, o modo de ser e de agir modernos, pois o homem, produtor de história e cultura, será sempre, também, um produto dela.

Claramente, foi surgindo, ainda que aos poucos, no decorrer da leitura de Philippe Ariès, a necessidade de uma investigação, que percorresse outras trilhas, já pisadas por outros pesquisadores, estabelecendo com eles diálogos que, em algum momento, pudessem se deter em questões semelhantes ou pelo menos parecidas.

Nesta caminhada, foi de máximo auxílio, o texto “O que é um Autor ?” Michel Foucault (1992), que me fez debruçar sobre questões que emergem da relação : entre texto – escrita - autor. Entendendo com o autor, o sentido de escrever como um “estranhamento” de si, um sair de si, como a “... questão de abertura de um espaço onde o sujeito de escrita está sempre a desaparecer” (Foucault, 1992, p.35), o desprendimento e o desvanecer-se no texto, marcarão o movimento sutil e frágil da exploração de um fato e do sujeito envolvido.

No aprofundamento do pensamento, de Foucault (1992) foi encontrada, não uma receita a ser seguida, mas, sim a formulação de outras indagações que, ao serem respondidas, fazem com que surja a necessidade de se mergulhar em outros autores, comprometidos com o : “... funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 1992, p. 46). Isto ainda continua quando ele diz :

“ O nome do autor ... bordejando os textos, recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser ou, pelo menos, caracterizando-lhe. Ele manifesta a instauração de um certo conjunto de discursos e refere-se ao estatuto desses discursos no interior de uma sociedade e de uma cultura” (Foucault, 1992, p. 46) .

O caminho até então perseguido, foi se delineando, encontrando-se mais alguns parâmetros para entendimento do sujeito de quem se fala nesta pesquisa : o adolescente. Foi desta vez, imperioso ler e refletir sobre a pesquisa de Maria Rita de Assis César, A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico. Em seus estudos, para dissertação de mestrado, esta autora analisou a construção social e cultural da adolescência desde seu nascimento no século XIX, abordando os diferentes modelos e discursos que

surgiram desde então, conceituando a adolescência como fase do desenvolvimento humano, a que estão sujeitos todos os indivíduos, através de modos de ser e de se comportar, o que a normatiza e delimita em uma regra universal.

Alguns manuais ou tratados de psicologia do desenvolvimento, os quais, geralmente, possuem grande interesse sobre este tema, ainda segundo Maria Rita de A. César (1998), caracterizaram e conceituaram a adolescência como um período de “crise”³, produzido pelo “desencadeamento do sistema hormonal, acentuado pelo amadurecimento das gônadas e mudanças corporais e mentais intensas”. Dado o início da “crise”, estaria determinado o fenômeno da adolescência, alterando, assim o comportamento de modo geral, o que repercutiria também nas relações entre os indivíduos e na maneira como se expressam sexualmente.

Esta normatização, fundamentada em manuais de psicopedagogia “... permanece ainda presente, na formação de educadores e pedagogos, reproduzindo modelos e imagens há muito estabelecidas” (César, 1998, p.112), conceituando a adolescência como uma etapa de “crise” orgânica, psíquica e

³ Nesta chamada “crise” da adolescência não se pode atribuir, porém, características gerais a todo um grupo de indivíduos e acreditar que as transformações físicas e mentais dos adolescentes, sejam, tão ou mais especiais e importantes que aquelas que acontecem em outras épocas da vida, como, por exemplo, na infância ou velhice. Muitas vezes, nestas épocas de vida, acontecem situações e conflitos, tão ou mais intensos que aqueles observados na adolescência. Assim e porque também, nem sempre os adolescentes sofreram ou sofrem estas “crises” míticas da adolescência este período de vida não pode ser limitado a um tempo cronológico extensivo e aplicável a todos os indivíduos.

social. Este modelo continua influenciando, estudo e pesquisa contemporâneos sobre o adolescente, fazendo com que persista sobre ele, a visão de um indivíduo passível de profundas mudanças e transformações, biológicas, mentais e sociais, antes de se tornar o adulto idealizado.

Contudo, com a perda de força deste discurso normatizador, criou-se outro modelo para definir a adolescência, condizente com um novo momento histórico. Assim, na segunda metade do século XX, (César,1998, p.113), surgiu outro enfoque para a formação do indivíduo jovem, agora situado no plano do “modelo de busca da felicidade”.

A adolescência passou a ser pautada pela busca de valores que pudessem trazer a felicidade. Fora, então, enfatizados valores como compreensão, amizade, amor ... julgados perdidos ou necessitando ser recuperados e reforçados.

Esvaziados, tanto os discursos psicopedagógicos como o de busca da felicidade (não de todo, já que estes ainda hoje persistem entre alguns estudiosos) e da contestação de alguns grupos jovens dos anos sessenta contra “a estabilidade das instituições e o modelo burguês de felicidade”, (César, 1998, p.112), foram ainda, construídos novos modelos que substituíssem os anteriores, atendendo a uma moderna ordem social e cultural.

Toda esta desconstrução reconstrução, veio, enfim, estabelecer um outro parâmetro para a adolescência, para quem, foi fortalecido “... a partir dos anos oitenta, uma nova formação discursiva, a literatura de auto-ajuda, orientada pelo individualismo, pela busca instantânea da “felicidade” a partir de si mesmo, e pela aquisição dos fetiches de consumo” (César,1998, p.114). O indivíduo passou a ser responsável pela resolução de seus conflitos, que deverão existir, com certeza, mas sua formação, será de sua exclusiva responsabilidade, porque todas as possibilidades de ser um adulto bem formado e feliz lhe são oferecidas.

Verifica-se assim que a representação da adolescência foi construída socialmente acompanhando determinados momentos históricos, como uma faixa de idade, em que se “está ou não”, assim como foram delimitados, também, outras situações tidas como fases de vida. Ex. a velhice. A cada uma destas fases, são atribuídos significados particulares : juventude, infância, senilidade, adolescência, velhice, terceira idade, maturidade ...

Cada uma destas fases tem sido marcada cronologicamente, de acordo com sua etapa biológica de desenvolvimento e amadurecimento psicológico, com atribuições específicas que fazem com que os indivíduos, assim classificados, se integrem a um grupo social também específico. Estas

atribuições, vêm sendo ligadas também à divisão e produção social do trabalho e aos papéis dentro da família ⁴.

As mesmas atribuições, no entanto, muitas vezes, estão dissociadas das aptidões e possibilidades de cada um, pois são construídas em um tempo social dinâmico e mutável, como demonstra Plilippe Ariès :

“... a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana : a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância” do século XIX e a “adolescência” do século XX” (Ariès, 1981, p. 48).

A adolescência, assim, delimitada dentro de um tempo de vida de crises e conflitos intensos, permanece sujeita às características deste grupo e, não a uma “idade de vida” de experiências e vivências peculiares e específicas segundo os contextos diferentes da construção de vida de cada um. E de acordo com a forma de pensar a adolescência como uma das “idades de vida” é possível falar do sujeito adolescente ou de adolescências do sujeito,

⁴ Muitas vezes, as cobranças sociais (família, escola , relacionamentos afetivos e sexuais com desdobramentos de gravidez, doenças...) passam a obrigar o adolescente a assumir diversos compromissos, ainda não experimentados, como por exemplo, a rápida escolha de uma profissão ou de um emprego, para colaboração, inclusive, com as despesas econômicas da família, o que pode alimentar o desejo de independência, propiciando o rompimento brusco com as atividades da infância. Esta situação também pode gerar uma total liberdade ou a falta de oportunidades para conquistá-la, prejudicando o desenvolvimento da autonomia e da auto-estima do indivíduo, levando-o à uma sensação de insegurança gerada pelas cobranças e opções que terá que fazer em sua vida pessoal.

dialogando, com autores como Carmen Enderle, em seu livro psicologia da “Adolescência, uma abordagem pluridimensional”, Guacira Lopes Louro, em Gênero, Sexualidade e Educação, assim como prosseguir e acompanhar a reflexão feita por Maria Rita de Assis de César em sua Dissertação de Mestrado : A Invenção da “Adolescência” no Discurso Psicopedagógico.

Ainda outros autores, como Yves de La Taille e Marilena Chauí, vieram contribuir para as delimitações e recortes que foram precisos para situar algumas das atitudes, referentes ao relacionamento amoroso do adolescente e suas diversas formas de expressões.

A situação do jovem de hoje, foi bem marcada por Alberto Melucci no livro “Juventude e Contemporaneidade”, como de um potencial enorme para que ele seja questionador, crítico e transgressor da ordem social vigente, ou seja, um jovem que sabe o que quer e tenta alcançar o que deseja. Com o avanço de sua leitura, porém, verifica-se que, para isso ser alcançado, o jovem luta em uma sociedade que, ao mesmo tempo que discursa sobre a equidade e a autonomia de escolhas, impõe modelos a serem seguidos, mostrando sua face altamente preconceituosa e discriminatória. Para o autor o jovem também tem ao seu lado, valores subjetivos, como por exemplo, o “tudo é permitido” no sexo e no amor, deixando-se levar pelo consumo e pelos modismos, o que

possibilita que muitos se achem, em dado momento, em um grande vazio interior, ocasionado, talvez, pela insatisfação de seus desejos.

Desta forma, a pesquisa foi avançando devagar e se completando com aulas, palestras e outras inúmeras leituras, que ajudaram a situar o comportamento amoroso como um dos componentes da sexualidade humana, que por encerrar todas as possibilidades imaginárias, não pode, ser enclausurada em um conceito.

Assim, caminhando um pouco mais, o comportamento amoroso do adolescente do final de século XX, como objeto de estudo desta pesquisa, foi se traduzindo por um novo código ou ritual sexual, erótico e amoroso : o “Ficar Com”: um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil”, denominação do estudo de Jacqueline Chaves (1994), que se insinuou com toda força nos dados desta pesquisa.

A partir da leitura da obra O Erotismo, de George Bataille, foram tomando forma os dados já obtidos assim como o olhar sobre o “ficar”. Este, aos poucos, foi se constituindo como vivência amorosa, em que o adolescente, por se envolver em sensações, desejos, sentimentos e ações de conquista e sedução amorosa e erótica, tece laços invisíveis ao redor do seduzido, que terminam por envolvê-lo também.

Nesta situação de conquista e sedução amorosa, outro ponto que merece destaque, foram as valiosas contribuições de Jurandir Freire Costa sobre o amor romântico. Apesar da pesquisa não pretender discursar sobre o amor, a ele recorreu, pois falar de relacionamento amoroso e erótico é, também, falar do amor e do desejo que o constitui.

O movimento de fragmentação e reconstituição do tema desta pesquisa, permitiu que sua autora se sentisse, como sujeito de sua própria obra. Michel Foucault ao definir este sujeito, imputou a ele o delineamento de idéias, reflexões e análises a partir das marcas que serviram de motivações, hipóteses, dúvidas, percursos, linhas de atuação, referências buscadas, dificuldades, conclusões ... Estes sinais importantes, ajudaram a construir as preocupações centrais, a perspectiva, o contexto, o objetivo, o caráter inovador e as possíveis contribuições da investigação que se pretendia fazer. Também estes sinais, encontrados em diversas fontes durante o pequeno caminho percorrido, “... tornaram possível um certo número de analogias como também tornaram possível um certo número de diferenças” (Foucault, 1992, p . 59), fazendo, pois, com que um determinado dado colhido através dos olhos do pesquisador, se mostrasse, não como uma realidade “real”, mas sim, a que se deseja que seja real ou que se pensa que o seja. E, na análise feita, outros caminhos puderam ser trilhados, mostrando aspectos importantes do contexto

do cotidiano do adolescente, mesmo que tenham sido observados como indícios aparentemente insignificantes.

III . FRAGMENTOS DO COTIDIANO DOS ADOLESCENTES DESTA PESQUISA

“É certo, também, que a história do cotidiano
e da vida privada não é só aquela
dos “trabalhos e dos dias”,
pois pensar exclusivamente esta diferença
autoriza a instituir uma divisão
entre um mundo quase a - histórico e
um mundo de transformação”
(Priore, apud Flamarion, 1997, p.272

As observações sobre os adolescentes, que participaram desta pesquisa, partiram de suas próprias informações, obtidas em conversas (gravadas em fitas cassetes)⁵ que aconteceram em vários momentos : algumas, dentro da escola pública em que estudam, em intervalos de aulas ou em horários vagos pela falta de professores e outras, em passeios e atividades pedagógicas, na rua ou em áreas de lazer no bairro de classe média onde moram.

Os adolescentes, um total de 60, são alunos de 7^a e 8^a séries, estudantes de uma mesma escola pública municipal de Ensino Fundamental de Campinas / São Paulo, do período vespertino e suas idades variam entre 11 e 17 anos.

A escola é antiga no bairro e muitos dos pais dos adolescentes pesquisados também a freqüentaram. Sua estrutura física necessita reformas, mas é considerada boa pelos pais dos alunos assim como por aqueles que, a cada ano, pleiteiam uma vaga para seus filhos.

A escola está situada no mesmo bairro onde a maioria dos alunos reside, em casas térreas, com jardins, e quintais. O bairro dista mais ou menos 10 km do centro da cidade de Campinas / SP. É cortado por ruas e avenidas

⁵ Os adolescentes permitiram que as gravações das conversas fossem realizadas. Estas fitas encontram-se em arquivos da pesquisadora. As conversas gravadas não se restringiram ao tema da pesquisa, mas o extrapolou à medida que um tema serviu de gerador para outro. A pesquisadora não elaborou um roteiro prévio e utilizou brincadeiras e dinâmicas para iniciar a discussão.

bastante movimentadas e com intenso tráfego de carros e ônibus, que fazem a intercomunicação bairro centro.

Além desta escola, o bairro possui mais duas escolas públicas estaduais (que atendem também o ensino fundamental, o ensino médio, além do ensino regular noturno e supletivo), três escolas de ensino privado (duas de educação infantil e uma de ensino fundamental), uma academia para a prática da natação, uma escola de futebol, uma de informática, diversas agências bancárias, uma indústria de auto peças, outras pequenas empresas, vídeo locadoras, grandes mercados de materiais de construção, lojas para vendas de materiais diversos, farmácias/drogarias, igrejas/ templos religiosos, um bingo, vários postos de combustíveis, oficinas mecânicas e elétricas, um cartório, uma auto escola, várias lanchonetes, dois restaurantes, um hipermercado, três supermercados e dois shopping. Nestes shopping, além das lojas, existem cinemas, e praças de alimentação, o que facilita os encontros de jovens do bairro, à noite e em finais de semana.

Diferentemente do que se observa na maioria das grandes cidades, esses encontros também acontecem em frente das casas, nas ruas e praças do bairro, onde os adolescentes andam de moto, bicicleta, skate, patins. Situado ao lado da escola, onde estudam os alunos desta pesquisa, há um clube, formado por uma de associação de moradores, que também facilita encontros

entre eles e onde várias festas do bairro são realizadas. Neste clube, geralmente, são realizadas, também, pela escola, as formaturas dos alunos de 8º séries e algumas atividades de educação física, como natação por exemplo.

Os adolescentes pertencem a famílias constituídas por 4 a 6 membros; geralmente, têm entre 1 a 3 irmãos. Muitos têm os avós morando no mesmo bairro, sendo comum morarem juntos também na mesma casa. Algumas destas famílias são formadas por descendentes de moradores antigos do bairro, muitas das mães não trabalham fora de casa, o que lhes possibilita acompanhar, mais de perto, o ir e vir dos filhos, seus estudos e o relacionamento com os amigos.

Salvo por mudanças de residências para outros bairros ou outros problemas quaisquer, os adolescentes, juntamente com suas famílias, desde pequenos, convivem entre si como vizinhos, participando dos cultos ou missas nas mesmas igrejas, se encontrando diariamente em reuniões na escola, nas conversas em frente às casas, na lanchonete, no clube e, mais recentemente, nos shopping.

Toda a movimentação dos adolescentes é cercada pela agitação que acompanha a vida intensa e diária do bairro. Eles têm e sentem as mudanças corporais de crescimento nem sempre esperadas, têm emoções que variam muitas vezes, sem motivo aparente, passam fácil da alegria à tristeza, se

apaixonam, sonham, desejam e muitos são chamados de “aborrescentes” pela família.

Diferentemente dos adultos que marcam horários para cada uma de suas atividades, estes adolescentes “... *se encontram, beijam e se abraçam em qualquer lugar e hora*” (adolescente masculino de 13 anos). Independentemente dos horários em que podem sair, sempre dão um “jeitinho” para encontrar os amigos e relacionar-se amorosamente com outros adolescentes, seja na escola, nos momentos de lazer, quando andam de bicicleta, vão ao clube, andam de patins na rua, vão ao cinema, aos bares e lanchonetes, ao shopping, aos shows de música, e mais especificamente, quando mais jovens, às festinhas e bailinhos, que acontecem nas casas dos amigos e colegas, cujos encontros são exaustivamente combinados durante a semana.

“A escola é o melhor lugar pra gente se conhecer, conversar, trocar idéias, namorar, fazer novos amigos, o estudo é o de menos” (adolescente masculino de 12 anos).

Segundo os dados obtidos no grupo de adolescentes desta pesquisa, a maioria dos meninos, é mais liberada pelos pais do que as meninas, que sofrem uma restrição maior. Eles começam a sair à noite por volta dos 15 anos e muitos podem pegar o carro da família (mesmo sem ainda licença e habilitação para dirigir) e sair tanto durante o dia quanto à noite. Por sua vez,

as meninas, por alguma necessidade da família, trabalho ou estudos dirigem depois de atingirem a idade legal dos 18 anos, em claro indício da distinção social que vivem meninos e meninas, reforçada, cada vez mais, através do controle de seus desejos e vontades.

O carro ou a motocicleta, passam a ser um símbolo de status para o menino, que, através deles adquire um determinado prestígio dentro do seu grupo de amigos e vai, assim, estabelecendo critérios para julgar-se, utilizando uma série de valores na formação de seu auto conceito. Oliveira (2000, p. 58- 63), diz que este fato, pode servir de reestruturação constante para a formação do auto conceito do adolescente, pois é através da interpretação que os outros fazem dele, e que ele percebe no seu cotidiano, obtendo imagens negativas ou positivas, que pode mudar suas opiniões acerca de si mesmo e aprender a reestruturar-se, se necessário.

Assim, através das imagens percebidas de si mesmo, o adolescente vai conhecendo sua maneira de ser e se diferenciando dos outros, tornando-se mais seguro para “ganhar” mais meninas e lidar com a inveja dos outros meninos que não têm acesso ao carro ou à moto.

O adolescente passa a ter maior liberdade de ir e vir, sair mais de casa à noite, oferecer carona para os amigos, conhecer meninas de outros bairros; se desloca para lugares mais distantes, obtém outras referências para seus

valores e amplia as possibilidades de relacionamentos com outras parcerias diferentes em termos de cultura, nível social, religião, etc. ... Para as meninas, as possibilidades de outros relacionamentos fora do âmbito de seu bairro ou de seus amigos, vai estar interligada à experiência do primeiro emprego ou aos estudos, de preferência longe de casa, e se elas começam cedo, de alguma maneira, a ampliar suas idas e vindas a outros espaços desejados, ainda hoje, serão consideradas corajosas e arrojadas.

O que veio facilitar e possibilitar, estas trocas e esta integração, sempre com uma intenção definida pelo consumo, e vem sendo uma das maiores inovações modernas, como centro de compras e de encontros, principalmente nos grandes centros urbanos : são os shopping center.

Estes centros substituíram as praças, esquinas e doçarias dos encontros de antigamente, principalmente para os que possuem maior poder aquisitivo. Eles possuem, além das lojas para comércio das mais diferentes mercadorias, praças de alimentação compostas por restaurantes, lanchonetes, cinemas, boates e cervejarias. São eleitos como lugares da moda para passear, conhecer outros adolescentes, “ficar”⁶ ou namorar. Por seus corredores são encontrados, em finais de semana, inúmeros jovens, muitos de diferentes bairros da cidade, que em grupos, ali marcam seus encontros, olham,

⁶ “FICAR” : tipo rápido de relacionamento amoroso e/ou sexual onde se trocam carícias, beijos, etc... sem se assumir compromissos ou vínculos posteriores.

“xavecam”⁷, mostram seus interesses, contando com a facilidade de terem a ajuda de pais e amigos que os levam e vão buscar e também com variado sistema de transporte coletivo. Os shopping “s” também são lugares preferidos por alguns adolescentes que não dependem mais dos pais para seu deslocamento, por auto suficiência em seu meio de locomoção ou porque já conquistaram a autorização dos pais (família) para suas saídas de casa.

Diferentemente da quase total substituição das praças e esquinas pelos shopping “s”, há também os bares, lanchonetes, “traillers” de lanches e cervejarias, em lugares estratégicos nos bairros, que continuaram com a tradição de juntar toda a “galera” em um determinado lugar, em certos horários e dias da semana. A cada temporada de verão (geralmente férias escolares), surge um novo ponto de encontro, um novo “point”, substituindo o anterior, onde toda “a galera”⁸ se encontra para zoar⁹. Nestes espaços freqüentados também por quem que não pode ir muito longe de casa, é que os jovens travam conhecimento com outros jovens. Neles, acontecem os “xavecos” e a marcação de encontros, para cinema, boates, cervejarias, danceterias e outras festas, algumas marcadas em horários noturnos mais avançados.

⁷ XAVECO : Conversa amorosa e lânguida que geralmente inicia a conquista amorosa e/ou sexual.

⁸ GALERA : grupo de amigos e colegas, que geralmente têm as mesmas afinidades.

⁹ ZOAR : Se divertir, inventar e contar piadas, rir dos outros, tirar sarro do colega, jogar conversa fora, etc. ...

Tais festas substituíram os bailes de antigamente, realizados em clubes ou em residências e dos quais podiam participar quase todos os membros da família. Estas festas são realizadas em danceterias e boates sem a presença dos pais ou outros familiares, com um fim determinado de consumo, (ver a festa do chope ou da cerveja, por exemplo). Dão oportunidades ao adolescente de experimentar uma outra maneira de ser ou de se comportar, aparentemente de acordo com o seu interesse.

Muitos adolescentes, como os desta pesquisa, procuram tipos de festas ou atividades de lazer, identificadas com seus gostos e interesses. Por exemplo, onde se toca o tipo de música que ele gosta, ou onde vai toda a “galera” que conhece, etc. ... para tanto, também investem em todo um visual específico, caracterizado pelas roupas, sapatos, corte de cabelos ...

Como forma de atração para o público adolescente, que foi descoberto como um filão para novas modas de consumo, os lugares para encontros principalmente dos jovens, como as danceterias, boates e bares, passaram a investir em um mercado cada vez mais significativo de gostos e interesses diferentes : camisetas, chaveiros, bonés, tênis, bebidas, músicas, e outros produtos, com sua logomarca e grifes, marcando o público que é seu freqüentador e consumidor.

De acordo com este novo público freqüentador, os mesmos espaços de encontros, passaram a organizar, cada vez mais, atividades que possibilitam contatos físicos mais intensos, o que faz com que se tornem “points” famosos, aumentando o número de freqüentadores e em consequência, criando moda e incentivando o consumo.

Estas atividades, que acontecem em finais de semana, como as “domingueiras”¹⁰ dos clubes dos anos 50 e 60 do século XX, funcionam no horário da tarde para os considerados muito jovens. Além de muita música para dançar, oferecem oportunidade para que aconteçam situações que propiciam contatos físicos mais intensos entre os seus participantes, já que a dança hoje, muito individualista, não oferece esta oportunidade. Através de “brincadeiras”, é incentivada a participação dos adolescentes facilitando também a sedução e a conquista amorosa. Tais situações são esperadas ansiosamente, principalmente por adolescentes que não têm muita oportunidade de sair de casa e ir a espaços diferentes em outros dias e/ ou noites da semana, ou são muito tímidos para tentar uma conquista ou um relacionamento amoroso em outros espaços de festas e reuniões.

Inúmeras “brincadeiras” das danceterias, inclusive a do bairro onde moram os adolescentes desta pesquisa, são imitadas mesmo em festas

¹⁰ Bailes de jovens que eram realizados aos domingos ou sábados à tarde.

escolares, como, por exemplo, a Hora do Black Out. O “barato”¹¹ da festa acontece quando as luzes são apagadas, de hora em hora, durante alguns minutos, ficando todos na quase completa escuridão. Neste momento de “apagão” é que os adolescentes aproveitam o máximo, segundo eles, para abraçar, beijar, beliscar, dar “amassos”¹², em quem se deseja, procurando alguém mais especial ou aproveitando quem está por perto para passar a mão em seu corpo ou dar um beijo relâmpago: *“O clima que rola é muito quente”* (adolescente masculino de 15 anos). Desta maneira, através de uma “brincadeira”, aparentemente divertida e inócua, a festa se transforma, em um dos lugares onde se aprende, se treina a sedução e conquista, e se tem licença para pôr em prática alguns desejos mais intensos.

No escuro, se pode aproveitar para fazer o que se tem vontade e segundo as meninas, quem nunca foi em uma dessas festas, quando for a primeira vez deve ficar “esperta” :

“ ... porque como não tem experiência, pode não gostar do passa mão”, também “se o adolescente for acompanhado por algum adulto, sua presença pode impedir de fazer a atividade “ (adolescente feminina de 14 anos).

¹¹ “Barato” : algo legal, bom de acontecer, novidade, o que alguém acha uma “curtição”.

¹² “Amassos”: Colar o corpo bem forte junto ao corpo do outro, tocando-o, apalpando-o ...

Uma outra questão é a presença do adulto, que geralmente atrapalha a festa, em dois sentidos, pode se escandalizar e não deixar mais que o adolescente, sob sua responsabilidade, participe e / ou sua presença pode inibir o adolescente, mesmo que não interfira ou dê sua opinião. Este adulto emitirá, mesmo que em silêncio, uma opinião favorável ou não, fazendo com que o adolescente se veja obrigado a tomar uma posição frente a uma opinião que não pediu e a pensar mais detidamente sobre ela.

“Quando a gente começa a pensar o que nossa mãe pode falar sobre isto, a gente põe o rádio bem alto, pra não escutar” (adolescente masculino de 16 anos).

O fato de pensar ou não sobre a opinião do adulto, poderá influenciar suas experiências futuras, pois esta mesma opinião sempre estará entre ele e as decisões que tiver que tomar.

Outra “brincadeira” ou atividade é a do “selinho”. Quando os adolescentes entram na festa, cada menina escolhe a cor do “selinho” que quer e pode receber. É um pequeno papel colorido e autocolante, uma fitinha colorida para o pulso, um adesivo fosforescente, uma etiqueta personalizada com o nome da pessoa ou da festa, para ser colado na testa ou na mão. Como este “selinho” foi transfigurado em sua idéia original, dependendo de quem está patrocinando a festa e / ou do dinheiro investido, pode se transformar até

em uma pulseira ou um cordão para o pescoço, uma camiseta, uma tiara para o cabelo, um crachá diferente, etc...

O “selinho”, geralmente, tem as três cores dos sinais de trânsito. Um, o verde, é para o trânsito livre, isto é, para as meninas que estão disponíveis para “ficar” e poderão aceitar as investidas dos meninos mais facilmente. Outro, o amarelo, é para as que já estão de “rolo”¹³ com alguém, mas eventualmente, e dependendo do interessado, também “podem ficar”. O selo vermelho é, a princípio, para as que não estão disponíveis de jeito nenhum, porque têm namorado ou não querem “ficar”.

Os meninos não recebem selo, porque devem estar sempre disponíveis, é deles “...a obrigação de ser quem dá conta do recado” (adolescente masculino de 14 anos).

Algumas meninas escolhem o selo amarelo, porque assim podem decidir, mais facilmente, com quem querem “ficar” na festa. Se o menino for quem ela quer, ela “fica”, senão ... ela tem como escapar. A disponibilidade das meninas, no entanto, pode mudar durante o percurso da festa o que mostra o caráter passageiro e variável da duração do “ficar” e da fluidez do poder de sedução entre eles. Por exemplo, as que estiverem com o selo verde ou amarelo, poderão mudá-lo para vermelho se encontrarem alguém interessante

¹³ “ROLO”: “ficar de rolo” é um tipo de envolvimento ou início de compromisso, que pode ser preliminar ao namoro, depois que se “ficou” com alguém. Ele pode “durar” uma hora, duas, um dia, dois dias, uma semana

e ambos quiserem “ficar” juntos todo o tempo. Outras adolescentes podem também fingir que são comprometidas fazendo-se de difíceis para tornar a conquista mais prazerosa, ou mesmo “... *não querendo ficar*”, e para isso usam o selinho vermelho; os meninos podem escolher as que estão disponíveis e se quiserem, “... *tentar conquistar alguma garota que se faz de difícil* ” (adolescente masculino de 16 anos). Elas podem também fazer um charme maior para os meninos, escolhe-los mais devagar ou observar mais de perto algum menino e ver se vale mesmo a pena “ficar” com ele ou com outros meninos da festa e, acima de tudo, “... *fugir à obrigação de ter que “ficar” com alguém em toda festa que vão !*” Isto tudo vira “... *uma zorra total ...*” (adolescente masculino de 14 anos).

“*Às vezes, a pessoa fica depois vê que não era aquela pessoa que você queria, às vezes, encontra a pessoa certa, então é melhor ir devagar ...*” (adolescente feminina de 15 anos).

Os meninos, não só na festa do “black out” ou “selinho”, mas em todas as festas e ocasiões em que se virem diante de situações amorosas ou sexuais, terão por obrigação (socialmente é esperado isso deles), estarem prontos para “ficar”, investindo, jogando um “xaveco”, sob pena de sofrerem sanções, se sentindo incapazes e “peixes fora d’água”, serem isolados pelos amigos ou serem olhados de forma diferente pelas meninas.

talvez, ou até mais, se os parceiros tiverem algum interesse um no outro, ficando desta forma de “rolo”,

Muitos praticam intensamente aquilo que é esperado deles : gostam de mostrar seu lado sedutor, sensual, charmoso, reforçando desta forma uma possível fama de conquistador.

Das meninas, se espera que, contrariamente aos meninos, aguardem ser cortejadas ou conquistadas, práticas do passado ainda incorporadas. Aquelas consideradas rebeldes, transgressoras, fazem cair por terra o papel da “... *princesa que espera o príncipe encantado, deus me livre ...* ” (adolescente feminina de 15 anos). Estas meninas, quando se interessam por algum menino, vão à luta para conquistá-lo, enviam recados pelos amigos e amigas, dão umas “secadas”¹⁴ nele, passam perto do menino, descobrem o telefone dele, telefonam, etc. ... mesmo que este menino esteja namorando ou tenha ficado com algumas de suas amigas.

“... a gente fica quando a gente gosta de um garoto e a gente só quer curtir o momento de amor e às vezes, quando se sente sozinha procuramos alguém” (adolescente feminina de 15 anos).

As atividades programadas nas festas, aproveitam-se dos que estão prontos para transgredir e não querem aceitar o que é esperado deles. Acabam

podendo também a vir começar um namoro. É quando se manda bilhetinhos, se telefona etc. ...

¹⁴ “SECADA” : passar perto de alguém e lançar olhares sedutores, ou ficar “mirando” alguém até que ele ou ela, se aproxime ou permita a aproximação.

sendo usados, controlados de uma outra maneira, sem saber que o estão sendo, através da facilidade que, hoje, tanto meninas quanto meninos têm, para expor o corpo, para conquistar e se expressar amorosamente e sexualmente. Esta é uma forma de se explorar sentimentos, vontades e desejos, direcionando-os para serem expressos em lugares e espaços criados para encontros e relacionamentos amorosos.

Estes adolescentes, em geral, veem a adolescência como um tempo que passa rapidamente, e que pode ser, o melhor período de suas vidas. Não querem mais ser chamados de crianças, tentando, assim, se afastar da infância, gostam de se contrapor ao que consideram “antigo” e tentam comportar-se pautados pela idéia do que acreditam ser “jovem e moderno”. São levados, paulatinamente, pela família e escola, a aprender e assumir novos papéis que os fazem ajustar-se a uma sociedade cada vez mais complexa e competitiva.

IV. A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL DO ADOLESCENTE

*“... fazem muito alarde sobre a sexualidade,
mas, ela é como nascer e morrer,
faz parte da vida”*

(adolescente masculino de 16 anos)

No livro, *História Social da Criança e da Família* de Philippe Ariès (1981), pode-se compreender o processo de ajustamento dos indivíduos a novos papéis sociais, e como ele foi ocorrendo ao longo dos anos. Considerando, as sociedades medievais descritas neste livro, as crianças, mesmo pequenas, logo que podiam se cuidar sozinhas, eram incorporadas ao mundo dos adultos e, de uma certa maneira, não existia consciência sobre as particularidades que as pudessem diferenciar do adulto.

Na sociedade moderna, entretanto, tenta-se, cada vez mais, através de estudos em várias áreas do conhecimento, estabelecer estas particularidades e caracterizar o desenvolvimento e amadurecimento dos indivíduos desde a mais tenra idade; para tanto, eles são separados em fases ou períodos de vida distintos, controlados dentro de um núcleo familiar e inseridos desde pequenos em um amplo sistema educacional. O indivíduo, mais facilmente, aprende a sujeitar suas atitudes e comportamentos às normas e regras sociais e culturais que têm como finalidade prepará-los para inserção nas atividades da vida adulta.

A adolescência, assim como a infância, passou a ser caracterizada como uma fase da vida em que não se tem maiores responsabilidades e que deve servir de preparação para a vida adulta. Pouco a pouco, foi normatizada pelo estabelecimento de determinados comportamentos que lhe são atribuídos

como características universais. Passou a ser classificada como uma fase distinta da vida, que chega logo após o término do período infantil, tornando-se uma fase de transição entre a infância e a idade adulta.

O conceito de “adolescência”, nascido no século XIX, foi paulatinamente construído durante o século XX, através de modos de comportamento e de pensamento¹⁵. Classificado como uma “fase” do desenvolvimento humano passou a ser considerada como um período crítico na formação do indivíduo, compreendendo desde o início da puberdade até o que é estabelecido como total amadurecimento físico, social e psíquico. É tida ainda, como uma fase intermediária entre a infância e a idade adulta, e se espera que, ao seu final, o indivíduo esteja “pronto”. Como se isso fosse possível !

Muitos estudiosos se apegaram a esta conceituação da adolescência, através, principalmente, de parâmetros de mudanças biológicas e físicas, havendo, uma definição do que ela é, e portanto, também, uma conceituação do que ela não é. Pesquisas surgiram, então, se constituindo em estudos que descobrissem vários outros aspectos da adolescência, e que se possibilitassem da melhor maneira possível, orientar os jovens em suas diversas etapas de

¹⁵ No século XIX, o nascimento da adolescência foi vinculada à higiene social, pretendida por médicos e reformadores sociais. No século precedente, porém, a “educação do sexo”, apropriada pelo discurso psicopedagógico, foi substituída pela necessidade de preparação do adolescente para os papéis sociais e sexuais da maturidade: “... tornava-se fundamental normatizar os instintos sexuais emergentes, para que aqueles indivíduos pudessem se inserir na sociedade” CÉSAR, Maria R. de A. , 1998, p. 94.

desenvolvimento, produzindo assim indivíduos adultos mais felizes e mais adaptados à vida social.

O eterno ideal da felicidade, continua sendo buscado por cada geração que surge, através de novas tentativas de conceituação sobre esta “fase”.

Para César (1998) esta idéia , deixa transparecer um grau de tensão entre a necessidade infinita de definir a adolescência, e a dificuldade na construção de seu conceito”, pois o conjunto de conceitos que se aceitam como seus, caracterizam a adolescência como :

“... o período da vida ou fase do desenvolvimento em que o indivíduo não é. ... não é mais uma criança, mas ainda não é um adulto, idéia expressa coloquialmente na imagem da “adolescência” como idade do retalho “: trata-se de indivíduos grandes demais para serem “descartados” e, pequenos demais para serem aproveitados” (César, 1998, p. 47).

Nesta perspectiva, a naturalização da adolescência pautada pelo que não pode ser definido, “pelo que não pode ser possuidor de características gerais, normais ou anormais”, esvazia a tentativa de conceituação. No entanto, as “supostas certezas” descritas e pesquisadas, orientaram a crença de que

muitos outros aspectos estariam sendo encobertos, e desta maneira isso dificultaria a sua conceituação.

Atualmente, a adolescência, está deixando de ser considerada por muitos estudiosos, como uma “fase da vida” que precisa ser corrigida ou um período de intensa felicidade, para ser pensada como uma fase de “... possibilidade da alegria e do prazer sem compromissos, segundo as projeções dos adultos, aos quais tal felicidade aparece agora como barrada e impossível” (César, 1998, p.116).

Ao adolescente resta obedecer o imperativo de ser feliz a qualquer custo, não importando mais se a “crise” existe ou não, pois a adolescência se transformou no último lugar onde a felicidade passa a ser possível, acrescentando-se a ela o ingrediente do prazer. A adolescência passa a ser preservada, estendida em idades cronológicas não mais determinadas ou demarcadas, para que o indivíduo “ganhe mais tempo sendo feliz”. Esta relação entre juventude, felicidade e prazer sem compromisso, passou a ser intermediada por uma nova prática : os fetiches da sociedade de consumo.

Desta forma, um novo aspecto se apresenta, delimitando agora a adolescência como o protótipo da felicidade, mediada pelos objetos de consumo, marcada pelo seu “tempo”, isto é, emergindo da sociedade em que o indivíduo está situado. Um “olhar sobre a adolescência” é um “olhar para” a

sociedade em que ela está inserida, com todas as suas formas de representações e ideologias.

1 . A sexualidade também é construída

Assim como a adolescência foi normatizada e naturalizada constituindo-se em uma fase e/ou etapa específica da vida, a sexualidade também vem sofrendo o mesmo processo, através de modos de relacionamentos normatizadores dos comportamentos dos indivíduos.

O acesso aos direitos da vivência da sexualidade é negado aos adolescentes, pela sociedade, a todo instante. Como adolescentes são considerados adultos não formados ou crianças mais crescidas (estas também não têm este direito), ainda não estão “prontos”. Suas descobertas sexuais ou amorosas, consideradas precoces ou fora do comum, serão, assim, investigadas, psicologizadas e mais uma vez normatizadas, e o acesso aos direitos da vivência da sexualidade somente lhes será “dado”, quando crescerem.

Os aspectos da sexualidade dos adolescentes, ficam centrados em um modelo de forças desiguais, o modelo adulto, hierárquico e como tal, constituído como centro do saber sexual, se sustentando, desde muito tempo atrás, por dogmas religiosos, científicos, morais e de convivência social. Estes

modelos de saber, no entanto, vêm sendo desconstruídos, aos poucos, pelas novas gerações, que não se satisfazendo mais com eles, trazem à tona, a discussão sobre a hipocrisia do “faça aquilo que eu digo e não o que eu faço”.

Michel Foucault, em *História da Sexualidade* (1988), salienta que a sexualidade se constrói não apenas no aspecto biológico, mas principalmente no imaginário de cada um : a sexualidade se coloca não apenas no palpável, mas sim no discurso que sustenta o palpável, ideologia subjacente aos padrões de “normalidade” impostos na convivência social. Assim, o seu controle e fiscalização, que são elementos disciplinadores necessários para a manutenção da lei e da ordem, acabam ditando as normas e condições sobre o pensar e falar, tornando-se elementos, que ditam as normas do que é certo e errado, o bom e o mal, instituídos pelos saberes normalizadores da verdade e do próprio exercício do poder. A verdade e o exercício do poder se tornam, assim, disciplinadores da sociedade, fornecendo as regras para as práticas e as relações sociais, através dos saberes produzidos que desta forma se tornam matrizes para os padrões a serem instituídos.

As tentativas de manipulação da sexualidade se mostram como mecanismos reguladores e controladores dos indivíduos, se tornando mais do que catalisadores de discussões e de reflexões críticas ou de questionamentos

de valores, de preconceitos e estereótipos, que possam auxiliar a pensar outras formas de compreender a sexualidade e a própria vida.

O discurso homogeneizador, com determinadas regras, condições e regimes, é permitido, porque reconhecido como socialmente verdadeiro. Assim, a sexualidade e suas manifestações sexuais e amorosas só podem surgir e acontecer, quando os adolescentes forem homens e mulheres adultos. Através deste discurso se exige que crianças e adolescentes, estejam atentos para aprender o que se quer que aprendam e a falar e a se comportar segundo padrões pré estabelecidos.

2 . A mídia como fator de mudança social e cultural

As mudanças sociais e culturais do mundo, hoje, altamente marcadas pela tecnologia, afetam profundamente a sexualidade. Este mundo, competitivo e individualista, faz com que ao mesmo tempo em que existem muitos silêncios sobre as expressões da sexualidade também estas são escancaradas de “modo perverso”¹⁶, fazendo surgir uma dicotomia entre amor / prazer. Este mascaramento da sexualidade, é uma forma de continuar

¹⁶ Basta verificar a quantidade de programas de televisão que trazem para apresentação e discussão pública, questões de paternidade, uniões homossexuais, separações e divórcios de atores e indivíduos de vida política. Também existem revistas especializadas em escancarar a vida privada de ricos e famosos, trazendo a público sentimentos, modos de vida e particularidades.

mantendo o silêncio sobre ela, postergando seu conhecimento ou pelo menos a consciência de saber que ela existe e pode se traduzir em diferentes aspectos na vida de cada um.

Hoje, fala-se mais facilmente e abertamente sobre a camisinha masculina e / ou feminina, doenças sexualmente transmissíveis, métodos anticoncepcionais e gravidez, castidade e sexo, mas mesmo que hajam considerações a respeito, ainda não são incluídos outros aspectos como o amor, a amizade, o desejo e o afeto. Desta forma, e como diz Foucault (1988, p.30), existe uma “... divisão binária entre... o que se diz e o que não se diz ...” , fazendo surgir um processo rígido de diferenciação entre todos estes aspectos que as questões da sexualidade levantam. Portanto, de forma dicotômica, os aspectos sexuais e os afetivos se contrapõem, como se um não pudesse viver junto com o outro, ou um negasse a existência do outro, não podendo nunca caminhar juntos. Esta não visualização das possibilidades de um caminho compartilhado entre o sexo e o amoroso ou afetivo, acaba delimitando, rigidamente, ambos os lados em separado e orientando para uma classificação do que pode ser explícito e também do que precisa permanecer secreto (e, portanto, sabe-se que existe).

Esta separação acaba deixando oculto um ou outro aspecto, o amoroso no sexual e o sexual no amoroso, podendo também enfatizar, às vezes, um e

outras o outro. Sabe-se, assim, que estando ambos presentes todo o tempo na sexualidade de cada um, estarão também sempre definindo, desta maneira dual, o que é e não é, o que pode e o que não pode, o que é certo o que é errado.

Ainda segundo Michel Foucault (1988), diversas maneiras são criadas ou produzidas socialmente e culturalmente, para não se falar sobre a sexualidade, ou sobre os relacionamentos amorosos e / ou sexuais, mesmo que aparentemente se tenha a impressão de que estão sendo discutidos ou vividos intensamente.

Vejamos hoje, a influencia da mídia, que, a serviço de um modelo social, político e econômico, centrada em um marketing para o consumo, determina para os indivíduos, o que pode e o que não pode, o que é e não é, cria modelos de comportamentos, alterando atitudes e passando novos valores. Além disso, não permite espaços para que reflexões sobre mudanças e alterações aconteçam, passando ao largo de uma maior discussão sobre elas. Mesmo que alguns meios de comunicação, venham auxiliando a desmistificar muitos dos valores que permeiam atualmente a sexualidade, criando outras formas de vê-los e vivenciá-los, existem, outros que os reforçam e / ou os incentivam, exigindo competência, usando contraditoriamente o aviso de “cuidado”.

Pode-se ter como exemplo o valor que vem adquirindo a “onda funk” nos últimos tempos. Quando surgiu, e até há pouco tempo atrás, ela vinha sendo um modelo de contestação de alguns grupos sociais que, vivendo a miséria e a violência em seu dia a dia, as expressavam através das letras de suas músicas e de todo um estilo característico de dançar e até de andar. O tráfico e o uso de drogas por estes grupos também se tornou uma preocupação. Enquanto estas questões estivessem mantidas dentro do grupo, o controle estava estabelecido.

Mas, quando estes grupos “funkeiros” se reuniam, principalmente se encontravam grupos rivais frente a frente, acontecia um quebra-quebra generalizado. Começaram assim, a atrapalhar a disciplina e a ordem social. Como controlar, agora, esta turba ?

Uma nova forma, então, de controle foi instituída : a apropriação da força e energia que já havia e o aproveitamento também do desejo e do interesse do adolescente em ser diferente e vivenciar coisas novas. Para chamar então sua atenção, surgiram as estratégias de marketing, que vinham ao encontro de seus interesses : as letras das músicas, o modo de dançar e de se vestir, foi tudo mudado. Até mesmo os próprios cantores já não eram os mesmos de antes. Foi a partir daí, então, que a “onda funk” explodiu nas discotecas, rádios, canais de televisão, revistas etc. ...

As letras de músicas passaram a ser teatralizadas, através de movimentos corporais. Músicas e gestos passaram a abordar principalmente o aspecto sexual, através da representação do ato sexual. As expressões faciais, instituindo a primazia do prazer, são incentivadas pelos “atores-dançarinos” que devem ostentar um corpo “malhado e sarado”; as roupas diminuíram de tamanho “desnudando” mais o corpo e assim por diante. Tudo isso trabalhado pela mídia, que cumpre um papel esperado, explorado e incentivado pelo consumo e, imposto ao indivíduo.

Diante desta situação e de outras vividas hoje, uma nova proposta de se entender ou viver a sexualidade, só poderia ser constituída se houvesse a intenção de se mudar a dualidade, explícita nesta experiência dos “funkeiros”, assim como muitas que se vive atualmente, e que dicotomizam fortemente aspectos sexuais, amorosos ou afetivos. Esta proposta, estaria baseada, então, não em fundir estes dois aspectos num só, mas, sim, em atrelá-los um ao outro. Esta seria uma nova possibilidade que não inviabilizaria nem um lado nem outro. O novo desta forma se constituiria não em fundir o feio e o bonito, o masculino e o feminino, mas, na possibilidade de uma composição entre o forte e o fraco, o feio e o bonito, o masculino e o feminino; na ousadia de não se ser mais uma coisa só ao longo da vida e o poder de representar, desejar e

escolher o que se quer ser, estabelecendo diferentes maneiras de se lidar com novas situações e novas identidades.

Enquanto esta possibilidade de escolhas ainda não é possível, os modelos de comportamentos continuam sendo construídos de forma dicotômica, principalmente, por “...muitos silêncios ...” que são parte “... integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos” (Foucault, 1988, p. 30), das instâncias normativas e disciplinadoras.

Estes “muitos silêncios”, podem, porém, quebrados pelas resistências de cada nova geração, criar as necessidades e os modos de ser e fazer “diferentes”. A cada dia as gerações podem surpreender com uma moda “rebelde” que não se sabe exatamente de onde vem ou quem iniciou. E mesmo que a cada um destes movimentos de resistência surja, em contrapartida, o estabelecimento de novos modelos ou padrões sociais e culturais, correspondentes à produção de novas regras e normas contra esta resistência e contestação, sempre será estabelecido um círculo que se movimentará continuamente, fazendo, com que, se em um dado momento, o discurso está com o grupo ditador de regras, em outro momento, ao surgir o grupo contestador, será apresentada uma nova idéia, que estabelecerá um verdadeiro vai e vem entre poder e resistência.

Enquanto mudanças profundas não são estabelecidas, neste processo de resistência (que também é uma forma de poder) e poder, o controle continua tendo como representação, ainda, códigos e regras normalizadores de conduta, derivadas de modelos de comportamento, que visam a valorização da juventude como protótipo da eterna idade e a realização do desejo imediato do encontro da felicidade.

3 . O consumo como base formadora das relações

Para Jurandir Freire Costa (1999), a lógica da representação do controle, marcada pelo consumo e a exposição do corpo, se concentra na forma narcísica como os indivíduos vêm sendo formados, sendo “ ... ainda mais plausível mostrar como a voracidade consumista vem modelando as relações humanas, na maioria dos casos e na maioria dos fatos” (Costa, 1998, p. 136). Tal lógica é sugerida como uma tática para evitar sofrimentos, não havendo mais espaço para estes últimos, produz-se desta maneira, uma sociedade em busca do prazer e felicidade individual, que devem ser instantâneos e obtidos através da aquisição de fetiches pelo consumo. A realização destes desejos, para Jurandir Freire Costa (1994) ¹⁷ ainda, é feita

¹⁷ “A receita na aparência funcionou. Com dinheiro, poder e sucesso temos tudo o que é preciso. Os passos até lá são variados. Uns preferem a competição, a inveja, o stress, o parasitismo especulativo e

através da sua imediata satisfação, muitas vezes passando por cima dos desejos e direitos do outro, o que produz uma felicidade ilusória, e cria logo a necessidade de outra busca. Este processo é centrado na produção de algo palpável para consumo, que a princípio se pode obter quando quiser e como quiser.

Bebidas, perfumes, cigarros, roupas, carros, e até produtos aparentemente inócuos, como creme dental (querem mostrar sorrisos, dentes perfeitos e boca perfumada), e que na maioria das vezes, não proporcionam o que prometem, são fetiches utilizados para propagar um estilo de vida centrado no prazer individual, conseguindo também proporcionar frustração àqueles que não têm acesso a tais produtos. Alguns desses produtos, são dirigidos a grupos etários específicos e a cada diferente faixa de poder aquisitivo, intensificando o mito da juventude, beleza e poder econômico, o que produz assim, uma classificação massificante dos indivíduos e uma sociedade altamente discriminatória.

Esta sociedade, centrada num mundo de mercados, produz a cada dia, novas necessidades a serem atendidas, tendo à disposição safras de produtos e programas novos, que se utilizam de recursos de propaganda ligando,

superexploração dos mais frágeis; outros preferem o roubo, o assalto, o seqüestro, o tráfico de drogas, as negociatas e a corrupção. O cardápio é opulento. Fica ao gosto do freguês”. COSTA, Jurandir Freire. 1994, p. 12.

intimamente, a vivência da sexualidade ao consumo destes mesmos produtos e programas.

Para esta busca do prazer e da felicidade pelo consumo, também se impõem novos modelos de conduta, surgindo, assim, uma pseudo liberalização dos costumes sociais : os corpos passam a ser mais mostrados, a sexualidade saiu do espaço privado, de quartos e dormitórios, para ser escancarada no público, tornando-se um problema político, vista e revista por centenas de pessoas sentadas frente à televisão, através da internet ¹⁸ ou nas consultas às revistas e aos jornais, cada vez mais dirigidos a públicos específicos : adolescentes e jovens, crianças, adultos do sexo feminino e/ou masculino, homossexuais, GLS, mulheres grávidas, pais, etc. muitas vezes, reforçando estereótipos e preconceitos, sobre a fecundação, aborto, orientação sexual ...

Aparecem conselhos, receitas e modelos para os relacionamentos e comportamentos da moda; como se vestir, andar, falar, o que é “ser in e ser out”. Nas academias de ginástica, estão as últimas novidades em exercícios corporais para produção do corpo “malhado e sarado”; em colunas e reportagens de jornais, alguns “especialistas em sexualidade”, descobriram um

¹⁸ A fala dos adolescentes sobre isso, além de mostrar um interesse cada vez maior pela tecnologia, também demonstra o acesso fácil que eles têm a determinadas formas de explicitação da sexualidade : ...” a gente gosta de ver fotos eróticas no computador...” (adolescente masculino de 13 anos).

enorme filão, sobre o qual podem emitir suas opiniões e conselhos profissionais em relação ao que é correto ou não.

Modos de comportamento e questões sobre a vivência da sexualidade, passaram a ser abordados por programas de TV e pela mídia em geral, através da abertura de canais para debates e perguntas sobre questões que afligem a todos, sugerindo a possibilidade de se empurrar para longe conflitos que possam existir e também de que tudo pode vir a ser permitido, desde que venha ao encontro da conquista da felicidade e do prazer. Estes tornam-se o ideal de vida a ser buscado.

“ ... a adolescência torna-se assim o último espaço possível de “felicidade” e prazer, mediado pelos fetiches da sociedade de consumo, em relação à morosidade da idade adulta ” (César, 1998, p.118).

Observa-se assim que o momento atual, vivido por toda uma geração de jovens, desloca a sexualidade para vários lugares; ela se exterioriza do ser indivíduo para o ter objetos / mercadorias. Desta forma, é ela vivida intensamente, a partir de uma constante busca de satisfação e prazer exterior, o que faz com que logo um objeto de desejo seja substituído por outro mais forte e potente, produzindo uma falsa sensação de saciedade. Nesta busca

incessante é necessária uma constante estimulação. Aí, entram a mídia e todo o marketing do consumismo, para que não se instale o enorme “vazio” provocado pelo prazer e felicidade perseguidos, mas não atingidos.

4 . A transgressão como precursora de mudanças

A busca da felicidade pelos indivíduos, seja coletiva ou individualmente, é uma brecha para que a sociedade imponha modelos aos relacionamentos sexuais e afetivos. Um exemplo de contestação desta situação, foi o movimento do sexo e do amor livre, iniciado pelos hippies, nos anos 60 do século XX, que levantou questões sobre a maneira como a sociedade impõe ao sexual e afetivo de cada um, modelos e padrões de comportamento e relacionamento. Este movimento, que auxiliou a implantação de mudanças nas manifestações amorosas, pregava a necessidade da renovação social, política, cultural e econômica mundial e é, até hoje, lembrado através do slogan “ Paz e Amor “. Uma das bandeiras deste movimento, era a possibilidade de transformar a forma conservadora e tradicional como a sociedade familiar vinha se constituindo, até então.

Dele, originou as uniões livres entre os casais, isto é, uniões sem vínculo legal de constituição, tendo como pano de fundo, o amor solidário e a

transformação do estar junto sem as convenções sociais. Desta proposição, possivelmente surgiu uma variante, a “Amizade Colorida” (anos 70 e 80), em que homens e mulheres, podiam se relacionar e até viverem juntos durante algum tempo, não importando se na mesma casa ou em casas separadas, estando implícito, aí, que também podiam manter outros tipos de relacionamentos amorosos e sexuais com escolhas de parceiros variados. A intenção era de que se gozasse de liberdade sexual, e que a fidelidade e o compromisso não fossem uma condição imposta e constante para se estar junto.

As separações dos casais, casados ou que viviam juntos, também começaram a acontecer sem muita censura (o que não acontecia antes), inaugurando um novo modelo de família. Um grande número de novas famílias começou a se constituir, unindo pais e filhos, oriundos de famílias desfeitas, formando uma terceira com filhos só de mães e/ou filhos só de pais, acrescentando-se os nascidos destas novas uniões. Muitas destas uniões e relacionamentos passaram a ser constituídas, também, sem vínculos legais de casamentos civil e/ou religioso, tornando-se uma prática que hoje, diferentemente de alguns anos atrás, não escandaliza mais ninguém.

O amor livre dos hippies, baseado nos ideais de fraternidade, companheirismo, se tornou um símbolo para as famílias constituídas sem a

intenção do “até que a morte nos separe”; ou seja, era preciso primeiro experimentar o relacionamento a dois, conhecer o outro intimamente e talvez, pensar depois no eterno enquanto durasse.

Este tipo de relacionamento se constituiu em uma forma de transgressão aos valores tradicionais, antes impostos aos namoros dos jovens, que os levava obrigatoriamente para o noivado e logo depois para o casamento. Desta relação de “amor livre”, assim chamada por estar descompromissada do casamento e também da monogamia, originou-se possivelmente, no final da última década do século XX, um relacionamento amoroso e ou sexual menos duradouro, transitório e desprovido de compromissos, principalmente entre os mais jovens, denominado de “ficar”.

Mesmo que novas formas de compartilhamento de uma vida conjugal sejam criadas, por quem as vive intensamente, outras formas de discurso sobre a sexualidade vem se contrapondo a elas baseadas, agora, no direito de liberdade de escolhas, pontuadas e reformuladas sob um novo enfoque de controle, sem que nos apercebamos disso.

Também entre os jovens, sempre haverá uma parcela de indivíduos questionadores, ou talvez mais críticos, lutando para ocupar espaços, e “pôr a boca no mundo”, não aceitando passivamente as diferentes formas de controle que se apresentam. Muitos deles, não têm o mesmo comportamento dos

jovens de alguns anos atrás, que recebiam sem contestar interferências, também, em seus relacionamentos afetivos. Hoje, segundo Costa, (1994), os mesmos jovens são bombardeados com muitas opções e fazem escolhas, sem o peso da tradição que, há algum tempo atrás, dizia como seus avós e pais deveriam se comportar e pensar.

Jovens contestadores e questionadores da ordem social são possuidores de uma atitude de aparente rebeldia e indisciplina, que faz surgir demonstrações de resistência em relação aos modelos e padrões de comportamento que a sociedade lhes impõem. Em razão disso as roupas diferentes, os cabelos cortados ou pintados à sua maneira, as músicas barulhentas e estranhas, as demonstrações de carinho em público, são uma forma de resistir durante algum tempo, às tramas das relações sociais impostas, podendo, assim tornar visíveis sua vontade e desejo.

É um equívoco achar que os adolescentes aprendem só o que se quer que aprendam, e que, não vivem e não conhecem a sua sexualidade. A despeito de viver (ou não), segundo critérios e valores sociais e culturais pré-estabelecidos, os adolescentes estão continuamente re - descobrindo sua sexualidade, porque esta ainda está sendo construída, e aliás, o será ao longo da vida e da história de cada um cujo ambiente é permeado por ideologias e visões de mundo diferenciadas.

Os adolescentes podem (e muitas vezes o fazem), estabelecer continuamente movimentos de resistência, o que faz surgir inúmeras possibilidades de vivenciar a sexualidade da forma como eles a apreendem. Muitos já tiveram suas primeiras descobertas e experiências sexuais, muito antes, até, de saber o que estas seriam, através de brincadeiras infantis individuais ou não, como de papai, mamãe e filhinho; compararam o desenvolvimento do seu corpo com o dos amigos e brincaram de jogos imaginários secretos que só eles são capazes de lembrar. Estas, e muitas outras vivências, mostram que já aconteceram descobertas da sexualidade na infância e, que elas proporcionam a cada um, a possibilidade de descobrir e construir sua sensibilidade e desejo na iniciação de uma vida sexual e amorosa.

Na rua, em casa ou na escola, (não se esquecendo que todos estes lugares envolvem instituições sociais que controlam o indivíduo), é que se concentra um grande número de indivíduos com os mesmos objetivos. Nestes lugares, no convívio com outras pessoas, os adolescentes passam por diversas situações que envolvem a sexualidade, pois, ela estará sempre presente em suas relações de amizade, e também nos conhecimentos mais íntimos sexuais e amorosos, que se constroem baseados no que se aprendeu ou se aprende sobre o outro.

As implicações destas relações são, certamente, sentir, experimentar e falar sobre sentimentos diversos, aprendendo a pensar e agir sobre o outro e sobre si mesmo, estabelecendo fronteiras e construindo limites que podem ser alcançados.

Sobre estes limites pode-se recorrer a De La Taille :

“Limite” remete à idéia de fronteira, de linha que separa territórios. Se existe um limite, é porque há pelo menos dois continentes, concretos ou abstratos, separados por essa fronteira”. (De La Taille, 1998, p.12)

Para este autor e de acordo com a reflexão que procuramos levantar neste trabalho, limites não podem ser vistos somente através de uma definição restritiva e coercitiva como comumente se faz. Sua definição, é muito mais ampla e complexa do que se imagina. Limite também pode significar uma barreira a ser transposta, com vistas a um crescimento ou maturidade do indivíduo, ou pode ser associado a algo que deve ser respeitado, como a vida, por exemplo e, portanto, não devendo ser transposto. Sob outro enfoque o limite, ainda, será situado como uma necessidade de controlar o acesso dos outros à intimidade ou privacidade do indivíduo.

Limites e barreiras enfrentados, controlados ou transpostos pelos indivíduos, se constituem pontos importantes para o desenvolvimento de seu poder de atuação e de sua autonomia. São como moedas que possuem dois lados, que coexistem ao mesmo tempo. Suas fronteiras definidas e margeadas podem ser respeitadas, ultrapassadas ou modificadas.

O adolescente, ao longo de seus relacionamentos amorosos, se vê frente a muitos tipos de limites. Um exemplo que pode ser mencionado é quando o adolescente “...tem que “ficar” em uma festa porque corre o risco de não ser convidado para outras festas ou pode ser chamado de “frutinha” (adolescente masculino de 13 anos) e em outro exemplo, quando escolhe participar de aulas de dança na escola, ou ainda quando se olha repetidamente ao espelho, arrumando o topete (cabelo), endurecido pelo gel. Em todas as situações, irá descobrir que sua intimidade está sendo devassada e terá que enfrentar os preconceitos dos colegas, das próprias meninas com quem convive e também de alguns professores. Terá que escolher entre participar das atividades, enfrentando e contornando os limites do preconceito ou deixar de fazer o que deseja e se conformar com a barreira imposta.

Se sua escolha for enfrentar os preconceitos, tenderá a uma atitude de questionamento às regras e normas sociais, pondo em cheque a ordem das coisas, organizando formas diferentes de resistência, a atitudes e

relacionamentos afetivos ditados por quem quer que seja. Isto pode acontecer, também, no momento em que perceber que algumas das decisões que lhe cabem, muitas vezes, estão sendo devassadas e destituídas de sua escolha.

O adolescente cria, em algumas situações semelhantes, uma rede de resistência, que o torna seguro para se resguardar da invasão à sua intimidade ou construção de sua autonomia. Segundo ainda, De La Taille (1998), esta resistência, resguarda sua segurança, demarcando e estabelecendo sua relação consigo mesmo e sua possibilidade de conseguir controlar seus limites, mantê-los, diminuí-los ou aumentá-los, o que mostra a mobilidade de fronteiras pré - estabelecidas.

Muitos adolescentes também aprendem a respeitar os seus limites, em seus relacionamentos, no diálogo com o outro e a partir de conversas consigo mesmos. Esta aprendizagem vai acontecendo aos poucos e de muitas maneiras.

Através de diários e agendas, por exemplo, hoje o maior sucesso entre meninos e meninas, editando uma velha idéia do passado de suas avós, e assim, como seus pais, em seus anos de juventude, os adolescentes contam para si mesmos, alguns fatos que acontecem em seu cotidiano e que lhes parecem importantes, confessando ao diário, segredos e pensamentos mais íntimos, só permitindo sua leitura aos amigos e amigas mais chegados. Muitas

mães sonham lê-los e burlam os esconderijos em que estão guardados para, secretamente, conhecer os desejos, os pensamentos, as ações e os comportamentos de seus filhos, privando-os de sua intimidade. Algumas mães ao lerem as anotações, podem reviver momentos prazerosos de suas próprias experiências amorosas, criando, também, mil maneiras de lidar com os próprios filhos e filhas, compreendendo seus comportamentos ou até tentando eliminar as oportunidades que estes possam ter para experiências amorosas e/ou sexuais previstas como dolorosas ou perigosas. Podendo, no entanto, com esta invasão privá-los, de experiências prazerosas ou não.

Os adolescentes percebem que, entre os adultos, existe uma certa visão de “perigo” relacionada ao que eles querem e podem fazer, e que estes, podem acabar extrapolando e exagerando na tentativa de controle sobre eles.

“... quando a gente abraça uma menina, é carinho, mas as pessoas já pensam que a gente vai agarrar e sair transando, que a menina vai ficar grávida e o resto. Então não pode juntar menino e menina que todos pensam logo que vai acontecer alguma coisa” (adolescente masculino de 17 anos).

Ao sentir a perda de sua privacidade e intimidade, e, percebendo as manobras, principalmente dos pais, para controle e submissão dos seus desejos e vontades, os adolescentes buscam novas maneiras de fugir das

proibições e interdições, o que pode fazer com que surjam tensões e acirramento de conflitos entre pais e filhos, inclusive dos já existentes, se houver.

Muitas vezes, conseguem burlar normas, regras e vigilâncias impostas, produzindo cada vez mais, com enorme criatividade e prazer, formas de transgressão. Inventam novas maneiras para se sentirem diferente do “careta” ou dos “coroas” que têm em casa; usam roupas coloridas e extravagantes, “gírias” ao falar, música barulhenta e de sentido dúbio (mais uma forma de transgressão, não explícita) tatuagens e piercing se espalhando pelo corpo, “fugas de casa” e das convenções sociais e familiares, em festas e outras comemorações.

Outras formas e expressões mais sutis de transgressão, envolvendo todo um grupo também podem ser percebidas. O adolescente que gosta de ter os amigos sempre por perto e que não quer ou não possui muita chance de convidá-los para sua própria casa, às vezes, inventa tarefas escolares a serem feitas em casas dos amigos, ou mesmo na escola, para poder ficar um tempo maior fora de casa, sem o controle dos pais. Outros “matam” aulas na escola para conversar com os amigos na lanchonete da esquina, “ficar” com alguém ou ir ao shopping “zoar”¹⁹, voltando para casa no horário regular de término de

¹⁹ ZOAR : brincar, rir, caçoar dos outros e das situações que se lhes apresentam.

aulas. Muitos pais nem sequer imaginam que seus filhos fazem tais coisas e, quando comunicados sobre o fato, aumentam sua tentativa de controle e vigilância, o que poderá produzir mais e mais formas de escape. Assim se estabelece, um enorme jogo de forças entre pais e filhos, entre professores e alunos e, enfim, entre toda a sociedade, que envolvida e não sabendo como lidar com estas e outras diversas situações, criam novas formas para controlá-los e discipliná-los, o que faz surgir, então, algumas características estereotipadas, como rebeldes, “aborrescentes”, estão na fase difícil da vida, etc esperando que esta “fase” passe logo.

Estes comportamentos, tidos como rebeldes e típicos do adolescente, serão, sempre, uma forma de dizer : “ *...eu sou eu meu pai é meu pai ... minha mãe é minha mãe ...*” (adolescente feminina de 14 anos) .

Reverendo o texto do livro de Maria Mariana e suas amigas, “Confissões de Adolescente” (1992), transformado, nos anos noventa, em peça teatral de muito sucesso e também em série de TV e logo depois em filme de longa metragem, observa-se a extrema eloquência com que a autora e suas amigas, dão vazão às suas angústias e “falam” sobre como é difícil ser adolescente, e aprender a estabelecer os limites de sua intimidade, dando uma idéia da ambigüidade que se vive hoje. Ao mesmo tempo em que o adolescente quer construir, através de sua autonomia, toda uma maneira de ser

e de se comportar, ele se angustia também com as exigências da vida moderna. As “falas” de que *“moderno é deixar a virgindade de lado ... é aproveitar a vida o máximo possível ... ainda se tem muito tempo para pensar no futuro”* (adolescente feminina de 15 anos) lhes são cobradas na vivência cotidiana, eles não se sentem preparados para assumi-las, querendo cada vez mais postergá-las, mas, ao mesmo tempo, desejando-as.

As regras sociais que devem ser assumidas pelos adolescentes, no moderno padrão de comportamento ditadas pelo mundo dos adultos são abertamente um controle estabelecido. Adolescentes resistem a este controle, e a partir da passagem desta fase de resistência, considerada como natural e, dentro de um determinado padrão, esperada pelos adultos, aumentarão a legião dos que se conduzem segundo as regras estipuladas.

“ E a história da minha adolescência e seus conflitos tem bastante a ver com isso. Sempre tive um gênio difícil, nunca aceitei muito bem as imposições. À medida, que fui crescendo, meu “espírito inquisidor” foi se aguçando e os conflitos familiares aumentando. Conflitos que giravam basicamente em torno de não poder sair com o namorado sem um dos meus dois irmãos de “vela” e algumas outras “leis incontestáveis” que minha mãe determinava, e do meu envolvimento com o teatro, cada vez mais sério, que a

deixava preocupada com meu contato, ainda tão nova, com um certo mundo que ela não conhecia. Em 1988 fui praticamente proibida de fazer teatro, e passei um ano distante” (Mariana, 1992, p. 80).

Esta “naturalização da crise” está vinculada às experiências novas que os adolescentes “teimam” em vivenciar, fazendo com que os adultos, temam perder o controle sobre eles e, em conseqüência, o poder de dizer como eles devem ser e se comportar. Desta maneira, os conflitos se instalam, a relação perde o caminho do diálogo, da tomada de consciência dos sentimentos e emoções e da construção da autonomia, que são básicos para o estabelecimento do vínculo afetivo.

Pelas regras e normas, que o adolescente tende a questionar e que, no entanto, lhe são cobradas e impostas, pode ter negada a sua individualidade, o que o faz ser diferente, sua sexualidade, o sexo, os gostos, os desejos, o corpo ... Ao lhe serem negados, porém, estes aspectos acabam sendo incendiados e reforçados e surgem então, formas de contestação.

Durante este processo, também, é possível surgir a tolerância dos adultos. Isto permite uma determinada aceitação das contestações, em nome da boa convivência e também porque os adultos se acham hierarquicamente superiores, podendo, então, fazer esta concessão. E este processo de tolerância

e de contestação, pode fazer com que entrem subliminarmente, na vida das pessoas, atitudes e valores novos, o que possibilitam, por sua vez, mais resistência, aceitação ou submissão, de ambos os lados.

V . A CONQUISTA E O RELACIONAMENTO AMOROSO

“... quando se “fica”,
a gente pode-se apaixonar
sem querer”

(adolescente masculino de 17 anos)

1 . O relacionamento amoroso

*“... a parte amorosa e os sentimentos
que quase ninguém fala é a mais
importante...”.*

(adolescente feminina de 16 anos)

Comportamentos de resistência, contestação e transgressão, promovidos por cada geração, podem servir de alicerce para que algumas transformações sociais venham a acontecer. As transformações que ocorreram durante séculos, nos relacionamentos entre homens e mulheres, adentraram também o século XXI, se constituindo a partir das exigências de um novo tipo de relação amorosa entre eles, exclusiva e intensa, atendendo, a um novo modelo de comportamento social.

Este relacionamento amoroso, construído a partir das exigências de uma nova ordem social, no entanto, não deve ser conceituado, sob pena de se cair em um “reducionismo ingênuo”, como diz Costa (1999, p. 161), sendo necessário então, para seu conhecimento, recorrer ao seu sentido popular, isto é, ao que é construído, não pela ciência, mas, pela vida cotidiana, pelo imaginário e realidade vivida e produzida por quem dela faz parte. Neste relacionamento, estão, centradas emoções e esperanças de felicidade. É

interessante notar, também, do mesmo relacionamento faz parte o sentimento amoroso e ainda é impossível de referirmo-nos a ele sem que possamos articulá-lo ao amor,

“ ... uma palavra semanticamente articulada a outras como prazer, bem-estar, conforto, felicidade, boa vida, alegria ou, ao contrário, a sofrimento, decepção, frustração. Ideais impossíveis, esperanças não correspondidas e assim por diante” (Costa, 1999, p. 161).

Historicamente, porém, é possível perceber que este amor, mesmo reconhecido de outras formas, de acordo com cada época, muitas vezes, não influenciou a escolha dos parceiros para uma união. Fatores culturais, ideológicos, sociais, políticos e econômicos principalmente, constituíram requisitos importantes para que tais escolhas acontecessem, não querendo dizer, necessariamente, que os próprios interessados fossem livres para fazer esta ou aquela opção.

Estes fatores podem ser observados em alguns estudos, literatura e pesquisas que auxiliaram a delinear algumas situações do relacionamento amoroso principalmente em sociedades ocidentais do século XIX e início do século XX e que em alguns lugares com valores mais tradicionais, podem ser

ainda hoje observadas. A busca em correspondências, jornais, fotos e literatura do cotidiano de sociedades ocidentais e tradicionais da época, como as pesquisas do sociólogo Thales de Azevedo²⁰ no Brasil, História Social da Criança e da Família de Plilippe Ariès e a História da Família de André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen e Françoise Zonabend, tornaram-se fontes de referências preciosas sobre a construção dos relacionamentos amorosos dos indivíduos no decorrer da história.

Através da leitura destas pesquisas pode-se traçar o perfil da forma de alguns relacionamentos amorosos que acontecem hoje, e que, por sua vez se acham, ainda, centrados, segundo Jurandir Freire Costa (1999), no amor romântico. Para este autor tais relacionamentos têm o amor romântico como “... um valor, ou seja, é algo que aponta para aquilo que devemos ter, ser, ou desejar” (Costa, 1999, p. 161) estando o sujeito portanto, ligado a um ideal de trocas, jogo de sedução e maneira de ser, baseados na perspectiva de que o amor, tanto é necessário para conceber o sujeito em uma sociedade para a qual o seu valor decorre de uma inserção socialmente definida, quanto para a constituição individual que se define por regras impostas culturalmente no que diz respeito ao estabelecimento de uma vida a dois.

²⁰ O autor traça o perfil do comportamento de determinados grupos sociais, principalmente a elite brasileira do início do século XX, quanto às regras que deviam ser seguidas para realizar a união de seus filhos segundo interesses econômicos, religiosos, morais e políticos da época (Azevedo, 1986, p.8).

Encontramos este contexto, nos estudos de Thales de Azevedo (1986), nos quais traça o histórico de muitas das uniões no Brasil, no final do século XIX e começo do século XX. Os arranjos feitos entre as famílias, estabeleciam uma relação econômica/social e estas se uniam pelo casamento de seus filhos, em sua maioria muito jovens. As uniões eram realizadas, principalmente, com o objetivo de perpetuação das obrigações morais e tradições familiares. As relações amorosas praticamente não eram levadas em consideração. O período de namoro e noivado era muito rápido e os noivos, não tinham, muitas vezes, antes do casamento, nenhum contato físico; podiam se casar sem nem mesmo se conhecerem e o sentimento amoroso de uma das partes, ou ambas, podia ocorrer ou não após o casamento, sendo este considerado indissolúvel.

Esta forma de constituição de novas famílias foi se modificando paulatinamente e, em um primeiro momento, pode-se acreditar que o amor romântico se constituiu um aspecto forte o bastante para sedimentar a situação ²¹.

²¹ No entanto, vale ressaltar que não se pode acreditar que somente esta causa foi responsável pelas mudanças, mas, outras vieram também modificar esta situação como por exemplo, a revolução industrial, a migração de famílias inteiras da zona rural para a vida urbana, o ingresso cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, o domínio das formas de anticoncepção, etc. ... que mudaram basicamente a forma de escolha dos parceiros, assim como a tecnologia e o avanço das formas de comunicação (TV, rádio, internet, telefone e outras ...) que também, se acredita serem responsáveis por mudanças de atitudes e comportamentos dos jovens.

Com o consentimento individual no estabelecimento das relações e uniões entre jovens e mesmo adultos, o namoro, o noivado e o casamento, passaram a se centralizar principalmente nos valores afetivos de cada indivíduo. A escolha dos parceiros, passou a ser pautada pela simpatia, atração física, correspondência afetiva, mas, valores ainda subordinados a grupos e / ou classes sociais, levando em consideração os ambientes que propiciam os encontros entre eles.

Alterações nas formas de escolha nos relacionamentos e uniões fizeram com que estas deixassem de ser obrigatoriamente centradas em motivos financeiros e de posição social, antes almejados pelos pais que, em sua grande maioria, combinavam e arranjavam os casamentos de seus filhos. Os jovens passaram a ter maior chance de tornar visíveis as suas emoções e possibilidades, cada vez maiores, de resistir a considerações estranhas, como propriedades e estabilidade das instituições como o casamento, tentando dar vazão aos seus próprios desejos e não mais aos de seus pais.

Não obstante, tais desejos, outras regras vieram estabelecer novos parâmetros, não mais agora tão centrados nas escolhas dos padrões patriarcais, mas ainda baseados em preceitos de “bom partido”, influenciados por requisitos sócio econômicos e pessoais, por grupos de idade, de classe social, de tipo de educação, de religião, tipo racial etc. ... Assim, mesmo que os

namoros, as uniões e os casamentos, atendessem escolhas individuais feitas, segundo valores afetivos, que recaíram sobre o grupo a que pertencia o indivíduo, algumas regras tradicionais e preliminares ao namoro persistiram, mesmo não obedecidas totalmente.

Atualmente, as escolhas permanecem individuais e não mais ditadas pelos pais que obedeciam ao padrão de sociedade em que viviam, mas, são diretamente influenciadas pelas regras do mundo de mercado e consumo, apregoadas através da mídia.

Alguns jogos dos namoros mais antigos foram se transformando de acordo com vários fatores, entre eles a modernização das grandes cidades que não permite mais, por exemplo, os olhares lânguidos dos rapazes parados nas esquinas às janelas de suas amadas, a troca de cartas furtivas e muitas vezes nem lidas porque interceptadas antes, o “footing” (início do século)²² em praças e ruas de passeio, os encontros nos cafés, nas “matinéés”²³ e teatros.

A vida atual, com seus meios de transporte cada vez mais modernos e rápidos, facilitou as idas e vindas de homens e mulheres em suas saídas de casa tanto à noite quanto durante o dia; a emancipação da mulher e o trabalho

²² FOOTING : “Fazer o footing” (início do século), fazer um passeio, isto é, ...“dar uma caminhada a pé sem destino, um vai e vêm pelas novas avenidas, pelas ruas do comércio chic, pelas praças das cidades que se modernizam e imitam as metrópoles européias, como o Rio de Janeiro reformado por Pereira Passos”. Provavelmente importado de Londres ou Nova Iorque, foi introduzido no Brasil, na primeira década do século XX, pelos costumes franceses vindos da Europa. (apud Azevedo, 1986, p. 22).

feminino que se expandiu fora do lar; o aumento de escolarização e frequência a cursos, escolas e faculdades; a necessidade de profissionalização para ambos os sexos; as várias e enormes opções de lazer, de passeios e viagens; a necessidade de atividades e horas de lazer para afastar os sintomas de estresse ; a circulação intensa pelas ruas e shopping para as compras e outros afazeres; a formação de espaços urbanos não destinados só a homens ou mulheres (boates, bares, discotecas e outros), as inovações dos meios anticoncepcionais, as separações de casais e os divórcios, a comunicação, fácil e rápida pelo telefone fixo e celular, a internet (e-mail, chat etc. ...), as várias opções de vestimenta e de moradia, e muito mais ... mostram bem a complexidade das inter-relações entre mudanças econômicas, culturais e sociais, que, somadas, alteraram significativamente, através dos anos, os padrões das atitudes sexuais e amorosas, assim como também as preliminares ao namoro, o próprio namoro, a coabitação e/ou o casamento, que, assim, se mostram não aprisionados ou parados em um determinado momento histórico²⁴.

²³ MATINÉES : Palavra francesa, que significa, “ Sessão de cinema, circo, teatro, etc. ... que acontece à tarde”, segundo Pequeno Dicionário MICHAELIS, Francês-Português / Português / Francês, Ed. Melhoramentos, 1992.

²⁴ Houve uma alteração significativa na forma como os casais escolhem viver juntos. Para uns o casamento civil e/ou religioso, para outros o “ viver junto” sem o casamento pode significar um período de experiência a dois, antes de assumir qualquer compromisso legal ou religioso, e mesmo continuar juntos sem maiores conseqüências, ou que isto seja considerado dasabonador : “O casal é submetido à experiência em fórmulas de coabitação não sancionadas pela lei. Antes do casamento legal, ou em sua substituição, está a difundir-se a coabitação dos jovens casais. Antes estigmatizada pelo termo pejorativo de concubinaçãoesta coabitação é hoje aceite” (Burguière, 1999, p. 26).

Uma das práticas de encontros entre jovens que facilitou as escolhas amorosas característica das décadas de 30, 40 e 50 do século XX, foi o “footing”²⁵. Foi utilizado pelos indivíduos, como ocasião para o “flirt”²⁶, aportuguesado para flerte, as trocas de olhares, sorrisos, gestos significativos de modo dissimulado, que expunham moças e rapazes à conquista e à sedução. No “footing”, as moças, caminhando lado a lado de suas amigas, de braços dados, avaliavam seus tipos de interesse, tentavam decifrar seus sinais e símbolos exteriores, comparavam os rapazes e estabeleciam, com eles, relações preliminares exploratórias de confiança, antes de assumirem qualquer momento de conversa, ou intermediação para um futuro namoro, ou mesmo algum compromisso menos sério, isto porque, muitas vezes estes momentos de “flirt” podiam significar, também, um pequeno “affair” sem compromisso, um contato misterioso e breve, porque segundo João do Rio²⁷ (apud Azevedo,

²⁵ FOOTING : Palavra derivada do idioma inglês, que significa “ pé, base, fundamento, piso, passo, baile, dança, estado, condição”, segundo Dicionário COLLINS GEM, Harper Collins Publishers, 1990. O FOOTING, a partir dos anos 30, 40, 50 e 60, se constituiu em um movimento de encontro entre moças e rapazes, nas praças de que, geralmente, ficavam localizadas junto à matriz (igreja) da cidade. Rapazes e moças formavam e andavam em dois círculos ao redor de toda a praça. O dos rapazes, circulava ao redor de toda a praça em sentido horário. O das moças circulava entre o dos rapazes e o centro da praça em sentido anti-horário. Os dois movimentos em sentidos opostos, facilitava o “olho a olho” e os sorrisos pois, eles andavam frente a frente. A cada volta completada ao redor da praça, se encontravam de novo todas as pessoas que circulavam. Quando um rapaz se interessava por uma moça e esta por ele, eles saíam da “roda” para conversar, sentando em um banco ou mesmo ficando em pé, do lado de fora do círculo.

²⁶ FLIRT : Palavra de origem inglesa, que significa, “flertar, namorar, paquerar”. Segundo Dicionário COLLINS GEM, Harper Collins Publishers, 1990.

²⁷ João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, sociólogo e psicólogo, que escreveu “Variações sobre o flerte, pequeno ensaio sobre psicologia urbana”, Liv. Luso- Brasileira M. piedade & Cia, RJ. 1907 (apud Azevedo, 1986, p.17-20).

1986, p. 22) ...“o gostoso era manobrar com perícia, sem que a dama caia, pois desde que se cai o flirt deixa de o ser. Flirt é apenas pender.”

Os rapazes, tinham chance de se mostrarem mais abertamente, sem censura ou cobrança antigas e porque não dizer, descaradamente como namoradores, olhando, trocando piscadelas, declarando frases galantes, e às vezes, se atrevendo a “pegar e tocar”, o que propiciava um misto de “ousadia e recusa”. Se o rapaz se tornasse muito insistente, acabava mostrando que não tinha conhecimento das regras de etiqueta dando margem a que se pensasse que seus objetivos eram apenas imediatos, o que afastava aquelas que não se sentiam ousadas o bastante para “desafiar o perigo”.

As moças, ao contrário, não podiam manifestar interesse rapidamente ou demorar muito para demonstrá-lo, pois tinham que ser “sérias e educadas”, “comedidas e cautelosas” e “não se oferecerem”. No entanto, esta resistência tinha um tempo determinado para acontecer, pois se elas demorassem muito a corresponder, perdiam a chance, às vezes, de estabelecer contato com o rapaz de seu interesse que podia já estar centrando suas atenções em outra pessoa. Os sorrisos e olhares femininos deveriam ser furtivos e nunca de frente para o outro.

A partir da segunda Guerra Mundial, se intensificou a instauração de uma nova ordem social, que impeliu fortemente as mulheres para o ingresso

no mercado de trabalho; para as reivindicações feministas de igualdade perante os direitos do homem (trabalho, igualdade de salário, voto e outros); para o direito à segurança contra a gestação indesejada e limitação do número de filhos, com o uso da pílula anticoncepcional. Em consequência da liberação do homem e da mulher para a ampliação de suas manifestações sexuais, uma vivência mais prazerosa, foi se tornando cada vez mais imperativa.

Nesta época, vários estudos e pesquisas que já haviam sido realizados, e outros, ainda em andamento, vieram revolucionar e levantar polêmicas sobre o que se pensava e se sabia sobre os vários aspectos do comportamento humano ligados ao sexo, ao prazer e ao erotismo, surgindo, assim um “conceito” sobre a sexualidade humana. O comportamento humano, em tais aspectos, passou a ser relacionado não somente à reprodução e ao ato sexual. Agora, a maioria dos jovens podia escolher, com uma certa liberdade, atração e sentimentos, seus parceiros amorosos e / ou sexuais dando à sexualidade um caráter mais abrangente, ligando-a a modos de ver e sentir o mundo.

A sexualidade passou a ser entendida como necessária e como direito de todo ser humano, influenciando e tendo como formas de expressão pensamentos, ações, sentimentos e interações realizadas.

Desde então, o debate e a discussão sobre questões de vivência da sexualidade vêm sendo um campo fértil para facilitar as formas e maneiras de

relacionamento afetivo, amoroso e sexual entre os indivíduos e as mudanças nas atitudes preliminares ao namoro, noivado e casamento, não só entre os jovens, mas também entre os adultos.

2 . A conquista amorosa

“... um papo bem legal, chegar perto e deixar rolar”.

(adolescente feminina de 17 anos)

O relacionamento amoroso entre os adolescentes, na proposta de estudo desta pesquisa, é um dos aspectos de sua vivência que ainda permanece bem guardado, e quando citado ou mencionado em estudos e pesquisas, é feito “en passant”, como assunto passageiro sem maiores conseqüências. Geralmente são mais debatidas, as questões consideradas polêmicas que advêm do exercício da sexualidade centrada no ato sexual, a gravidez não desejada, o aborto, o não uso ou o desconhecimento dos métodos anticoncepcionais, a falta de prevenção e contaminação pelo HIV, as doenças sexualmente transmissíveis, etc. ..., questões estreitamente ligadas às demonstrações do funcionamento do corpo biológico e, como tal, ainda

desvinculadas da subjetividade de cada indivíduo e de sua construção social, política, cultural.

A sexualidade é ainda perpassada pela sua naturalização, ou seja, é vista como inerente a cada sujeito, nascendo com ele e não sendo construída pela sociedade em que vive.

Inúmeras transformações, ao longo do tempo, ocorreram no jogo amoroso entre adolescentes. As paqueras e o “footing”, de tempos atrás, ainda hoje, continuam acontecendo em muitas pequenas cidades do interior do Brasil, onde moças e rapazes, se olham, conversam, de forma propícia ao início de algum tipo de relacionamento amoroso geralmente, em frente aos pontos de encontro, lanchonete. O “footing” que acontecia no final da tarde de sábado e domingo após a missa, nas praças centrais destas cidades, as moças circulando no centro da praça, de braços dados com suas amigas, e os rapazes, também em círculos, ao redor das moças, rodando em direção contrária, o que facilitava encontros de olhares, sorrisos, piscadelas e sorrateiros toques de mão, não acontece mais.

Algumas mudanças vieram e as regras de etiqueta e de relacionamentos de antigamente se transformaram. Um jovem para conversar com uma moça, muitas vezes, tinha que pedir permissão para seus pais, e levar dois meses para ganhar ou dar um beijo às escondidas. Estas regras,

transgredidas desde então, e contestadas pelos movimentos das gerações do pós guerra, deixaram de ser assim tão rigorosas , e muitos jovens que se conhecem, hoje, mesmo através de formas do antigo “footing” de seus bisavós e avós, têm a intenção de um breve e passageiro relacionamento. Rapidamente, em uma só e mesma noite, podem partir para trocas de carícias, abraços, beijos e mesmo “transar”²⁸, e depois nem mais se encontrarem ou, se isto ocorrer, estabelecer uma amizade e se comportarem como se nada entre eles tivesse acontecido. Alguns, podem continuar juntos e quem sabe, depois de uns “rolos”²⁹, transformar sua relação em namoro, viverem juntos ou se casarem.

“... quando se conhece uma menina, numa boate, fica só aquela noite como se fosse namorada, depois acabou, vai embora, cada um para sua casa; rola uns beijos, uns abraços, vai para o “escurinho”, pode rolar uma transa...” (adolescente masculino de 17 anos).

O relacionamento amoroso entre os adolescentes, nos últimos anos, é denominado de “ficar”. Este relacionamento, amoroso e/ou sexual também, é reconhecido por seu caráter breve, passageiro e descompromissado, definido por ser “ ... um momento de carinho entre duas pessoas” e que, “... hoje, todo mundo

²⁸ Termo usado para “ ter relação sexual” .

fica “, sob pena de não ser bem visto no grupo de amigos, e ser chamado muitas vezes de “careta”, ainda existem meninas que podem adquirir “... fama nada lisonjeira entre os outros jovens” e “...os meninos, possam se aproveitar ... ” (adolescente masculino de 16 anos) principalmente, daquelas que não estabelecem seus próprios limites.

São repetidas, ainda, algumas velhas estruturas e cobranças de antigos modelos de comportamentos : quem pode, o que se deve fazer, como e onde “ficar”. O “ficar” também possui regras e normas para acontecer e para serem transgredidas.

As preliminares do namoro mais antigo, até os das praças das pequenas cidades do interior de hoje, possuem alguns sinais característicos, que indicam se os interessados perceberam e captaram o interesse do outro e se há interesse do outro em manter contato. Antigamente, somente os rapazes, podiam se mostrar mais abertamente interessados, cabendo às moças um modo discreto de interesse, em uma comunicação mais indireta, através da procura do olhar, do sorriso maroto, do modo de se vestir, da cor da roupa, ou outros detalhes, só percebidos, na maioria das vezes, pelo seu eleito. Hoje, no entanto, acompanhando o ritmo rápido das transformações do mundo, o ritual de aproximação, para ambos os sexos, nos encontros nos bares, casas noturnas

²⁹ “ROLO”: ficar junto uns dias, semanas, vendo se a relação vai dar certo.

e praças de shopping, passaram a ser os olhares femininos e masculinos mais diretos e rápidos, através do “secar”³⁰ o outro ou outra (flerte, mais tarde paquera, e hoje “secar alguém”), que veio substituir os olhares lânguidos das esquinas de antigamente.

“... hoje, quase ninguém mais paquera ... tem menina que ainda gosta de paquerar, que é coisa de mil novecentos, ela gosta de tudo que é certinho” (adolescente feminina de 15 anos).

As decisões para as aproximações que antes duravam horas ou dias, e até o início das primeiras carícias ou até mesmo pegar na mão, eram processos gradativos, lentos e tímidos, se transformaram em ações relâmpago, em que só o compromisso com a obtenção do prazer momentâneo, torna possível a um casal se “conhecer”, se acariciar e “transar” em uma só e mesma noite, depois se separar e talvez nunca mais se encontrar ou manter qualquer tipo de relacionamento.

“ ...é um momento único que não pode ser desperdiçado, ficou aquela noite ou aquele dia e no outro acabou “ (adolescente masculino de 17 anos).

³⁰ “SECAR ALGUÉM “: é tirar “ água” do outro para deixá-lo “seco”, isto é, pronto, sedento para aceitar a investida.

Entretanto, as demonstrações de cuidados, carinhos e afetos, ligados a sentimentos amorosos fazem parte do cotidiano da vida dos adolescentes, assim como de todos os indivíduos, e suas variações em torno de um status que lhes são atribuídos, às vezes, podem indicar,

“... variações das concepções do que é o indivíduo e que destino ele pode dar àquilo que nele é movimento em direção ao outro, dissolução, descentramento, perda de si e constituição de uma nova unidade” (Lázaro, 1996, p. 24).

Em algumas situações e relacionamentos, por diversos motivos, os sentimentos mais prazerosos podem ficar escondidos, velados, sobressaindo-se a eles, outros sentimentos, como a agressividade, a apatia, a raiva, que muitas vezes, nem têm suas causas reveladas, mas provavelmente relacionadas à construção social da própria vida do sujeito. Todos podem, ainda, sofrer com as exigências, condições e cobranças da sobrevivência diária, agregadas à sobrecarga do trabalho, à necessidade da formação profissional, às escolhas amorosas e às demais situações cotidianas estressantes, produzindo uma demanda forte de vínculos afetivos ligados a uma necessidade de cuidados e carinhos constantes.

Desta forma, ao se examinar o cotidiano do adolescente, o lugar onde ele vive e suas características individuais, adicionados aos aspectos que caracterizam seus relacionamentos, sua comunicação, seu desempenho escolar e sua possível definição profissional, percebe-se que o adolescente vai se estruturando para vivenciar cada situação que se apresentar e que a ele parecerá mais importante no instante de seu acontecimento. Assim constrói para si mesmo, os princípios básicos do diálogo, da tomada de consciência dos sentimentos e emoções e a experiência da autonomia. Podendo mais facilmente construir também seu vínculo afetivo ³¹, seu papel sexual e comportamento amoroso, afirmando-se perante o que deseja.

Vigora, na cultura ocidental, modelos sociais diferentes, para a menina e para o menino. À adolescente mulher, por exemplo, é desejado que ela corresponda a um determinado papel feminino em sua relação amorosa e, para isso, lhe é ensinado que precisa aprender a conquistar o sexo oposto, o masculino, devagar, seduzindo-o, sem declarações muito abertas. Ela deve aprender que, dispõe de armas de sedução, podendo usar seu próprio corpo e também outros artifícios que estarão à sua disposição, como por exemplo : vários modelos de lingerie, batons, perfumes, sapatos, roupas etc. ..., sendo por sua vez “seduzida” por tais artifícios :

³¹ Assunto discutido na palestra “Conhecimento e Mudança – Os Modelos Organizadores na Construção do Conhecimento”, proferida por Josep Maria Puig, em 18 / 07 / 2000, no seminário “Falando sobre

“ ... os meninos gostam quando você fica “cheirosa” pra eles” (adolescente feminina de 15 anos).

É bom lembrar que, muitos desses recursos, até bem pouco tempo atrás, eram mais destinados às mulheres, mas, veladamente, alguns homens, também faziam uso deles. As observações feitas no sentido do uso de tais artifícios de sedução, pelas meninas, também cabem, hoje, ao adolescente masculino, assim como, além dos produtos consumíveis, existe, para ambos, o “culto ao corpo”, que deve ser bonito (segundo padrões pré- estabelecidos) e “bem malhado”.

Assim, os adolescentes, têm, como uma de suas preocupações, em vários momentos da vida, nos diferentes espaços em que se acham inseridos, (seja na escola, na rua, nas festas ou em qualquer outro lugar), o desejo de usar como arma de sedução o ideal de beleza centrado em um modelo fabricado pelo consumo.

Quando um menino ou menina, se aproximam deste ideal, todos os outros podem passar a brincar com ele, “de fazer a corte”, que ainda é o jogo utilizado para se tentar conquistar alguém para amar, “fazer sexo” ou ambos ao mesmo tempo. Mesmo por uma hora ou por alguns minutos apenas.

Pode-se tomar como exemplo dois adolescentes, de sexos opostos, que se encontram diariamente, durante toda a semana em uma escola. Se olham e se esbarram nos corredores várias vezes, durante cada dia, saem da sala de aula umas duas ou três vezes, com desculpas as mais variadas, só para passar pela sala do outro (a) que está sempre de portas entreabertas. O que esperam ? o que pensam ? o que sentem ? o que procuram ?

Ainda que não seja objetivo deste estudo traçar variações entre o amor e o prazer erótico, o gozo e o arrebatamento apaixonado desta situação , mesmo assim, é preciso recorrer a alguns de seus aspectos, pois estarão sempre presentes, e como tal não podem ser menosprezados. Eles, ainda, podem indicar, que o adolescente de maneira singular e individual, e a partir de um jogo de tensão permanente, levanta inúmeras possibilidades de aproximação e de encontros se distinguindo do grupo de que faz parte, se tornando um indivíduo singular e próprio, que se reconhece e se identifica.

No momento deste arrebatamento, o indivíduo é posto em xeque, revelando toda sua maneira de ser. No livro “O Erotismo”, George Bataille (1980), mostra que esta “... coesão do espírito humano, cujas possibilidades vão da santidade à volúpia, ” (Bataille, 1980, p. 9), faz com que haja a possibilidade do indivíduo desvendar seus segredos a si mesmo, viver sua própria aventura e se isolar do mundo em que vive. Porém, como continuará

desejando também, fazer parte de um todo, a experiência individual terá que ser ultrapassada por ele mesmo.

“Ser um e não ser todos, eis a matriz de nossa angústia e de nossa euforia” (Lázaro, 1996, p. 25).

Para George Bataille (1980), a relação entre descontinuidade (querer ser parte de um todo) e continuidade (experiência individual) é o alicerce da própria condição humana. O adolescente então, tenta equilibrar esta relação, excedendo, transbordando e superando limites. Sua atividade sexual e amorosa passa a ser submetida ao seu interior, transparecendo eroticamente em múltiplas experiências.

Citando mais uma vez, George Bataille, três formas de erotismo, cada uma com suas características próprias se manifestam de forma diferente : o erotismo sagrado, se confunde com o amor de Deus; o erotismo dos corpos, se revelará no desnudamento dos corpos e o erotismo dos corações, quando reconhecido, se fundirá com o arrebatamento chamado de amor.

O erotismo, portanto, será o estado de dissolução do ser constituído que, quando ao encontro do outro, se perde e se reencontra, formando uma nova unidade. De outra maneira, diz George Bataille, eles são, e isto será o bastante

para que, de qualquer maneira, amado e amante se encontrem um no outro, e retomem sua auto suficiência, agora como par amoroso.

Esta concepção de erotismo, pode frustrar concepções mais poéticas e líricas do arrebatamento chamado de amor, mas, é preciso notar que a voluptuosidade que ela encerra faz com que o adolescente, consiga enfrentar além do seu desejo, que não sabe o que deseja, também a rígida racionalidade que a sociedade desenvolveu. Esta perspectiva de amor é uma experiência moderna, e será ele, o amor, uma questão do limite da própria existência do adolescente, a partir da sua experiência amorosa ou terá ele o significado de enfrentar a racionalidade, como função dos novos modos de organização social desenvolvidos hoje ?

3 . Uma nova forma de conquista : “ficar”

*“Se sente viajando, é mágico, gostoso,
quente”.*

(adolescente masculino de 14 anos)

Desde pequenos os adolescentes aprendem a se comportar segundo modelos pré – estabelecidos socialmente. Cada vez mais cedo, crianças de até três e quatro anos, seja na escola, na rua e bairro onde moram, acabam

“arrumando namoradinhos” entre outras crianças conhecidas, incentivadas, na maioria das vezes, pelos próprios pais, que vêem esta situação como algo natural no mundo de hoje.

Crianças e adolescentes aprendem, desta forma, que existem sentimentos especiais de afeto, que eles podem sentir por alguém, aprendendo a identificar como diferente e especial, a amizade desenvolvida em relação a este menino ou aquela menina, construindo assim, as relações afetivas entre eles.

Muitos, desde pequenos, têm “namoricos” significativos, coroados por olhares, risadinhas, bilhetinhos, algumas vezes rechaçados pelos que não se interessaram e outras levados adiante, em um processo contínuo de aprendizagem amorosa cada vez maior, como por exemplo, o adolescente da poesia abaixo, que, gradativamente vai construindo seus sentimentos amorosos :

Amor

Emoção,

Sentimento,

Paixão.

Amor,

Este é o amor.

*Sinto cheiro de amor no ar,
É primavera,
Humanos e animais brincam de namorar;
As rosas do namorado surpreendem a moça
Que num instante se ilumina de paixão.
Amores que voam no ar,
Que correm nas entranhas de rochas,
Que nadam, leves,
No mar,
Que arranham corações apaixonados
E que passeiam por vários casais.
Este é o amor que sinto por você,
Linda e formosa,
Bela e primorosa ...
Única.
Amor,
Este é o amor. (Pierro G., 1999, p. 2)*

Esta construção, percorre a vida do indivíduo, e, geralmente ele só se dá conta disso, quando sua atenção se volta mais detidamente para as oportunidades de estar junto com o “outro”, para “ficar” com aquele que também está à sua procura. Isto acontece para os adolescentes, quando adquirem mais liberdade para saírem de casa sozinhos, irem à escola, ao

cinema, freqüentarem “bailinhos” ou passearem no shopping com os amigos e amigas. O jogo amoroso se inicia neste momento, timidamente, através de trocas de olhares, roçar de corpos, risadas e sorrisos dirigidos e, à medida em que o adolescente vai adquirindo experiência, adquire também confiança em si mesmo podendo tornar o jogo menos sutil.

“Tem menina de 9 anos que já está “ficando, e quando ela fica, ela dá um beijo se vira e sai correndo”. (adolescente masculino de 12 anos)

O “ficar” vai então, se constituindo, um jogo erótico realizado a partir das formas básicas e preliminares de relacionamento afetivo e sexual entre os jovens e/ou adolescentes. Pode receber também o nome (entre os adolescentes) de “morder, beliscar”³², em uma clara significação de que aos poucos, de bocado em bocado, vão adquirindo experiências, testando sua competência sexual, experimentando diversos sentimentos e expandindo formas de satisfação para seus desejos.

Os adolescentes, definem claramente os objetivos de um relacionamento entre eles : momento para que duas pessoas se conheçam, tenham a companhia do sexo oposto e se curtam, sem compromisso.

³² “MORDER, BELISCAR”, têm conotação de desejo de saborear algo doce, gostoso, suculento, apetitoso

“... o ficar é gostoso porque você fica cada dia com uma menina, não tem compromisso”

(adolescente masculino de 15 anos).

As descobertas que o adolescente faz sobre si mesmo ao se relacionar com o outro vem da aprendizagem sexual e escolhas amorosas. Eles aprendem a se voltar para o mundo que os rodeia, em um processo de exterioridade, buscando saber quem são e aprendendo a escolher o que querem.

“O ficar, é experimentar o que a gente quer e ainda vai querer ... ficar é descoberta “

(adolescente masculino de 15 anos).

Alimentados pela fantasia amorosa, enfatizada pelo mundo que os cerca, os adolescentes podem viver um período de extremo romantismo, em que os sentimentos se exacerbam. Isto pode acarretar o desejo de um amor idealizado e inatingível, como por exemplo, tomarem-se de paixão por ídolos fabricados pela mídia, como artistas e atores de novelas, cantores e líderes de conjuntos musicais, atletas famosos ou outros personagens quaisquer, e até o engajamento em causas ideológicas ou políticas. Para alguns adolescentes, estes momentos podem passar praticamente despercebidos e outros, podem se transformar em momentos de intenso conflito, ansiedade e questionamento. Sendo assim, os momentos de experiências, em que se “fica” com uma pessoa,

com quem se pode dividir as curiosidades e ansiedades, representa uma oportunidade para saciar muitas das fantasias criadas por paixões não correspondidas.

O “ficar” além de dar muito prazer também pode produzir incertezas, dependendo do momento, “... *a gente sente amor, às vezes paixão, ódio, raiva do outro* ... “ (adolescente masculino de 15 anos), insegurança e é uma forma de não saber o que se quer ; “*Tem hora, que a gente quer só ficar e depois esquecer* “ (adolescente masculino de 14 anos).

VI. TRAMAS DE SEDUÇÃO E CONQUISTA

“ ... a gente olha ... “xaveca” ...
rola uns beijos ...
uns abraços ...
“fica” ...
pode rolar uma transa.
Depois acabou ..
A gente vai para casa.”
(*adolescente masculino de 16 anos*)

1 . A paixão como é que fica

*“... se a gente se apaixona muito fácil,
depois que tomar uns “par de fora”, se
desapaixona e cai fora”.*

(adolescente masculino de 16 anos)

Para alguns adolescentes, principalmente para muitos que participaram desta pesquisa, a paixão por alguém que, às vezes, acontece na vida, não constitui uma regra, nem é considerada como um fator básico para o relacionamento e envolvimento com o outro. Se estes adolescentes desejam “ficar” com alguém, basta que este lhes interesse e o outro corresponda.

Mesmo assim, estes adolescentes podem, antes, durante e depois do “ficar”, conviver com algumas emoções não esperadas, através de sentimentos contraditórios, que os levam tanto a um bem estar e uma satisfação pessoal, como a questionamentos, indecisões, frustrações e necessidade de querer se resguardar de sentimentos de rejeição, decepção, constrangimento, tristeza, medo e vergonha.

Os adolescentes que assumem o “ficar”, podem querer, ainda, experimentar se é aquela a pessoa a quem eles querem mesmo e também descobrirem se não vão ser rejeitados. Assim, o “ficar” será, uma experiência

e opção de tipo ideal de relacionamento, que eles escolherão, poupando-se do constrangimento de ouvir um “não”, e sofrer, assim, uma desilusão amorosa. Estes adolescentes estarão, assim, se prevenindo contra o sofrimento que uma desilusão poderá lhes trazer, e que está de acordo com a obrigação do prazer fácil e sem maiores compromissos que lhes são cobrados e impostos no envolvimento amoroso.

O que alguns adolescentes ganham, sem muitos riscos, é a excitação, o tesão em experimentar um relacionamento, serem acariciados e tocar o corpo do outro, sem se comprometerem amorosamente. Não encontrando, no outro, uma reciprocidade, estes adolescentes se recusam à decepção, movendo-se em outra direção, procurando “ficar” com outra pessoa, buscando aplacar o desejo insatisfeito.

O ideal parecerá ser o estado permanente de estarem sempre desapaixonados, aparentando um sentimento que disfarça o medo de sofrer, que não significa, conforme Costa (1999, p.165) revela, que o indivíduo torna-se “... insensível do ponto de vista emocional”. Os adolescentes mostrarão a sua afetividade, sim, de outras maneiras, nos carinhos e carícias que dispensarão a outras pessoas, podendo até se apaixonarem, mas, antes que a situação se complique, poderão tentar uma saída rápida, se desapaixonando.

A ausência de compromisso, este último característica de uma relação mais duradoura, adquire, no “ficar”, um caráter de permissão para que a relação entre apaixonar-se e desapaixonar-se aconteça de forma a que, tanto meninos quanto meninas, possam, sem ônus para nenhum dos dois, tentar esta saída. No entanto, as falas que surgiram durante a pesquisa, de que “... *é mais difícil para as meninas que demoram a esquecer*” (adolescente feminina de 15 anos) e para o menino : “... *ele se desapaixona mais fácil, no outro dia já está com outra ...* ou : “...*olha, até que eu tenho saudade daquela desgraçada ...*” (adolescente masculino de 13 anos), são evidências de que não é assim, tão fácil, evidenciando que existem modelos de gênero, um para o menino e outro para a menina. O jogo amoroso, que se instala rápido e também termina da mesma maneira, permite que cada um faça suas próprias regras e abandone o outro, antes que possa vir a ser abandonado, evitando o sofrimento de amar sem ser amado. Mas, de qualquer maneira, pode, também, fazer com que o adolescente, leve consigo, sentimentos ambíguos de rejeição e frustração, vendo a paixão como algo indesejável.

Como o erótico impulsiona o encontro e o contato com o outro, depois que dois adolescentes “ficam”, ainda não é difícil acontecer que *esta “maneira legal de conhecer alguém”*, adquira conotações amorosas mais intensas :

“Eles, os meninos, não se encantam fácil, já as meninas pensam que estão amando “ (adolescente feminina de 13 anos).

Este “cair de amores” ou apaixonar-se, geralmente acontece depois que se “tateia” o outro, ou melhor, que se vê no outro, virtudes e valores que se acredita que ele tenha e que vem ao encontro do que se deseja e prefere. Quando acontece de se perceber as imperfeições que o outro tem, evita-se o desprazer de conviver com elas, através do desapaixonamento. Como o desapaixonar-se não significa falta de afetividade, os sentimentos que se constroem, são intensos tanto para meninos quanto para meninas. Como a cultura do homem valentão e racional predomina, parecerá que o sofrer por amor e o desamparo se restringirão ao gênero feminino, tido como mais sensível e frágil, o que acabará reforçando os estereótipos sociais, que identificam o que é de menino e ser menino, e o que é de menina e ser menina.

O adolescente homem e a adolescente mulher, precisam parecer e ser homens e / ou mulheres, segundo parâmetros e modelos (papéis sexuais e de identidades) que lhes são dados desde que nascem. Isso lhes é passado por sua família e seus pais, que também foram formados a partir destas mesmas influências, desde muito tempo antes do seu nascimento, tornando, portanto, esta questão, um processo histórico, segundo Louro (1998). O adolescente

adquire uma função social, política e cultural de acordo com os papéis que desempenhará e estes sobretudo serão determinados por seu sexo biológico. Terá a responsabilidade de representá-los por toda sua vida, durante todo o tempo : mulher - feminino, se nascer com um determinado biótipo e / ou homem - masculino, se for de outro. Ainda segundo Louro (1998), esta divisão dos indivíduos pelo sexo biológico tem como referência principal o sexo masculino, como agente social, restando ao feminino um outro lugar, o que torna desiguais as relações entre os dois sexos. Reforçando esta desigualdade, outros requisitos gerados serão somados ao masculino, constituindo-se uma norma : heterossexual, branco e urbano.

A maneira, ainda, destes dois indivíduos se relacionarem, vem sendo também, construída historicamente, passando pelas relações de poder que se inserem em um sistema de normatização e classificação que procura determinar o que é normal e anormal ³³. Para Louro (1998), no entanto, as situações de gênero, são construídas por processos que englobam diversas questões ligadas aos aspectos social, psicológico e cultural, aspectos maiores que o fato do indivíduo nascer homem ou mulher.

³³ Estabelecendo parâmetros para a normalidade e anormalidade, contribuíram historicamente, politicamente e culturalmente, instituições como a medicina e as ciências de modo geral (Foucault, 1988). A partir destes parâmetros, as instituições construíram um determinado tipo de desejo sexual (heterossexual), com a função de limitar, delimitar, cercear o poder humano, segundo Louro (1998).

Os adolescentes, assim como todos os outros indivíduos, vivem em uma sociedade cuja referência principal é o sexo masculino, agente social, racional e lógico. À mulher, sexo feminino, resta o papel secundário de mostrar sensibilidade e afetividade à flor da pele, negados ao menino. O social ensina as questões de gênero às crianças e adolescentes cotidianamente, apresentando-as a eles através do colorido sedutor e fascinante de filmes, vídeo games, revistas e outros programas de TV. Portanto, quando,

“As meninas demoram mais para esquecer uma grande paixão porque elas são mais sentimentais, são mais doces” (adolescente masculino de 16 anos).

E,

“ o amor é difícil de acabar dentro do peito. Só com o tempo, que é o maior amigo, às vezes, se fica uma semana chorando. Mas para o menino é rapidinho, ele se desapaixona fácil ... e não sofre ...” (adolescente feminina de 14 anos).

as meninas, assumem o papel que lhes é delegado, demonstrando mais abertamente suas emoções ao falar das complicações e decepções que podem advir do “ficar”, porque o que lhes é dito a toda hora do dia é que são “mulheres”, podem chorar” ... Os meninos obedientes ao protótipo masculino,

tentam mostrar-se frios e objetivos, mas se desmascaram ao mostrar que também “sofrem”, quando se apaixonam e principalmente quando não são correspondidos.

“... os meninos fingem que são fortes, para esquecer uma grande paixão e não sofrerem”

(adolescente masculino de 14 anos).

Às vezes, ainda, um menino acaba gostando demais de uma menina, depois de conhecê-la, se arrependendo de ter ficado com ela, porque sentirá culpa de tê-la tratado como um objeto amoroso. Também na hora de “ficar” pode perder a coragem, se a pessoa for aquela esperada por muito tempo. Há situações, em que um menino não sente nada por uma menina e fica com ela, descobre, depois, que gosta muito dela :

“... meses depois encontra-se a menina e descobre-se que a ama, mas aí já rasguei todas as fotos e os bilhetes dela...” (adolescente masculino de 15 anos).

Há meninos com quem ninguém quer “ficar”, o que lhes dá uma sensação de abandono e desprezo. Outros, que assumem não gostar de “ficar”, são rotulados como “boiolas”, “vão virar padre” e outras denominações. Também as meninas, que nunca ficaram ou que nunca

encontraram quem queire ficar com elas, são rotuladas como “freiras”; as que nunca quiseram ficar com ninguém e as que querem ficar mas, nunca são escolhidas, são vistas como culpadas da própria situação. Nesse sentido, há ênfase no caráter fundamental das divisões sexuais, baseadas no papel que cada sexo precisa exercer, e que regulamentam, por sua vez, através do jeito de ser masculino ou feminino, atitudes, formas de expressar-se, movimentos corporais, como por exemplo, a forma de sentar e cruzar as pernas, de gesticular com as mãos, de olhar, de sorrir, etc. ... todos e muitos outros aspectos, socialmente entendidos como naturais de cada sexo. Desta maneira, meninos e meninas, geralmente, acabam por corresponder a estes papéis, porque precisam reforçar seu senso de identidade feminina e / ou masculina para viver em uma sociedade que foi estabelecida desta maneira. E assim, eles mesmos, opõem os dois sexos, durante suas manifestações de cunho sexual ou amoroso, como um reforço, ou até uma forma de auto - controle, na constituição de sua própria forma de ser.

Unido a este processo de divisão sexual, existe, ainda, a segregação ou discriminação daquele que não corresponde, aos modelos desejados.

“... quando um tá afim e o outro não quer ficar com a pessoa porque ela é gordinha, feia e fica com a amiga dela, deve ser uma dor terrível no coração, é uma forma de discriminação” (adolescentes feminina de 14 anos).

Esta segregação, mostra que, além dos comportamentos e atitudes esperadas por cada sexo, existem também exigências quanto ao tipo físico e aparência corporal dos indivíduos, que são selecionados de acordo com determinado modelo e padrão de beleza. Cada época histórica, elege e institui seu modelo e padrão, através da constituição de regras e normas, que decidirão quem merecerá ser “dotado” de : fragilidade, força, emoções, razão, etc. ...

São inúmeros os conflitos e dificuldades que encontram meninos e meninas que não se “encaixam” nos modelos e padrões socialmente construídos. Recorrendo mais uma vez a Guacira Lopes Louro (1998), podemos entender esta suposição, numa tentativa de lembrar que o processo de socialização, que acontece no interior de uma relação amorosa, como o “ficar”, por exemplo, não é simples e pode ser considerado sutil, se for compreendido como envolvente de todas as contradições, preconceitos, discriminações, que reproduzidos, mantêm e constróem comportamentos, valores, idéias, relações, para a existência humana.

Esta situação entra em choque com a resistência individual e grupal que busca modificar os caracteres de uma formação desfavorável para alguns indivíduos ou grupos que compõem a conflitante e complexa trama social.

O “ficar”, como forma de resistência social, acontece quando o adolescente experimenta o que anseia conhecer e, ao fazê-lo, conquista conhecimento e competência sobre seu próprio comportamento, com a vantagem, ainda, de obter oportunidades de testar, cada vez mais e sempre que quiser, novas ou já experimentadas vivências sexuais e / ou afetivas. Pode, a qualquer momento, tudo outra vez, ampliando o tempo da experiência amorosa e do vivido, entre o leque das opções e escolhas. O desenvolvimento da aprendizagem desta autonomia e tomadas de decisões pessoais, será conseqüentemente base para outras escolhas que cada um terá que fazer ao longo da vida.

“Eu penso que quando se fica, você aprende a viver” (adolescente masculino, 17 anos).

O “ficar”, também, é um espaço, que proporciona a inserção do adolescente no jogo amoroso e erótico que será vivido por ele ao longo da existência. Este espaço se constitui uma maneira através da qual ele tem a oportunidade de voltar-se para o seu mundo exterior, junto a alguém que, como ele, também anseia pela mesma experiência.

“É onde se passa um tempo de maneira legal ... é conhecer alguém e descobrir uma pessoa diferente da gente mas, que ao mesmo tempo, pensa igual à gente” (adolescente feminina de 14 anos).

O adolescente vai se inserindo gradativamente neste espaço, adquirindo a capacidade de experimentar diversas sensações corporais com o “outro”, e já não lhe bastarão a solidão e falta de reciprocidade das atividades solitárias, sexuais ou não. Assim, as experiências e sensações junto ao outro, fazem com que ele adquira segurança e autonomia, através do conhecimento sobre si mesmo, ampliando e estabelecendo novos limites para seus desejos e suas expressões amorosas.

O “ficar” será então, não só um momento prazeroso para meninos e meninas, mas, uma forma, de reafirmações, principalmente, sobre a sua sexualidade. Ambos, sentirão igualmente amor e prazer, procurando formas de ser felizes, a partir da construção de si próprios e de sua sexualidade, passo a passo, como já o fizeram muitos adolescentes.

2 . O corpo como meio de conquista

“ O despertar do corpo já é uma construção da nossa vida”.

(adolescente masculino de 15 anos)

Cada época tem um padrão determinado e desejado de beleza corporal, passando-se do modelo de corpo roliço e arredondado, de quadris e seios fartos do século XIX e início do século XX, do corpo magro e quase sem seios dos anos sessenta, para o de hoje, “sarado”³⁴, lipoesculturado, de seios volumosos, alguns moldados pelo silicone.

Lá se foi o tempo em que o corpo ficava escondido debaixo de panos, fitas e rendas. Hoje, ele é exposto a mil olhares, e parcialmente coberto por mini saias, tops (mini blusas), biquínis, shorts, camisetas coladas ao corpo, calças compridas sem cintura sustentadas pelos quadris e outras vestimentas que o padronizam de acordo com modelos de beleza ditados pela moda e pelo consumo.

O corpo “malhado” e “sarado”, bem trabalhado esteticamente, com músculos definidos em horas de ginástica diária, passou a ser quase uma obrigação.

“O estigma da estética, segue imperativo. E exige bastante cuidado com regiões mais difíceis do corpo feminino. Nádegas e mamas são duas dessas

³⁴ Gíria usada para denominar o corpo musculoso e cuidado, através de ginástica ou técnicas de modelagem corporal.

partes e, talvez por isso mesmo, extremamente visadas pelas pressões da ditadura da beleza” (Motta, 2000, p.3).

Para uma boa apresentação estética / visual, hoje, existem no mercado, produtos para todos os gostos e bolsos : regimes para quem quer emagrecer, dietas para engordar, ginásticas as mais variadas, spas para cuidar deste visual, acompanhados pelo discurso de que, para enfrentar a vida diária, é preciso estar preparado de corpo e mente, combatendo o estresse. As academias para exercícios físicos se multiplicaram a partir dos anos 80 (século XX) e os tipos de exercícios e aparelhagens para praticá-los também se diversificam a cada dia, fazendo surgir aos poucos uma nova “onda” ; ora são exercícios com música, ao ar livre, ora aqueles realizados na água e muitos outros. Impossível enumerá-los todos. Têm sempre, porém, o mesmo intuito : procurar e promover a forma corporal perfeita, pois aparentemente quem não tem um belo corpo não se esforça ou não quer ter.

A padronização da beleza corporal incentivou também, o desnudamento do corpo, tornando-o um instrumento de produção de bens de consumo e uma vitrine destes mesmos produtos : maquiagem, roupas com tecido transparentes e que não amassam, sutiãs com bojos especiais para levantar os seios ou torná-los maiores, calças e meia - calça com enchimento

para aumento das nádegas, roupas que formam uma segunda pele do corpo etc. ...

A preocupação com a roupa, os lábios carregados de batom, as tatuagens, os cabelos tintos, antes restritos às mulheres hoje aparecem nas cabeças coloridas, independentes do sexo. Estilistas e inúmeros outros profissionais de moda e de materiais diversos de consumo imediato, também se apropriaram destas idéias e logo passaram a colocá-las em prática em larga escala, vendendo-as em lojas e shopping para centenas de jovens que logo formam um exército de iguais.

As vestimentas, inicialmente uma forma de proteção do corpo, vêm sendo cada dia, menores e, ao mesmo tempo, mais extravagantes. Usa-se e mostra-se o corpo como se quer e algumas de suas partes passaram a ser mais exibidas e valorizadas.

Alguns produtos se constituem uma preocupação constante e são cada vez mais aperfeiçoados em nome do bom gosto, da facilidade e rapidez de uso. Tecidos que não amassam e secam rápido, cosméticos, batons que não saem facilmente, perfumes e cremes que duram 24 horas, xampus e cremes que deixam os cabelos mais macios e brilhantes, cremes para o corpo de aromas variados, etc. ...

Milhares de produtos surgem a todo momento; indústrias passam à produção de novas necessidades, através de uma tecnologia cada vez mais sofisticada, formando e exigindo sempre um público consumidor cada vez maior.

O erotismo que, antes desta padronização e culto ao corpo, ficava centrado no próprio corpo e em suas expressões, passou a estar nos objetos de consumo, usados como um fetiche e, como consequência, estes objetos, criaram um novo ideal de beleza, complementado por ditames de comportamento, como por exemplo, para as meninas, “gritinhos agudos” acompanhados dos movimentos de cabelos longos e esvoaçantes, olhos desenhados que produzem efeitos desejados, etc., etc. ...

Para os meninos há um comportamento diferente mas não desigual. De acordo com o grupo a que pertencem, eles passam a usar mil artifícios para parecerem diferentes e “na moda”, facilitando a conquista. Brincos, piercing, relógios, calças, camisetas, cabelos descoloridos, botas, tatuagens, roupas de grife, tênis, dão o tom do que é mais “maneiro”³⁵ e necessita ser usado por eles.

As preocupações com o corpo malhado, hoje, não se restringem somente às mulheres, atingiram, também os homens, mesmo que hábitos

³⁵ “MANERO” : Diferente, usado com certa ousadia, e logo criando moda.

menos saudáveis como fumar ou beber, não sejam abandonados por alguns. Mostrar um corpo musculoso e bronzeado é o ideal dos jovens que se sentem, assim, seguros de que a conquista se dará mais facilmente, pois vive-se num tempo em que a imagem é o primeiro princípio da comunicação.

Ao jovem, a sociedade patrocina quase tudo, pois é preciso que ele “aproveite esta linda etapa da vida”. Ela organiza comportamentos a serem seguidos, mas muito bem disfarçados, utilizando a própria criatividade do jovem, sem que ele perceba. Um exemplo, é o modo de se vestir que se vê nas ruas a cada ano, instituindo uma moda uniforme para patricinhas, mauricinhos, clubbers, roqueiros, sertanejos, etc. ...

Alguns jovens, no entanto, se negam à esta padronização, produzindo comportamentos e maneiras de ser diferentes dos esperados, mostrando o estilo de cada grupo de adolescentes. Esta é a maneira deles tentarem ser, dizendo : somos diferentes de vocês ! eles procuram outros jovens de sua idade e se identificam com eles, através dos mesmos gostos, das idéias e das atitudes. Pode surgir daí, por exemplo, uma nova moda, chamada de alternativa ou de “rua”, uma nova forma de transgressão e/ou resistência à anterior e desta forma, os adolescentes podem surpreender a cada dia, vivendo seus sonhos e fantasias através de uma moda rebelde, como resistência contra a civilização que limita, nomeia, corrompe, banaliza e regulamenta a

individualidade de cada um, tentando fazer com que todos pensem e sejam iguais.

Diferentes grupos criaram maneiras diversas de se comportar, de modos de vestir ou de se pentear, linguagens e modos de falar. Os adolescentes, assim como todos os outros indivíduos podem, fazer parte deste ou daquele grupo, fazendo suas escolhas pelo tipo de roupa que vestem, pela música que ouvem, pelo lugar freqüentado, pelas preferências sexuais, pela posição ideológica e política. Tais atitudes são também, permitidas ou delimitadas pelo poder econômico ou classe social a que pertencem. Como exemplos de diferentes grupos, podem ser citados : rockabilis, hippies, punks, mauricinhos / patricinhas, heavy metals, skin heads, tecnos, yuppies, clubbers, jovens do Movimento dos Sem Terra, rappers, movimento hip hop, rastafáris, cybers, etc. ...

As maneiras especiais de como estes grupos se constituem e se comportam, tendem a determinar, também, a escolha de parceiros para o relacionamento amoroso. Geralmente, as escolhas são feitas dentro de um mesmo estilo de grupo a que pertence o adolescente. Mesmo que um adolescente rockabilis por exemplo, queira “ficar” com uma menina do grupo dos punk, sua escolha recairá sobre aquela que tiver lhe agradado de acordo com aspectos que lhe forem prioritários. Destes, em um primeiro

momento, sobressai a visão estética do corpo. No momento seguinte, este adolescente poderá recuar ou avançar em sua conquista, dependendo das barreiras sócio culturais, étnicas ou raciais, condição econômica, pressão do grupo a que pertence que vierem a ser ultrapassadas por ele ou não.

Cada adolescente fará sua escolha baseando-se em alguns conceitos individuais, mas, mesmo se ligado a um dos grupos que criam maneiras diferentes de ser e oferecem alguma resistência aos padrões sociais vigentes, terá, até certo ponto, seus conceitos de beleza padronizados, também, pela cultura e os ditames da moda e mídia.

Meninos e meninas são muito afetados pela vontade de se embelezarem artificialmente. As meninas que se encontram fora do padrão de beleza, instituído socialmente, acabam sendo discriminadas, e os meninos que se interessam por elas, pressionados pelo grupo, podem acabar se afastando delas, ou seja “caindo fora”. Poucos adolescentes masculinos, nesta situação, acabam levando adiante uma oportunidade para “ficar” ou até um namoro, e quando isto acontece, “arranjam logo” uma justificativa para tentar explicar sua decisão : por “pena da menina”, “por que foram pegos em uma armadilha e não teve outro jeito” ou porque “ela é feia, mas muito inteligente”. Eles, na maioria das vezes, são diretos e muitas vezes até agressivos em sua maneira de tratar a situação :

“ ... entre escolher uma mina pra ficar, uma se a garota é da hora e a outra feia pra caramba ... com qual você acha que eu vou ficar ?” (adolescente masculino de 14 anos).

Os meninos que também não estão inseridos no modelo e padrões de beleza socialmente estabelecidos, sofrem discriminações da mesma forma que as meninas :

“ ... as meninas já são mais diretas e dão um tremendo fora antes de começar qualquer coisa” (adolescente masculino de 14 anos).

Alguns poucos meninos ainda, podem dar uma primeira olhada rápida em uma menina e depois considerar outros aspectos que não a estética padrão : se ela sabe conversar, se é tímida ou atirada. Estes, porém, geralmente são os que também estão fora do padrão esperado :

“... tem que ver a cabeça, tem que conhecer ver se ela tem uma idéia legal. Agora só porque a menina é feia, nem conversar pode ?” (adolescente masculino de 12 anos).

Assim, meninos e meninas, acabam selecionando outros adolescentes, pelo exterior que apresentam, criando, inclusive, novos preconceitos, que

acabam sendo padronizados pela sociedade de consumo. Esta por sua vez, também se apropria do visual dos diferentes grupos que surgem, para vender acessórios, roupas, sapatos e outros materiais necessários, buscando manter continuamente uma forma estética visual que justifique novos consumidores.

Como consequência desta extrema valorização da estética visual, o corpo de cada um acabou subdividido em partes nobres e não nobres, as que continuam sendo muito valorizadas nas quais, é preciso investir muito, as que podem ser citadas e as que não, as que podem ser tocadas e as que não, hierarquizando-as e valorizando-as desta forma. É uma visão deformada do corpo, que não vê a beleza do seu conjunto.

“Tem uns meninos taradão, que chega e já olha pra bunda da menina. Vê se é grande, é bonita, aí ... tem uns que olham o seio, é aí que vai passar a mão... dá mais tesão”

(adolescente masculino de 13 anos).

O corpo, em qualquer que seja a forma como os adolescentes o vêem, é fundamental na aproximação entre eles, e também para qualquer outro ser humano. Ele é um lugar onde o desejo se cria e se revela, se expande e se recria, é fonte de prazer e onde se desenrola toda a trama da vida de cada um.

O corpo de cada um é o locus onde, momentaneamente, se dialoga com outros corpos que transitam pelas ruas, escolas, shopping e outros

lugares, satisfazendo desejos e recriando outros mais fortes. Sendo os desejos contínuos, sua satisfação se concentra na procura do “corpo do outro”.

O “ficar”, como um relacionamento amoroso diferenciado, também pode se constituir em momento de resistência, vivendo-se, através dele, o oposto do vazio e da deserotização do corpo produzida pela sociedade de consumo. O corpo, durante o “ficar”, pode se tornar o ponto de encontro de outros corpos, se erotizando por inteiro, não tornando limitada à prática genital o prazer sexual, mas, sim, trazendo as possibilidades eróticas, ao alcance de qualquer um.

Embora o “ficar” também tenha sido apropriado pela sociedade de consumo, abre possibilidades para que o adolescente desenvolva uma sensibilidade para o que é belo, para o que é preciso ver e sentir, provendo a experiência da carícia e do toque, apresentando a pele como ponto fundamental do contato humano, e, frente a ela todo o resto se torna inexpressivo e sem muita importância. O toque da pele, pelas mãos, pernas e bocas, acontece durante todo o tempo do “ficar” e esta falta de disciplina pode se tornar uma de suas marcas principais, pois independe da cor da pele, da língua que se fala, ou da roupa que se veste.

O “ficar”, mesmo se constituindo em uma forma de viver o oposto do vazio e da deserotização do corpo, também pode ser apropriado, para que se manipule e se controle a sexualidade de todos os envolvidos nele.

Algumas meninas não querem somente prestar atenção ao tórax dos meninos e se ele “é musculoso”, e olhar também o rosto, os olhos, depois as pernas e a “bunda” : “... *tem gente que gosta de perna cabeluda, cabelo comprido, perna grossa ...*” (adolescente feminina de 15 anos); elas querem também tocá-los e satisfazer assim seus desejos pelo toque do e no outro corpo, criando cada vez mais, vontade de ser novamente invadidas e devassadas em sua intimidade. Esta mesma situação também pode ser vivida pelos meninos, que escolhem as meninas mais pelo conjunto de beleza que apresentam.

“ ... *a gente não gosta de tudo que é moda, porque tem uns que gostam mais dos seios médios, nem pequenos demais, nem grandes demais; outros gostam de seios grandes, tipo “aeroporto”, vantajoso*” (adolescente masculino de 15 anos).

No relacionamento amoroso, o tocar o corpo do outro ou ser tocado é um elemento de satisfação e realização de desejos. O corpo não apenas dá mas também recebe carícias e, por isso, elabora novas necessidades de contatos, de ser novamente tocado e de tocar cada vez mais, muitas vezes, não importando mais o visual estético, que pode passar a aspecto secundário.

Esta situação pode ser notada, quando em muitas das atividades e ‘brincadeiras’ de “passa mão” entre adolescentes, em festas e / ou danceterias, acontece o “reconhecimento” de como é o corpo do homem e / ou da mulher. Meninos e meninas, de preferência no escuro, e no pouco tempo em que dispõem, procuram passar a mão no corpo do outro, em quase um delírio de prazer. Se não der certo o reconhecimento do homem ou da mulher, pelo menos não se sabe em quem se passou a mão, ou quem foi que o fez. Neste instante, o sexo do outro deixa de ser tão importante, não provocando sentimento de aversão ou discriminação.

Durante o “passa mão”, alguns critérios podem ser utilizados no reconhecimento do corpo do outro : a forma física do corpo, a roupa que se veste a até o corte de cabelo que se usa :... *“... se tiver “peito” é mulher ... fica melhor para reconhecer se tiver elástico de sutiã nas costas”* (adolescente feminina de 14 anos). O comprimento dos cabelos também é diferencial, porque a maioria das meninas tem cabelos compridos e os meninos quase raspam totalmente os cabelos, “à moda Ronaldinho”. Outra moda dos meninos é um pequeno topete no alto da testa, levantado com gel, como pêlos eriçados de porco espinho e o resto dos cabelos, cortados bem rente.

Um critério corporal, segundo as meninas, é que os meninos têm as nádegas mais “... *redondinhas e durinhas...*” do que as meninas, que, por sua vez, as possuem mais em forma de pêra.

Todas estas e outras observações dos adolescentes passam pelo conhecimento do corpo masculino e do corpo feminino, obtido em sua prática amorosa cotidiana. No entanto, em nossa sociedade, este conhecimento, baseado nas características corporais de cada sexo, está fundamentado e sistematizado, acabando por classificar e normatizar o espaço de atuação de cada gênero, dentro de um mesmo grupo social. A atividade de “passa a mão”, mesmo que, aparentemente, de interesse dos adolescentes, e dita de necessidade para que meninos e meninas conheçam-se uns aos outros, atua como água divisora entre a vivência da sua percepção e representação de cada gênero, o que acaba reforçando comportamentos. Para Souza & Altmann (1999), este reforço é um processo que atua durante todo o tempo de vida do indivíduo, e tem por finalidade, conduzi-lo a uma ordem e disciplina social. Ele, assim sempre acontecerá através “... de uma classificação de acordo com a raça, classe, etnia, social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras, e que atua simultaneamente também em diversos espaços sociais” (Souza & Altmann, 1999, p. 52- 56).

“Eu já vi fazer em festa, o corredor polonês ... fica perto do banheiro, porque todas as meninas vão ao banheiro durante uma festa ... é um corredor de meninos e cada meninas que passa dá um beijo em cada um dos meninos do corredor. Os meninos aproveitam pra passar a mão...” (adolescente masculino de 13 anos).

É a partir, destas referências, que outras diferenças que vierem ao longo da vida, vão reafirmando seus valores. Conhecimentos, posturas, jeito de ser considerado masculino e/ou feminino, e que já vêm sendo construídos socialmente e culturalmente desde que nasceram.

Mas, também, não se pode negar, nem esquecer, que as situações que meninos e meninas, vivenciam nestas “brincadeiras” fazem com que eles tenham a oportunidade de conhecer, mesmo que superficialmente e por um breve instante, o corpo do outro do mesmo sexo, sem que isso possa lhes ser considerado desabonador, o que se torna um momento de intensa contradição em relação ao que vivem fora destes espaços. Algumas destas situações são tão rápidas e breves que acabam não tendo muita significação para os próprios adolescentes, que a maioria das vezes não vão pensar sobre elas em nenhum outro momento. Outras, as que se tornarem significativas, poderão ser, talvez, o diferencial da vivência de uma sexualidade mais tranqüila.

3 . O “olhar” e a “conversa”

“Se sente uma atração quando se é escolhido pelo olhar”.

(adolescente masculino de 16 anos)

Para que o jogo amoroso e erótico, se constitua como tal, são necessários, no mínimo, dois indivíduos e dois pontos considerados básicos para despertar o interesse, iniciar e constituir um relacionamento, sejam eles adolescentes ou não : o olhar e a conversa.

Mas, afinal, o que têm estes dois pontos em comum ?

No texto “Janela da Alma, Espelho do Mundo” (Chauí,1998, p. 38), os cinco sentidos do corpo e seu funcionamento são unidos para um mesmo objetivo : “... cumprem um papel preciso, qual seja, trazer o invisível _ pensamentos _ ao visível”. Ora, desta forma, olhares e conversas não estão, de forma alguma, fora das sensações e sentimentos que levam o indivíduo a procurar aquilo que lhe dá prazer e que ele, assim, deseja. O olhar,

“... apalpa as coisas, repousa sobre elas, viaja no meio delas, mas delas não se apropria. “Resume” e ultrapassa os outros sentidos porque os realiza naquilo que lhes é vedado pela finitude do corpo, a saída de si, sem precisar de

mediação alguma, e a volta a si, sem sofrer qualquer alteração material” (Chauí, 1998, p. 40).

Quando isto acontece, o olhar se refere à faculdade que tem de se apropriar de todas as coisas, de seduzir e ser seduzido sem precisar ser traduzido por qualquer outro sentido. Esta experiência, deveria por si só, bastar, mas, ao adolescente, não basta, pois, vive momentos de aprendizagem e autoconhecimento. Ele só poderá aprender ouvindo e sendo ouvido, tocando e sendo tocado, e, para ele, todos os sentidos são parte de uma experiência visível, real e concreta.

Desta forma, a percepção visual do adolescente está vinculada aos diversos estímulos captados pelos demais sentidos do corpo, e mesmo que colocada em primeiro plano, estejam em primeiro plano, nada poderá ficar isolado da sua corporeidade, mas, sim, profundamente relacionado a todas as outras sensações e movimentos, implantados, profundamente, em sua sensibilidade e em sua sexualidade.

Assim, quando um adolescente ao encontrar outro, olha para ele, (necessariamente ambos não precisarão se olhar, se ver, se perceber ou se observar ao mesmo tempo), um deles pelo menos obterá todas as informações que necessitar, através da imagem percebida do outro, distinguindo,

conhecendo, reconhecendo, recortando, medindo, definindo, caracterizando, selecionando, interpretando em suma, identificando-o, com suas preferências, deixando-se seduzir por sua imagem, suas atitudes, sua maneira de falar, de andar, sorrir ...

Poder-se-ia falar em amor à primeira vista (se isto, hoje, não acabar sendo considerado um tanto ultrapassado) sem a preocupação de atribuir, um “poder mágico aos olhos” (Chauí, 1998, p. 31). Mesmo sem esse poder, o olhar terá grande força, capaz de desnudar e arrebatrar o seduzido, traze-lo para dentro do sedutor. Ao mesmo tempo em que é capaz desta proeza, é capaz, também, de fazer com que cada um, ao olhar o outro, consiga sair de dentro de si, expondo o seu interior ao exterior, o que permite, assim, que também ele seja seduzido.

O adolescente, ao olhar o outro, o vê , percebe, treme, sente, mostra desejos e vontades, conhece sentindo e se sente conhecendo; ao olhar, ele já começa a “ficar” com o outro :

“ Ficar olhando direto ou indireto, acompanhar a pessoa, paquerando com o olhar, ela entende o que eu quero...” (adolescente masculino de 15 anos).

Quando uma menina vê um menino pela primeira vez, ela “*bate o olhar*” e pode pensar : “*olha que menino legal !*” Se o menino percebeu e sentiu o olhar, ele o vê como um sinal; se ele se interessa, ele é rápido :

“... *ele pode nem olhar, chega perto dela, com a maior cara de pau, chegando e pedindo ... se quiser já vai beijando ... é rapidinho assim ! “... um colega meu, a menina olhou para ele, ele foi lá deu um beijo rapidamente, só porque ela olhou pra ele, no seco ... vapt, vupt, ...”* (adolescente masculino de 14 anos).

Como “olhos de caçador”, os olhos, independente de quem os possuam, sempre estarão volteando, à procura do olhar do outro, pois é através do olhar o outro que o adolescente, formará o seu auto conceito. Como estará sempre buscando em si mesmo algo único e fundamental, precisará do outro, para que sua própria pessoa, seja definida e ele possa estar constantemente reestruturando a imagem que faz de si mesmo. É a profunda necessidade de reconhecimento, em um mundo altamente competitivo que se faz presente (Fini, 2000, p.58-63).

Desta forma, quando os adolescentes se encontram e descobrem alguém de seu interesse, podem iniciar o jogo amoroso, através do olhar. Se examinam e vêem se vale “ a pena”.

Depois que a aproximação, através do olhar, aconteceu e antes de iniciar os toques pelo corpo, ainda é necessário, às vezes, “ uma conversa, um “xaveco”, para aquecimento do outro e às vezes, até para seu convencimento, se este se mostrar indeciso, o que faz prolongar a sensação de prazer e de conquista.

O “xaveco” é uma conversa amorosa, mansa, lânguida, iniciada por um dos dois interessados, que tenta “capturar”³⁶ o outro para “ficar”, seduzindo-o, também, se notar alguma resistência. Esta resistência pode, ainda, ser considerada como uma “manha” ou “charme” do outro, para não ceder tão facilmente, o que faz parte do jogo amoroso ou erótico. “Xavecar” é travar uma conversa íntima, em que se tenta fazer a pessoa se interessar. Pode ser uma conversa direta, mais rápida, mas com o perigo de se levar um “fora direto” se o outro não estiver muito interessado; ou indireta, que leva mais tempo mas não oferece o risco de se ouvir um “não vou ficar com você “.

“Eu sou um pouco atirada, e quando me interessa mando um bilhete ou chego pessoalmente : quer ficar comigo ? às vezes , quebro a cara” (adolescente feminina de 13 anos).

³⁶ CAPTURAR : Convencer pela conversa ou tentar fazer o outro cair em sua conversa ou lábria.

Os meninos, geralmente mais sutis, são aqueles que mais “xavecam” e as meninas que gostam de fazer charme, podem mostrar interesse devagar para saber até onde o outro vai e por fim ceder ; mas, se não estiverem afim, “ despacham logo” . Esta situação, faz com que o processo de sedução e conquista, às vezes, aconteça devagar aumentando assim o prazer de se “ficar” com alguém.

O “xaveco” é uma conversa amorosa de conquista e sedução complementada por olhares amorosos gestos e/ou expressões corporais, treinadas constantemente, por exemplo, esbarrões de corpo que os meninos dão nas meninas e longos olhares das meninas.

Estes olhares, gestos e expressões corporais são uma linguagem organizada, exposta à interpretação do outro, permitindo o reconhecimento daquilo que o outro deseja ou quer. Se por exemplo, o menino ou a menina se afastar ou esta última se mostrar irritada, é porque não está interessada e muitas vezes não vale à pena ir adiante e levar um “fora direto”.

O jogo amoroso e erótico, iniciado com o olhar, e escolha do parceiro, tem seu prazer aumentado, durante o "xaveco". Os mais experientes mais seguros de como fazer, dizem que tudo não pode ser muito rápido,

“ ... *tem que olhar primeiro, jogar um charme e depois deixar rolar*” (adolescente masculino de 14 anos)

Mostrar charme e interesse através de um “xaveco” , são as armas mais eficazes para se conquistar quem interessa.

Outra forma, principalmente para os mais novos que ainda estão aprendendo a “xavecar” e querem mostrar que estão interessados em alguém, é dizer para os amigos e colegas; eles, os amigos, ajudam bastante na hora da escolha e até fazem as intermediações, fornecendo informações sobre esta ou aquela menina ou menino. Se o amigo já tiver “ficado” com a menina, ele pode contar algumas coisas sobre ela, como beija, o que permite durante o “ficar”, se depois fica pegando no pé do menino, se vai falar mal ou bem dele, etc. ... e, se o amigo não a conhece muito bem, poderá obter informações depois que ela “ficar” com o interessado. Entre as meninas, também existe esta rede de informações e contatos, assim como amigas que acabam exercendo uma determinada influência : “*olha ... fica com aquele lá ...*” Mesmo quem já “ficou” com determinado menino, e ironicamente, se ficou com ele e não gostou “... *dá mor força ...*”³⁷ para a amiga.

Os amigos, que podem ser meninos ou meninas, também levam e trazem recados do interessado ou da interessada, para a menina ou menino

escolhido. Também podem “xavecar”, para conseguir com que seu amigo (ou amiga) conquistem o seu objeto amoroso.

Alguns adolescentes masculinos, quando se sentem inseguros, relatam que têm dificuldades para abordar uma menina em quem estão interessados para “xavecar”.

“... chegar em uma pessoa, de levar um não, como que fica ?” (adolescente masculino de 14 anos).

“... às vezes nem chego perto porque fico pensando no que ela está pensando de mim” (adolescente masculino de 16 anos).

Para os adolescentes, uma maneira mais fácil de saber se serão aceitos consiste em enviar recados diretos ou disfarçados pelos amigos ou amigas para quem se quer “ficar”: *“... através dos amigos, funciona direitinho”*. Fingir também que não se quer nada e falar para o melhor ou a melhor amiga dela ou dele, perguntar sobre a pessoa também ajuda. Logo os amigos vão dar o “recado”.

³⁷ “MÖR” : Foi mantida na escrita, a forma como alguns adolescentes se referem à palavra “MAIOR” , abreviando-a para “MÖR”.

“... amigo que ajeita para o outro, ficar com uma “mina” numa festa”. (adolescente masculino de 15 anos).

4 . O que “rola” ... rola ... rolou ...

“ É poder beijar, abraçar uma pessoa bem mesmo”.

(adolescente masculino de 16 anos)

O tempo, para que uma conquista amorosa aconteça, não é determinado, pode variar o necessário para que o adolescente tente e procure fazer o que deseja, conhecendo o outro intimamente, isto é, abraçando, beijando, tocando seu corpo, se deixando tocar, trocando carícias e carinhos e até transando (“se rolar o sexo”), pode acontecer *“... só se os dois querem ...”*

(adolescente masculino de 16 anos).

Expressões amorosas e sexuais, podem, assim, perder o caráter do proibido, feio e pecaminoso que, historicamente, lhes foi imputado, principalmente para os jovens, conforme os limites que cada um vai construindo para si mesmo.

O que passa a existir é o que *“... nós desejamos e queremos fazer”* (adolescente feminina de 15 anos).

“... na festa do meu colega barrigudinho, a menina ficou passando a mão na barriga dele, acariciando-a : todo mundo ficou, só a menina ficou passando a mão na sua barriga, é o charme dele ...” (adolescente masculino de 12 anos).

Nos momentos prazerosos do “ficar”, não há compromisso e tudo é permitido. Os desejos excitantes, considerados tabus, podem deixar de sê-lo.

Os meninos reclamam que eles passam mais a mão nas meninas do que elas neles. Algumas meninas reclamam da safadeza deles, e outras não gostam, quando os “...caras não têm “atitudes ...”, e ainda, não curtem os “ ...caras que ficam só beijando ...” (adolescente feminina de 15 anos).

“Tinha um menino que ficou de xaveco com minha irmã; ficaram dois meses dando beijos no rosto e nada. Aí acabou. O menino não chegava perto nem falava um ah pra ela. Isto quer dizer que se o menino não faz nada ele é um bolha, se ele faz tudo ... as meninas preferem o quê ?” (adolescente masculino de 14 anos).

A menina, apesar do caráter de “tudo pode” do “ficar”, continua sendo responsável pelo que “rola”, devendo ser quem deve controlar o que se vai fazer, impondo os limites em relação ao que não deseja fazer.

“... quem tem que tomar conta do que vai ser feito no ficar é a menina. Se a menina deixa fazer isto ou aquilo, o problema é dela, porque ela deixou ...” (adolescente masculino de 13 anos).

Desta maneira, o adolescente vai construindo sua individualidade, e, também se produzindo como sujeito social. Se constituirá sutilmente e continuamente através das práticas cotidianas em que se envolver. É “natural” que meninos e meninas separem o que é de quem, e pelo que cada um deve se responsabilizar, no comportamento amoroso ou sexual ? É “natural” que caiba à menina deixar ou não deixar de fazer o que gosta ou deseja ? Ou o menino ser obrigado a “ficar” sob o risco de ser chamado de boiola ? Porque “*Os meninos têm que mostrar machismo e virilidade*” (adolescente masculino de 16 anos) e as meninas, “... *gostam de tudo disfarçado, uma escorregadinha de mão, mão boba*” (adolescente masculino de 15 anos), mostrando pelo sexo um interesse disfarçado ?

Todas as dimensões de produção e criação de comportamentos ditos “naturais” precisam então, ser colocadas em questão.

A compreensão de que diferentes sujeitos, homens e mulheres, possam viver de vários modos seus prazeres e desejos, “*Conversamos bastante, beijamos, abraçamos, damos carinho um para o outro*” (adolescente feminina de 17 anos) é, segundo Louro (1998, p. 64-65), uma forma de “... implodir a idéia de um binarismo rígido nas relações de gênero...”.

Meninos e meninas, aprendem a lidar com as situações que surgem e alguns, se já têm alguma experiência no “ficar”, adotam algumas atitudes consideradas “mais avançadas” :

“ ... beijos na boca ... a língua enrola ... elas ficam beijando no pescoço, na orelha ...elas passam pouco a mão na bunda dos meninos e como eles não têm seios, então elas, passam a mão no ombro, pescoço, cabelos ...” (adolescente masculino de 16 ano).

“Rola beijos, rola toques pelo corpo e até às vezes, rola sexo” (adolescente masculino de 15 anos).

“Pensam que as meninas não passam a mão ? dão uma passadinha, escorregam a mão ... mas, são os meninos que passam mais a mão, elas gostam de dar umas “pegadinhas de vez em quando...” (adolescente masculino de 14 anos).

O que pode “rolar” dentro do ‘ficar”, aparentemente, comporta uma variedade de práticas, a serem experimentadas, assim como é grande e variado o número de parceiros.

“... as meninas, às vezes, ficam com vários meninos ao mesmo tempo. Vão no cantinho, dão uns beijinhos, voltam, dão beijinhos em outro e assim passam o tempo de toda a festa” (adolescente feminina de 13 anos).

O processo, no entanto, é diferente para meninos e meninas, o que faz com que surjam preconceitos em relação ao comportamento feminino, ligados à não imposição dos limites no que “rola”, e à obrigação de ter que dizer não a um maior número de parceiros. A rotatividade e o “deixar fazer tudo”, são desfavoráveis às meninas, que “ganham fama”, o que demonstra uma atitude bastante conservadora por parte do grupo.

“ ... mas tem menina que ganha de muito menino por aí ... tem muitas que administram muito bem o ficar com vários em uma festa” (adolescente masculino de 15 anos).

Nem sempre as meninas que deixam “fazer tudo” são aquelas que têm muita experiência com o “ficar”. Algumas meninas em uma primeira vez, não impõem limites. Como nunca ficaram, sentem medo e não sabem dizer não, “não tomam uma atitude”. Outras agendam os nomes dos meninos com quem nunca ficaram, o que também é feito por alguns meninos que gostam de se mostrar para colegas e amigos:

“... tem moleque que fica com muitas meninas só para ter listinha ... tem nome na lista até de menina que ele não ficou” (adolescente masculino de 13 anos).

Há meninas que já “ficaram” com muitos meninos (em um grupo, às vezes, algumas já ficaram com todos). É a alta rotatividade. Isto não quer dizer que sempre permitem tudo. Elas selecionam o que gostam e o que permitem. Existem também, outras que se permitem tudo : “ *como algumas já fizeram tudo mesmo, e nem ligam, a gente aproveita*” (adolescente masculino de 15 anos).

“*As meninas gostam de ter prazer também*” (adolescente feminina de 15 anos).

“Ficar” com muitos parceiros em uma só noite ou um certo período de tempo, pode ser um fator depreciativo ou não. Acontece, às vezes, de um menino “ficar” com duas meninas amigas numa mesma noite ou festa. Uma passa para a outra a informação “se vale a pena ficar” com tal menino, se valer, todas as amigas querem experimentar. O menino pode “ficar”, assim, com umas dez meninas, pois o que conta, afinal, é a quantidade, e ele terá mais chances de conseguir dar uns beijos em uma, passar a mão pelo corpo da outra, outra vai ser mais liberal, etc. ... Esta é uma forma de quantificação do prazer, e um exemplo, nítido, da separação entre sexo / amor / paixão, característica do “ficar”. O “*Ficar é divino*” (adolescente masculino de 17 anos), “*É uma tentação, como a gente vai resistir ?*” (adolescente feminina de 17 anos), sendo assim caracterizada a falta de controle e domínio sobre o corpo, atitudes e comportamentos.

As demonstrações de carinhos são desencadeadas nos instantes vividos, sem a preocupação com o depois ou o amanhã, agindo-se com desembaraço e velocidade. Esta situação, abre uma igualdade entre a norma social e a ideologia do prazer, tudo passa a ser aceito como “natural” (Chaves, 1994, p. 24).

A ruptura entre o compromisso e o prazer, faz com que não seja necessária uma seqüência de ações durante o “ficar”, como por exemplo, antes de um beijo, pegar na mão, etc. ... pode-se ir logo para o beijo ou o que se quiser fazer, e desta maneira, o “ficar”, acaba se inserindo no campo da experimentação, pois vai se tornando distante da corrente afetiva e dá lugar à preocupação com a quantidade e variedade, visando os prazeres imediatos e satisfação dos desejos, sendo visto como um “passatempo delicioso”.

“ ... o momento em que fico com uma garota conhecendo ela melhor, conversando entre uma coisa e outra, rola a intimidade, que são beijos, abraços, amassos, carinhos ... então porque não dividir isso com outras ? ” (adolescente masculino de 14 anos).

5 . O que é preciso fazer para “ficar”

“Mesmo que nenhum menino lhe interesse, você não tem o direito de querer ficar sozinha”.

(adolescente feminina de 15 anos)

As regras, presentes no dia a dia da vida dos indivíduos, estão, o tempo todo, ao redor das atitudes amorosas. Elas estão, também, na base de alguns tipos de relacionamentos amorosos atuais, como o “ficar”, por exemplo, intimamente ligado com o momento histórico da sociedade em que se vive.

Esta sociedade, segundo Melluci (1997, p.5) “... concebe a si mesma como construção da ação humana”, tendo sua “produção material, transformada em produção de signos e de relações sociais”. A pressa nesta produção, vem estimulando o entendimento sobre o eu de cada indivíduo e as possibilidades de que suas experiências, amorosas ou não, se tornem para ele, um investimento cognitivo, cultural social.

O desenvolvimento da capacidade desta produção, se constitui uma tarefa na qual o adolescente produz seu processo de informação, comunicação

e sociabilidade. Seus relacionamentos serão influenciados por esta nova forma de produção e pelos investimentos que puder fazer, para se inserir nela.

Tomando-se como exemplo, e considerando a sociedade em épocas passadas, percebe-se que ela se ocupava da transmissão de regras e valores básicos do que acontece hoje que diz respeito aos relacionamentos. Vê-se que este sistema, quase já não vigora mais, e há sim, uma “redefinição e invenção das capacidades” (Melluci, 1997, p.6) pessoais em um “aprendizado” de habilidades cognitivas e criatividade. Estas ações, vão, através de um ritmo flash (que acende e apaga imediatamente, que dura pouco tempo), proporcionando o estabelecimento, em um curto espaço de tempo, de novas regras e normas para que os diferentes comportamentos, assim como os relacionamentos afetivos ou não, aconteçam, e se tornem desta forma, fluídos e descontínuos.

As regras e normas, adquirem novos significados, abandonando agora o sentido de reprodução de uma ordem social, para produzirem elas mesmas, novos comportamentos.

Mesmo que não percebidas, as novas regras, principalmente no relacionamento amoroso dos adolescentes, que constitui o estudo desta pesquisa, vão se constituindo através de comportamentos sui generis, primando por aspectos que, muitas vezes, conseguem romper com ordens pré

estabelecidas, tornando-se transgressoras e ao mesmo tempo, e contraditoriamente, instituindo um determinado tipo de relacionamento característico da sociedade que vem se estruturando atualmente.

Isto quer dizer que, mesmo considerando novas formas de relacionamento amoroso, contestadoras de modelos antigos de namoro, como o “ficar” por exemplo, ele mesmo possui, regras ambíguas quanto à visibilidade e invisibilidade do interesse de seus autores, Chaves (1994).

Estas regras estão centradas, principalmente, na ausência de compromisso, que permeia os relacionamentos amorosos da população mais jovem, e mesmo que se “chegue perto do outro”, se fale de amor ou se toque o seu corpo, o compromisso ou responsabilidade sobre as conseqüências não existem.

Outras regras ou normas, se referem à falta de práticas ou atos amorosos como pré - requisitos para que o relacionamento sexual aconteça, como exemplo, levar algum tempo se conhecendo antes, beijar, segurar na mão etc. ... Inexistem práticas anteriores ou posteriores como pré requisitos, nenhuma será mais valorizada do que a outra. Um ato, como beijar por exemplo, não será pré requisito e também não precisará de nenhum outro para que seja realizado, assim para que dois adolescentes se beijem, logo que decidam “ficar”, basta querer.

Há uma outra regra, que diz respeito à decisão de se querer “ficar” ou não com alguém, isto acontece porque se quer ou como imposição do grupo a que se pertence. Havendo uma negação, corre-se o risco de exclusão do grupo, o que implica na perda de convites para festas e outros encontros. Esta regra se aplica principalmente aos meninos.

“Às vezes, a turma faz pressão e você acaba ficando, se não ficar então é “ boiola”

(adolescente masculino de 14 anos).

Ainda uma outra regra, considerada importante pelos adolescentes, concerne à escolha dos parceiros para “ficar” e quem pode “ficar” com quem. Por vezes, a timidez ou falta de segurança fazem com que o adolescente não se sinta à vontade e não chegue em alguém ou tenha o direito de não querer “ficar” com alguém.

A pressão do grupo é forte sobre meninos e meninas, que terminam por escolher alguém para “ficar”, caso contrário acabam se afastando do grupo. Em uma festa não se tem o direito de ficar sozinho em um canto ou apenas conversar com os amigos, *“ Tem que ficar: ... senão, se fica por fora e não se é convidada nem para as festas”* (adolescente feminina de 13 anos).

“Porque tem que ficar por causa do grupo, isto causa um desespero ... é melhor ir embora da festa” (adolescente masculino de 16 anos).

Para os meninos, as meninas são mais privilegiadas, podem escolher seus parceiros. Se uma menina quer ficar com um menino e chega perto dele, “o menino não tem como recusar”, sob pena de ser reprovado e questionado quanto à sua masculinidade, frente aos outros. Predominando aí, o estereótipo masculino de que “o homem” tem que ser “machão”, aproveitar todas. Só em um caso extremo, ele pode recusar : “ ... só se recusa se a menina é do tipo que ninguém quer” (adolescente masculino de 14 anos). Mas, como é este adolescente que não se quer ? Cai-se, também, na mesma situação de preconceito.

Se a menina tem, por exemplo, vários pretendentes, ela pode escolher quem quiser e se, depois quiser alguém, que rejeitou antes, pode voltar atrás, quando bem entender. Se o menino não quiser mais “ficar” com ela, “...vai ter que se safar ... cair fora ... ” ³⁸ (adolescente masculino de 14 anos), arranjando um jeito de fugir da situação.

Em relação à escolha dos sexos, geralmente, o “ficar” envolve escolhas entre adolescentes de sexos opostos, meninas com meninos e vice versa. Os adolescentes dizem que é muito difícil ver meninos e meninas ou meninas e meninas juntos, em uma situação de “ficar”. Eles acham, no

entanto, que isto não é impossível de acontecer, porque todos têm muitas oportunidades de estarem juntos nas festas, nos bares, na rua, na escola, e as escolhas podem depender do que cada um gosta e quer fazer.

Os meninos dizem que parece ser mais fácil menina "ficar" com menina, pois elas têm o costume de irem ao banheiro juntas, sentar uma no colo da outra quando não existem cadeiras disponíveis, andar bem juntas e de mãos dadas, cochichar uma no ouvido da outra, o que pode acabar facilitando a aproximação e as demonstrações de carinho entre aquelas que gostariam de "ficar" com outra menina

Às vezes, acontece em um grupo de amigas e amigos mais chegados, *"... alguma menina achar que a outra gosta dela"* (adolescente feminina de 14 anos). Isto pode ser percebido pelas "cantadas" de menina para menina : uma pode dizer que a outra *"...é a preferida dela ... que ela é a mais bonita que ela conhece"*, etc. ... A situação acaba por se constituir uma surpresa para quem ouve e ainda não percebeu o interesse da outra. É,

"... um susto para quem ouve, porque muitas vezes não se está preparada para ouvir ou nunca ter pensado sobre o que fazer em um momento como esse" (adolescente feminina de 15 anos).

³⁸ SAFAR, CAIR FORA : Segundo os adolescentes, é o mesmo que ir embora, fugir naquele

Entre um grupo de amigas isto é passível de acontecer e também dá margem a não se saber se é uma “cantada” ou um jeito carinhoso de ser da outra. A forma de resolver a questão, às vezes, quando não há interesse, é fazer de conta que não se percebeu as insinuações ou afastar-se da amiga, mantendo conversa só quando for necessário. Se a outra entender, tentará permanecer junto da amiga, também fazendo de conta que nada aconteceu, ou se afastar também. Uma outra hipótese, é o ensaio de novas tentativas de se aproximar amorosamente da pessoa alvo do seu interesse.

A “cantada” entre meninos parece ser mais difícil, principalmente por causa da forte cobrança do padrão de comportamento masculino. Aqueles que não se mostram dentro deste padrão acabam se isolando voluntariamente, ou não recebendo convites para festas e passeios, e são cada vez mais discriminados.

“... dá pra sentir raiva se o menino vier com esta conversa. Dá um bicudo nele. Sai fora rapaz, fuja para o outro lado ...” (adolescente masculino de 14 anos).

Peculiaridades e identidade própria, são ignoradas e o outro, como indivíduo singular, é negado e desprezado.

Diante de uma situação como esta, o menino terá dúvidas se realmente quer enfrentar o preconceito, o olhar de reprovação, a fofoca, o cochicho, o abandono e as gozações de todos, terá vergonha e se refugiará em si mesmo, escondendo seus sentimentos, mostrando não estar preparado ainda para assumir a situação ou para decidir se é isso o que realmente quer.

De qualquer maneira, esta é uma questão não muito tranqüila para os adolescentes de ambos os sexos. Eles se sentem confusos quando o assunto é a homossexualidade e geralmente, repetem o que já ouviram falar no meio em que vivem, discurso que se aproxima dos modelos e estereótipos irônicos e caricatos apresentados nas novelas e em alguns programas de atrações variadas da TV. Tais estereótipos, foram construídos marcadamente por grupos de maioria branca, heterossexual e urbana, que, segundo Louro (1998), de certa forma, ainda lidam com uma concepção permanente e estável do modelo de comportamento masculino e feminino. Portanto não é de se estranhar que esta concepção vigore, com muita força, nos meios de comunicações de massa em que a discussão sobre etnias, raças, sexo ainda não chegou e nem se mobilizam para maiores questionamentos e reflexões.

Assim, as opiniões sobre os sentimentos que os adolescentes têm em relação a estas questões são divididas. Alguns, acham difícil não ser possível demonstrar o que se sente e o que se quer, tanto para meninos quanto para

meninas que querem “ficar” com alguém do mesmo sexo, porque o padrão considerado para o desejo é o heterossexual e não se *“Aprendeu a gostar de alguém e poder falar deste amor”* (adolescente feminina de 15 anos).

“Quem não deseja passar bons momentos junto da pessoa que se ama ?” (adolescente feminina de 16 anos).

Depois do breve relacionamento amoroso do “ficar”, restando uma experiência prazerosa ou não, cada adolescente pode ir embora para sua casa e nunca mais se encontrarem ou, se o fizerem, podem fazer de conta que entre eles nada aconteceu e até se tornarem amigos. Entretanto, se um gostou do outro e sentiu prazer em sua companhia e no que “rolou”, eles podem trocar endereços ou números de telefone , não necessariamente para um namoro, mas para futuros contatos, até mesmo para “ficar” novamente.

Caso ocorra de um só adolescente querer manter contato de novo e o outro não, pode haver uma certa frustração ou até mesmo um sentimento mais intenso de perda afetiva se o apaixonado continuar a tentar contato com o outro ou não desistir do objeto amoroso. Muitas vezes, diante da insistência do outro, aquele que não deseja manter mais contato, acaba fornecendo informações erradas sobre onde mora ou estuda, assim como o número de um telefone inexistente ou que não é o seu, às vezes, até de algum amigo (a).

Outras regras, relacionadas ao gostar, ao desejar e ao envolvimento dos corpos, de suas expressões e manifestações, da conquista pela fala e pelo olhar, vão surgindo continuamente. Elas fazem com que o relacionamento amoroso ou sexual aconteça e se transforme, como parte integrante que é de um movimento social dinâmico e temporal.

6 . Algumas implicações do “ficar”

“... quando o amor não é correspondido ... eu choro quando diz que não gosta mais ... tomo remédios e drogas ... eu já fiz isso...”

(adolescente feminina de 14 anos).

A construção da relação amorosa deixou de estar frente a modelos de valores não mais centrados em normas e regras rígidas de comportamentos sociais, se posicionando agora a valores fluídos e dinâmicos, que trouxeram à tona a hipocrisia existente, no “ Faça o que eu digo e não o que eu faço” ³⁹.

Foram criadas outras formas de se perceber e vivenciar valores; mas, a discussão e o conhecimento sobre o que precisa mudar, apenas referenda uma outra forma, que os valores adquirem. Como os valores

³⁹ Dito popular.

passaram a ser relativos e não mais absolutos, tudo é passível de ser questionado e pode acontecer. Como aos adolescentes tudo pode ser permitido, a possibilidade de transitar entre objetos amorosos variados, institui onipotência em suas decisões e escolhas sem que tenham a oportunidade de refletir e, por isso, possam ser responsabilizados. A ordem é uma só : consumir-se na procura da felicidade. Ela, a felicidade está aí, para ser desfrutada, garantida através dos objetos de consumo.

Nesta busca da felicidade, o adolescente se perde e não sabe mais quem é ou que quer para si, deixando de ter algumas marcas e referenciais que o identificam.

Desta forma, dado o caráter efêmero e fugaz, deste novo relacionamento amoroso, o “ficar”, visto como de caráter não neutro, mas, comprometido com uma nova ordem social ditada pelo consumo, gera algumas situações, que se afiguram como não tão prazerosas como o alardeado.

Na relação amorosa um adolescente faz uma composição com o outro, a relação estabelecida entre eles deve acontecer de forma que um não se torne o outro, mas que um possa se tornar uma conexão de construção de si para o outro. Se a relação não se constituir desta forma, passará a ser um momento de dominação, ou degradação.

Se acontecer esta conexão, o relacionamento amoroso do adolescente terá pontos positivos a seu favor e que serão bastante valorizados. Mas, se isto não ocorrer, só será valorizado aquilo que não foi bom, como os medos, as angústias, dúvidas, o que não ficou resolvido e o que ele não teve ajuda para resolver.

Toda a relação e atitude, seja amorosa / sexual ou não, é passível de possuir regras e normas sociais para sua efetivação, e assim, também o será para os adolescentes. Aqueles que não conhecem as regras, ou as transgridem, não conseguirão usufruir do prazer, durante e depois do “ficar”, pois, algumas questões ainda poderão apagar o prazer da sedução e da conquista vivida.

Algumas meninas, por terem atitudes diferenciadas e / ou transgressoras durante a conquista amorosa, como por exemplo, um número considerado “exagerado” de parceiros, acabam sendo valoradas, em seu grupo de referência, por denominações de cunho pejorativos e ficam com determinada “fama”. Estas meninas, mesmo correndo o risco de serem chamadas “*de maria gasolina ... preferem mostrar que podem tudo perante às outras meninas*” (adolescente feminina de 14 anos).

Os meninos, muitas vezes, auxiliam nesta difamação, em uma atitude de aparente machismo, dizendo que, se alguma menina quer ter fama de “maçaneta”, “corrimão”, “rodoviária”, o problema é dela e se depois ninguém

quiser namorá-la, o problema é dela também. Porém, a maioria dos meninos prefere mesmo é “ficar” com as meninas que deixam fazer tudo, mesmo que depois fiquem falando delas para os amigos : “... *porque elas deixam mesmo*”, são as chamadas de “chupeta”, “biscate”, “galinha”, “puta”, “putinha”, etc. ... (adolescente masculino de 17 anos).

As meninas, tentando à sua maneira se rebelar contra a situação, dizem que os meninos que “ficam” com muitas meninas, deveriam ser chamados de “maçanetas” também e algumas até recriminam as colegas que fazem “tudo”. Elas, porém, acabam aceitando a situação discriminatória, reconhecendo algumas diferenças entre os dois sexos e aceitam, como “natural”, uma situação construída socialmente. Desde que se descobrem de sexo diferente dos meninos, incorporam a normatização para suas próprias vidas.

Algumas meninas, tentam dizer que não deveria ser assim, mas aparentemente não fazem nada para mudar, conformam-se e aceitam sem maiores conflitos.

“ ... *eles não levam fama porque sempre se imagina que ele pode fazer tudo e a menina é que não pode fazer nada ...*” (adolescente feminina de 13 anos).

Muitos meninos, já incorporaram a cobrança que lhes é feita cotidianamente de serem eles os conquistadores e não quem deve ser conquistado valorizando-se positivamente como “garanhões”.

“Porque existe um tipo de preconceito, menino só tem nome de garanhão, menina já é outra coisa, nome que todos já sabem como biscate, galinha, etc.” (adolescente feminina 14 anos).

Esta questão, implica, segundo Louro (1998), que toda cultura constrói uma conduta e um sentimento apropriado de ser. Para os homens, há a definição e construção da masculinidade, fazendo com que eles aprendam, modos e maneiras de ser diferentes das mulheres. Esta situação, portanto de ser “ganhão”, seria apenas um dos aspectos do papel social esperado dos homens, como o explícito nesta fala : *“... o meninos não pegam fama, mesmo tendo uns largadões que só pensam no prazer , mas as meninas pegam rapidinho”* (adolescente feminina de 15 anos). Às meninas, é admitido um papel social que as identifica como mulheres e portanto, também a elas corresponderá uma maneira de ser especial, ou seja um papel e um valor feminino.

Ambas construções sociais, estabelecem valores hierárquicos e desigualdades, o que se supõe que também as identidades de gênero e sexual, serão construídas neste tipo de relação.

Como tanto o papel feminino e o masculino vivem em constante interdependência, “ ... ou seja, significam algo distinto e mais complexo do que uma oposição entre dois pólos”, (Louro,1998, p.49), esta relação será afetada por cada comportamentos de ambos os sexos. Devido a esta situação de interdependência, muitas vezes, uma atitude prejudicial ou benéfica a um dos sexos, acabará por influenciar a vida de ambos. Por exemplo, uma gravidez indesejada, também estará afetando os meninos, pois, mesmo que ele não possa ou não queira “assumir” o filho, levará para toda a vida, as conseqüências de ter algum dia se tornado pai.

A contaminação pelo HIV e por outras doenças sexualmente transmissíveis são questões pertinentes, que precisam ser sempre lembradas : “... na hora quase ninguém pensa na AIDS” (adolescente feminina de 15 anos), porque influenciarão em futuros relacionamentos. A afirmação abaixo,

“ ... ainda no limiar do século 21, o que assusta é a falta de informação” (adolescente masculino de 17 anos).

exemplifica descompasso, entre o que os adolescentes dizem conhecer e o que vivenciam.

“Hoje, nós tivemos na escola uma palestra sobre AIDS, foi muito legal e triste também. Legal porque a gente aprende muitas coisas e triste por saber que há muita gente pegando esta doença e não se previne. Quer saber a verdade ? é que na hora do rala e rola ninguém pensa em nada, depois é que vem as preocupações” (adolescente feminina de 17 anos).

Tanto meninos como meninas, afirmam, que estas últimas se preocupam mais com a gravidez ou com a AIDS e, dependendo da menina, são elas também que tomam mais cuidados com ambas as situações. Tem menina que, *“...acha que não vai acontecer nada e é besteira usar camisinha, principalmente se transa só uma ou outra vez.”* (adolescente feminina de 16 anos). Alguns, adolescentes masculinos acham que,

“... a camisinha atrapalha, o cara fica nervoso ... não quer deixar a menina ver ou não sabe pôr ... acaba dando tudo errado, e aí ele não usa ...” (adolescente masculino de 15 anos).

Mas,

“... mesmo assim tem menina que fica com ele, tem outras que ficam com ele mas não chegam a precisar usar a camisinha, porque não transam” (adolescente masculino de 16 anos).

O temor em relação à gravidez, à AIDS, não deixa de existir entre os adolescentes só porque eles aparentam ser descomprometidos em seu relacionamento amoroso. Os meninos por terem uma vida sexual e amorosa mais intensa, e talvez mais visível, e as meninas por estarem ganhando mais espaços e se tornando “ousadas”, não deixam de se preocupar com estas e outras questões, mesmo que elas não sejam o centro de suas atenções.

Também é importante notar que tanto meninos quanto meninas, sabem muito bem as diferenças, entre o que significa “ficar” e “transar”, e “ficar” sem “transar”. Reconhecem as linhas tênues que separam ambos os comportamentos e a necessidade de se tornarem cúmplices, quanto às intenções e planos em relação a um objetivo comum : o prazer.

“... se a menina entregar a camisinha pra ele usar na hora, ele pensa que ela é prevenida” (adolescente masculino de 14 anos).

Mesmo que a responsabilidade e obrigação de prevenção à gravidez e à AIDS ou outras implicações, apareçam como sendo mais fortes para o lado das meninas, estas, ainda, em momentos de dificuldade podem recorrer mais facilmente a algum adulto, “... mais à mãe”. Os meninos sempre postos à prova, em momentos semelhantes, muitas vezes, têm que se virar sozinhos. Nesta hora o suporte da família deveria ser intensificado, mas, ela também sofre as

conseqüências de ser uma instituição social, e sujeita que está às regras e normas de conduta estabelecidas, acaba reforçando os papéis delegados aos filhos.

“... se uma menina tiver transado e a camisinha estourar, ela pode sentir uma reação de medo, de preocupação, abrir jogo com a mãe ... e o menino, fala com quem ?”
(adolescente feminina de 17 anos).

Além da AIDS e da gravidez indesejada, outras questões podem se impor também como implicações para o adolescente, que está envolvido no “ficar”. Em todos os lugares e espaços, onde os adolescentes se encontram, para “ficar” ou não, eles acabam tendo contatos com adolescentes, adultos, alguns amigos e parceiros amorosos, que podem apresentar a eles, o cigarro, a bebida e outras substâncias tóxicas ou inadequadas ao consumo. *“... Aparecem alguns amigos que fumam maconha e pessoas de fora da escola que nos oferecem drogas”* (adolescente masculino de 16 anos). Isto mostra a desproteção e vulnerabilidade do adolescente.

“ ... hoje, eu estou aborrecida. Ontem o meu namorado me deixou pra ir fumar maconha com os amigos dele. Eu então me vinguei dele, fui pra casa da minha amiga e nós duas bebemos até ficar “bebum”. Ela me ajudou a ir pra casa e fui direto pro quarto pro meu

pai não ver. Hoje de manhã encontrei com ele e fiz ele me prometer que não vai mais fazer isso comigo, se não eu vou beber de novo. Ele me prometeu, mas, já prometeu de outras vezes também e não cumpriu ...” (adolescente feminina de 15 anos).

VII . CONQUISTAR E “FICAR” : NAMORAR ... SÓ DEPOIS

“... no namoro a gente conversa mais,
bate papo, fala de muitas coisas,
sai junto.

No “ficar” não dá tempo de namorar”.

(adolescente feminina de 16 anos)

Depois da conquista, o tempo que o adolescente “fica”, tem a duração de um “flash”. Esta relação relâmpago não é uma situação de pré – namoro, como visto anteriormente, mas pode se transformar em namoro se ambos os parceiros se sentirem atraídos e se quiserem partilhar mais tempos juntos, curtir amigos, passeios e outras experiências sexuais e amorosas não tão passageiras e sem compromissos quanto as do “ficar”.

Algumas diferenças significativas parecem, assim, existir entre o namorar e o “ficar”. “... *no namoro a gente conversa mais, bate papo, fala de muitas coisas, sai junto. No “ficar” não dá tempo de namorar*”. (adolescente feminina de 16 anos).

Segundo os adolescentes, o namoro pressupõe um compromisso, um pensar a dois sobre uma relação mais estável, enquanto o “ficar” é um tempo de descoberta, um jogo, uma brincadeira que acontece através das experiências passageiras e, o que é mais importante, nenhum dos parceiros fica comprometido com qualquer tipo de relacionamento com o outro.

O “ficar”, é considerado um período de mais liberdade, em que o menino, por exemplo, em uma festa, pode ficar com uma menina e olhar para todas as outras e estas o olharem também. É permitido “ficar” com “um monte

de meninas”, pois não existe “... compromisso com esta ou aquela menina” e, depois que se “ficou”, ninguém pensa mais sobre o outro, só “... *se os dois se apaixonarem ... e ambos quiserem prolongar o “ficar”* (adolescente masculino de 16 anos), e este tenderá a se transformar em namoro.

“... para quem gosta de uma menina, o ficar é uma coisa muito pequena, ele vai querer namorar com ela” (adolescente masculino de 17 anos).

É curioso que o namoro, ainda conserve resquícios dos namoros de outrora, quando os jovens, frente aos pais e toda a família, firmavam compromisso de dali pra frente se prepararem para uma relação a dois, mais estável e comprometida, podendo terminar ou não, hoje, no casamento. Pode-se dizer que o namoro é uma outra forma de relacionamento amoroso, que geralmente se refere a um tempo de vida a dois, em que acontece um conhecer mais íntimo sobre o jeito de ser do outro, sobre suas preferências e gostos.

O namoro é assim, uma experiência desvinculada do “ficar”, e nem todos precisam passar por uma e pela outra. Ao se conhecerem mais intimamente e trocar idéias, os jovens podem começar os planos para uma futura vida juntos. Segundo Chaves (1994), sobre o namoro de antigamente, era exercida uma pressão que tinha como objetivo, a preservação da reputação

e honra⁴⁰ da menina, representada pela conservação da virgindade e dos valores familiares. Diferentemente, o compromisso de namoro atual, não tem que terminar em um casamento ou noivado, como antigamente, e também, pode-se namorar quantas vezes se quiser. Muitas vezes, ambos, os parceiros amorosos, vão viver juntos, durante um certo tempo, “para ver se vai dar certo”.

A família de ambos os parceiros, que, no “ficar”, não participa de nenhuma forma, pode ou não participar da experiência do namoro. Mesmo que meninos e meninas, ainda não façam nenhum plano para um futuro juntos, podem começar a visitar as famílias e gozar, assim, de uma maior liberdade para sair, conversar, trocar idéias, construindo e vivenciando atitudes amorosas e sexuais mais contínuas e constantes.

“ ... no namoro a gente conversa mais, e com o tempo, entra em uma relação mais íntima”
(adolescente feminina de 15 anos).

Quanto às atividades amorosas e eróticas, no namoro rolam as mesmas coisas que no “ficar” , *“... só que é mais sério, é uma relação mais íntima”* (adolescente feminina de 15 anos). O compromisso, na maioria das vezes, não se

⁴⁰ Notas da autora da pesquisa : Se esta honra era quebrada com a perda da virgindade e/ou uma gravidez, muitas adolescentes fugiam de casa para não ter que suportar as humilhações e o confinamento a que eram submetidas pela família. O casamento como solução ideal nem sempre era concretizado.

vincula com a obtenção do prazer momentâneo e fugaz, mas, sempre estará também ligado a ele. Alguns meninos dizem que o namoro os libera mais para certas carícias amorosas, primeiro porque este pode durar mais tempo e levar a uma maior intimidade e confiança. Segundo as meninas, os meninos ficam “... mais assanhados...”, e querem ir mais longe nas carícias e carinhos, porque são mais atrevidos...” (adolescente feminina de 16 anos). Assim como no “ficar” as meninas é que continuam impondo os limites do que poderão fazer, mostrando mais uma vez, um comportamento aprendido pelas regras sociais.

Algumas meninas, por não saírem de casa para se divertirem e porque quando o fazem estão com a família, acabam namorando e se casando sem passarem pela experiência do “ficar”; outras, por questões religiosas, às vezes, só beijam, outras, por serem muito exigentes quanto aos meninos, e por sensação de segurança amorosa, preferem namorar visando um compromisso no relacionamento.

Alguns meninos, quando gostam de uma menina, preferem namorá-la, para ter sempre a sua companhia. Muitas vezes, impulsionados pelo grupo e não conseguindo resistir, no entanto, mesmo namorando quem gostam, acabam “ficando”, com outra menina, mesmo contra a vontade.

“Ficar” com várias meninas não tem graça, nem paixão, nem amor, só tem tesão ...”

(adolescente masculino de 17 anos).

Quando os adolescentes começam a namorar, alguns param de “ficar”, embora considerando a infidelidade, principalmente do homem, como passível de acontecer, é “... *natural, coisa da vida* “ (adolescente masculino de 14 anos). Repetem, assim, a naturalização de um comportamento masculino programado. Outros, continuarão “ficando”, sem maiores preocupações.

No namoro mais tradicional, afirma Chaves (1994), não se aceitava (ainda hoje, muitos namoros terminam bruscamente por causa disso) que um dos parceiros pudesse ter interesse por outra pessoa ao mesmo tempo. O namoro não era um passatempo para satisfações imediatas, mas, sim uma intenção de casamento e de aceitação de vínculos longos e duradouros, para se transformar em “noivado” ⁴¹ (o que já era considerado quase um casamento). Assim, se uma infidelidade, mesmo que em pensamento fosse descoberta ou acontecesse, haveria o rompimento imediato da relação e do compromisso estabelecidos.

“ O que mais dói, é um namoro chifrado, tanto para menina quanto para menino, mas isso pode acontecer. E nem que isso aconteça é coisa da vida mesmo, nem todo mundo

⁴¹ Fase posterior ao namoro, que podia durar meses ou anos e que se constituía de momento para ajustes entre as famílias dos noivos e os futuros esposos.

escolhe todo mundo ... como não se pode ficar com 10 tem que ficar com um só ...” (adolescente feminina de 15 anos).

No namoro, resistir a seduzir e ser seduzido por outra pessoa, era o que era esperado de ambos os parceiros. Por ser um relacionamento mais sério, era cobrada a fidelidade mútua e a possibilidade da traição, tanto para o menino como para a menina podia ser punida imediatamente com o término deste tipo de relacionamento. E até hoje, muitos dos namoros atuais, repetem exatamente esta fórmula mantendo a fidelidade.

No “ficar” pode-se ter vários relacionamentos com vários parceiros com os quais se desejar, ou até porque se é impelido pelos amigos, inclusive em uma única noite, sendo o indivíduo, valorizado por isso. Aparentemente, este relacionamento amoroso rápido e sem compromisso, protege tanto meninas e meninos de maiores sofrimentos quanto a questão da infidelidade, mas, isto também pode ser ineficaz em alguns casos :

“ ... às vezes, só um se apaixona pelo outro, mas ele não quer nem saber... aí, começa tudo de novo, por outra pessoa. Sofre pra caramba, sofre ... sonha, chora ... mas, o tempo é o melhor conselheiro e o travesseiro também” (adolescente feminina de 15 anos).

Enquanto no “ficar” não existe o fim do relacionamento porque este não existe como um compromisso entre os parceiros, e sim destes com a obtenção de uma vivência prazerosa, o namoro, continua sendo uma situação de compromisso, podendo ter como maior mudança a possibilidade da quebra deste vínculo, estável, monogâmico e fiel, quando ambos os parceiros assim o desejarem.

Assim hoje, parece que os costumes relacionados ao namoro também se modificaram em alguns aspectos, como na quebra de vínculos mais estáveis entre namoro e casamento, embora, isto não signifique, que não haja mais vínculos entre um e outro. O que parece que aconteceu foi a quebra da obrigatoriedade do casamento, quer dizer, que na hora de se romper um namoro, ou adiar um casamento, sempre se poderá pensar duas vezes, sem que se ofenda a honra e dignidade de alguém.

VIII . MARCAS QUE FICAM ...

“Eu quero ter uma namorada
quando eu tiver uns 16 anos,
para casar com ela
igual meu pai e minha mãe
que se conheceram na escola e,
estão juntos até hoje”

(adolescente masculino de 13 anos)

Finalmente, concluo minhas reflexões sobre o tema desta pesquisa, a partir de algumas situações que aconteceram em um baile realizado na e pela escola onde estudaram os adolescentes, objeto deste estudo. Este baile se constituiu um fragmento do cotidiano dos adolescentes, que moram no mesmo bairro onde a escola está situada e, que, portanto, reproduz em seu interior toda a trama e teia de relações existentes entre eles. Muitas das situações que aconteceram durante o percurso deste baile, vieram constatar de forma evidente, várias questões abordadas nos dados de minha pesquisa, confirmando algumas das considerações feitas durante o caminho metodológico e teórico que percorri.

A idéia do baile surgiu porque algumas discussões e brigas, andaram acontecendo entre os alunos no interior da escola e foi, a partir delas e para minorá-las que os professores se motivaram a organizar uma atividade que pudesse congregiar um grande número de alunos : um baile no Dia dos Namorados. A data do baile não foi escolhida por acaso, mas sim como uma estratégia que atingisse diretamente o interesse dos adolescentes.

O baile seria um incentivo para contato entre eles, que poderiam assim, conversar, “ficar”, trocar idéias, se tocar, se conhecer e se reconhecer, expressando enfim, suas igualdades, diferenças, limitações e inclinações afetivas.

Para participar do baile, foi preciso que os adolescentes fizessem uma inscrição prévia, recebendo assim, um cartão com uma palavra inscrita. Esta seria a “senha” para que o menino e/ou a menina, ao entrar no espaço da festa, encontrasse um par para dançar pelo menos uma música. Quem recebesse o cartão onde estivesse escrito “lua”, procuraria o cartão sol”, “calcinha procuraria cueca”, “garfo e faca”, “cabelo e pente”, “rosa e cravo”, etc. ...

Professores e alunos começaram os preparativos uma semana antes. A escola organizou o processo de inscrição, espalhou cartazes e faixas pelos corredores e decorou o salão do baile com uma grande gravura da Cinderela e do Príncipe Encantado, tentando manter o ideal romântico da data. Também instituiu alguns critérios para a participação dos alunos. Todos poderiam participar, desde que estivessem de uniforme e estudassem no período das 15:00 h às 19:00 h (neste período estudam os alunos de 6ª a 8ª séries), pois o baile seria realizado no horário das últimas duas aulas do dia 12 de junho. A escola, mesmo tentando inovar em sua proposta de integrar os alunos, acabou reproduzindo a forma que usualmente é utilizada para disciplinar e normatizar relacionamentos, comportamentos e atitudes.

Os adolescentes passaram a semana cochichando nas salas de aulas, formando grupinhos alegres nos corredores e trocando olhares e mais olhares. Acertos e acordos foram feitos através destes olhares, conversas e conluios,

iniciando um movimento contrário ao que a escola esperava que acontecesse. Descontentes com a forma como o baile seria realizado, os adolescentes mudaram todas as regras do jogo, de acordo com o que vivem, querem e desejam para si.

Este movimento acabou mostrando, também, através do jogo amoroso dos olhares e conversas, que eles já haviam começado a “ficar” com o outro desde o momento do anúncio do baile e que a festa seria o apogeu do encontro de mãos e de sorrisos, de frustrações e desejos, de transgressões e mudanças dos limites e normas estabelecidas.

Os professores deram início ao baile a partir das músicas que os próprios adolescentes escolheram, aliás o único quesito em que os adolescentes, de fato, puderam opinar, e que terminou por mostrar a influência que a mídia exerce sobre eles, ao escolherem músicas com letras que abordam maliciosamente o tema do corpo e que, ao serem dançadas, se expressam através de movimentos corporais de cunho sexual.

Quando os adolescentes adentraram no salão para o baile, apressados, falando e rindo, muitos dos critérios estabelecidos pela escola, já se encontravam desfeitos há muito tempo. A obrigatoriedade do uniforme quase desaparecera para algumas meninas, que portavam tops e mini saias, haviam se perfumado, pintado os lábios com batom, soltado os cabelos,

valorizando algumas partes do corpo e mostrando uma “produção” para a festa. Os meninos, capricharam nos topetes, aderindo à moda para impressionar as meninas e os colegas.

Outras situações também modificaram os planos iniciais da escola, principalmente em relação aos pares para as danças, fazendo com que muitos dos adolescentes soubessem antecipadamente com quem iriam dançar. Alguns dos cartões foram trocados entre eles durante a semana para que os interessados formassem pares com o menino ou menina desejados.

Adolescentes que não aceitaram dançar com quem tivesse um cartão, cuja palavra combinasse com o do seu, procuraram, antecipadamente, quem estivesse com o cartão da pessoa de sua escolha e, com a anuência de colegas e amigos, fizeram as trocas. Os escolhidos desta forma, também ficaram sabendo de antemão quem seriam seus pares no baile. Os adolescentes estabeleceram critérios para suas escolhas não aceitando nem mesmo que o acaso escolhesse por eles. Experimentam, desta maneira, demonstrar seu poder de decidir e optar.

Procedendo desta forma, contrariaram os critérios estabelecidos para o baile e não aceitos por eles, previamente, de dançar pelo menos uma música com um parceiro escolhido aleatoriamente. Transgredir foi a tendência deles, à medida que foram se organizando, paralelamente, durante a semana que

antecedeu à festa. A idéia do baile foi tomando outro rumo, não esperado pelos professores, se constituindo como se pôde verificar depois, em um encontro para dançar e “ficar” com quem se desejasse, segundo o gosto e anseio de cada um.

Durante o baile “rolou” um pouco de tudo. Quem ainda não conhecia seu par, ficou sabendo e gostou, dançou e aproveitou a atividade. Quem não gostou, ainda tentou trocar seu cartão com os colegas e, na impossibilidade de troca, o amassou e jogou fora. Meninos e meninas que permaneceram no canto do salão esperando achar um par ou serem escolhidos, eram os que não correspondiam a padrões estéticos ou modelos sociais de beleza, por serem baixos ou muito altos, mais novos, gordos ou muito magros, sem topete ou não possuírem algum adereço, como telefone celular por exemplo, que os distinguissem dos demais. Por se sentirem rejeitados e fora dos padrões exigidos, alguns foram embora do baile ou se juntaram aos que observavam do lado de fora do salão.

Diante da debandada do baile, as professoras presentes ficaram nervosas, preocupadas com os alunos que não conseguiram par para dançar e uma delas passou a dizer aos alunos que se negavam a dançar : _ “Quem não dançar, na próxima festa fica de fora ...”, tentando estabelecer uma

obrigatoriedade e uma possível punição, já que eles se negavam a aceitar o critério estabelecido anteriormente.

Enquanto isso casais rodopiavam pelo salão e, alguns deles, bem juntinhos, não se desfizeram durante todo o baile. No fundo do salão, percebia-se três ou quatro casais, que “resolveram se tocar mais intimamente, trocando “amassos”, abraçando e se beijando”, em uma demonstração mais explícita de carícias e carinhos. Um outro casal se escondeu atrás das cortinas das janelas laterais. Uma professora, percebendo a movimentação, logo trouxe o casalzinho de volta ao salão. Por já conhecer os adolescentes protagonistas destas situações, observei que eles são os que mostram as atitudes tidas como as mais rebeldes da escola, os menos estudiosos e disciplinados, porém, os não menos carinhosos, brincalhões ou solidários.

Uma outra situação aconteceu, ainda mais uma vez, mostrando que os adolescentes não aceitaram mesmo a regra do jogo da escola. Como muitos meninos e meninas ficaram sem par e continuaram procurando uma chance de ficar junto à pessoa desejada ou serem escolhidos, uma professora apareceu com duas vassouras, que começaram a circular pelo salão, de mão em mão. As vassouras porém, não tiveram nenhum efeito, porque os adolescentes se recusavam a “pagar mico” ou “levar um fora”, negando-se, assim, a mudar a situação através da intervenção do adulto. No fim do baile, uma adolescente

brincou com uma das vassouras, dizendo ser aquele o seu príncipe encantado, em uma clara alusão ao fim desta figura mitológica.

O baile que durou duas horas, foi tempo suficiente para que os adolescentes vivessem a atividade de integração, da maneira como se organizaram durante a semana, e não pelos critérios da escola. Isto provoca a necessidade de uma reflexão sobre a maneira como parecem reforçar a concepção social e histórica da construção da adolescência, através da demonstração de uma atitude de “crise” que tiveram ao se tornarem rebeldes e contestadores.

O baile mostrou, também, que alguns adolescentes, agiram a partir de estereótipos sociais ao segregarem e discriminarem outros adolescentes como parceiros para o relacionamento amoroso, mesmo que tal relacionamento tenha sido breve e passageiro como o “ficar”. Isto torna o indivíduo não escolhido, incapaz de uma vivência amorosa e/ou afetiva naquele momento. As dificuldades que alguns adolescentes tiveram no baile para estabelecer e vivenciar contatos mais íntimos com o outro, mostraram que a construção da sua capacidade de dar e receber afeto é dificultada, quando ele não participa da relação amorosa, tendo ainda que enfrentar o sentimento de se sentir excluído do grupo ao qual deseja pertencer.

Assim, regras e normas que reprimem, regulam, normatizam as atitudes e manifestações amorosas, transpareceram claramente, interiorizadas pelos adolescentes, que segregaram e discriminaram outros adolescentes que julgaram não estar dentro dos padrões exigidos.

Mas, por outro lado, o movimento de transgressão às normas e regras sociais também subsiste no viver do relacionamento amoroso. Este mesmo movimento pode ainda, produzir outras regras e normas. Por exemplo, é o que acontece com o “ficar”, que se constitui como uma relação breve e descompromissada, cuja única obrigação, é justamente o fato de não ser “longo e nem gerar compromisso”.

Uma outra regra criada pelo “ficar” e, relacionada justamente com um dos fatos observados, foi a segregação e o afastamento do grupo, do adolescente que não “ficou”, por qualquer motivo que ele tenha tido ou que tenha sido criado para ele. A ele foi dificultada também a experiência de viver seu “apaixonamento” e/ou simplesmente “uma maneira legal de conhecer alguém”.

Cada nova geração que surge, transgride, muda, reforma e modifica as tramas de sedução e conquista amorosa de seus pais e avós, mas, ao mesmo tempo, propõe, constrói e também impõe novas fronteiras para que novas mudanças se estabeleçam.

As situações de segregação e exclusão que se apresentaram no baile, me levaram também a refletir sobre algumas questões de gênero que pude observar. A reprodução de algumas atitudes discriminatórias por alguns adolescentes, reforçaram exatamente o que os modelos sociais esperavam deles : que representassem os modelos elaborados para o sexo masculino e o feminino. Assim, padrões estéticos esperados para cada sexo foram seguidos à risca quando meninos e meninas se “produziram” para o baile. Além disso, durante o baile, as meninas se mostraram mais animadas, falando alto e rindo muito, enquanto os meninos, permaneceram fortes, observando primeiro, esperando “licença para se aproximarem”.

No entanto, alguns adolescentes que se mostraram capazes de lidar muito bem com esta situação, experienciando outras possibilidades e outros quereres. E através de uma “troca de lugar” com o outro eles oportunizaram vivenciar outros papéis. Isto aconteceu por exemplo no baile, quando um menino não precisou convidar uma menina para dançar e pôde se recusar a dançar também. O mesmo aconteceu com a menina que nem por isso se sentiu rejeitada e pôde decidir mais facilmente com quem queria dançar ou não. Até há algum tempo atrás, uma menina jamais poderia esboçar qualquer interesse para dançar com um menino e sequer levantar da cadeira em uma festa para dançar sozinha ou com outra menina. Ambos podem assim, enfrentar o

desafio de descobrir o que querem, tomando as atitudes que acharem melhores.

Além das marcas já relatadas nesta conclusão, outra não menos importante também foi deixada pelo baile, derivada das situações geradas pelo espaço de experimentações em que ele se constituiu. Esta é relativa à reclamação de pais quanto às situações em que os filhos foram expostos na escola, e esta precisou se justificar quanto à atividade realizada, o que mostrou que a escola, enquanto instituição social, política e cultural que é precisa “dar conta” à sociedade dos atos que pratica.

Finalmente, concluo que os adolescentes, objeto desta pesquisa transitam em uma sociedade complexa, formada por valores que tentam contemplar todos os indivíduos, homogeneizando-os em uma pretensa igualdade. No entanto, estes parâmetros estão calcados em aspectos sociais que se encontram fora do indivíduo e que reforçam as diferenças econômicas, sociais e culturais, não valorizando o que o indivíduo traz consigo.

Não obstante, porém esta situação, o baile mostrou que os relacionamentos amorosos por sua vez, são um elo provocador de mudanças, entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens e em cada um por si só. Através destas mudanças, eles se posicionam mais sobre suas

questões sexuais ou afetivas, falam sobre elas e têm mais oportunidades de serem ouvidos.

Por conta destas mudanças, meninos e meninas, no baile, mostraram mais o corpo, namoraram, conversaram, se beijaram, flertaram, paqueraram, “ficaram” ... continuamente estão assim, mudando a si mesmos e modificando ao mesmo tempo, a estrutura em que vivem, e cada geração, transgredindo os limites, conquistando e estabelecendo novas fronteiras para viver as inúmeras possibilidades de sua imaginação e desejo.

IX. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABRAMOVICH, Fanny. (Org. e direção da coleção) *Ritos de passagem de nossa infância e adolescência : antologia*. São Paulo : Summus Editorial, 1985.
- ADAMO, A . Fabio et al. *Juventude : Trabalho, Saúde e Educação*. Rio de Janeiro : Forense – Universitária, 1987.
- ALVES, Rubem. Os *Olhos dos Adolescentes*. Correio Popular, Campinas, 10 jan. 1999, Caderno C, p. 06.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro : Ed. Guanabara / Koogan S.A., 1981.
- AZEVEDO, Thales. *As Regras do Namoro à Antiga (aproximações socioculturais)*. São Paulo : Ed. Ática, Coleção Ensaio nº 118, 1986.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Trad. de Hortênsia dos Santos. 4. ed. Rio de Janeiro : Ed. Francisco Alves, 1984.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre : L&PM, 1987.
- CAMARGO, A. M. et al. *Sexualidade (s) e Infância (s)*. A Sexualidade como um Tema Transversal. Campinas : Ed. da Unicamp, 1999.
- CHAUÍ, M. Janela da Alma, Espelho do Mundo. In : NOVAES A. (Org.). *O Olhar*. São Paulo : Cia das Letras, 1998.
- CHAVES, Jacqueline C. “*Ficar com “ : um estudo sobre um código de relacionamento no Brasil*. Rio de Janeiro : Ed. Revan, 1994.
- CÉSAR, M. Rita de Assis. *A Invenção da Adolescência no Discurso Psicopedagógico*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- COLLINS GEM, Dicionário Inglês/português, português/inglês. : Harper Collins Publishers 1990.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor : estudos sobre o amor*

- romântico*. 4. ed. Rio de Janeiro : Ed. Rocco, 1998.
- _____. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 abr. 1994. Caderno Mais, p. 12.
- COSTA, M. (Org.). *Amor e Sexualidade – A Resolução dos Preconceitos*. 2. Ed. São Paulo : Ed. Gente, 1994.
- DE LA TAILLE, Yves. *Limites : três dimensões educacionais*. São Paulo : Ed. Ática, 1998.
- DUNLEY, Gláucia (Org.). *Sexualidade e Educação*. Rio de Janeiro : Ed. Gryphus, 1999.
- ENDERLE, Carmen. *Psicologia da Adolescência : uma abordagem Pluridimensional*. Porto Alegre : Ed. Artes Médicas, 1988.
- FERREIRA, B. Weil. *O Cotidiano do Adolescente*. Rio de Janeiro : Ed. Vozes, 1995.
- FINI, L.D.T. O auto conceito do adolescente. In : SISTO, F. F. et al (Orgs.). *Leituras de Psicologia para formação de Professores*. Petrópolis : Ed. Vozes ; Bragança Paulista : Universidade São Francisco, 2000, p. 58-63.
- FLAMARION, Ciro C. & VAINFAS, R.(Orgs.). *Domínios da História*. Ensaios de Teoria e Metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro : Ed. Campus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*. A Vontade de Saber. Trad. de Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhom Albuquerque, 12. ed. Rio de Janeiro : Ed. Graal, 1988.
- _____. *História da Sexualidade II*. O Uso dos Prazeres. Trad. de Maria Thereza da C. Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhom Albuquerque, 7. ed. Rio de Janeiro : Ed. Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade III*. O Cuidado de Si. Trad. de Maria

- Thereza da Costa Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhom Albuquerque, 1.ed. Rio de Janeiro : Ed. Graal, 1985.
- _____. *O que é um Autor ?* Lisboa : Ed. Vega, 1992.
- GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade*. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. Trad. de Magda Lopes, São Paulo : Ed. Unesp, 1993.
- HARRISON, Michelle. *O Primeiro Livro do Adolescente sobre Amor, Sexo e AIDS*. Trad. Maria Adriana V. Veronesi. Porto Alegre : Ed. Artes Médicas, 1996.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Estrutura da Vida Cotidiana. Trad. de Carlos Coutinho e Leandro Konder. São Paulo : Ed. Paz e Terra, 1985.
- LÁZARO, André. *Amor, do mito ao mercado*. Petrópolis : Ed. Vozes, 1996.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Uma perspectiva pós- estruturalista. 2. ed. Petrópolis : Ed. Vozes, 1998.
- _____. (org.) *O Corpo Educado*. Pedagogias da Sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu Silva. 2. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.
- MARIANA, Maria e tal. *Confissões de Adolescente*. 9. ed. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 1992.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, Tempo e Movimentos Sociais*. In Juventude e Contemporaneidade, Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro : ANPED, Número Especial, n° 5, maio / jun / jul / ago / 1997 e n°6, set / out / nov / dez/ 1997.
- MICHAELIS. Pequeno Dicionário: Francês/português, português/francês. São Paulo : Ed. Melhoramentos, 1992.
- MORENO, Montserrat. *Como se Ensina a Ser Menina*. O sexismo na escola. Campinas : Ed. da Unicamp, 1999.

- MOTTA, J. Z. *A Mulher, o Tomate e a Maçã*. Correio Popular, Campinas, 1 abr. 2000. Caderno Opinião, p. 03.
- PAIS, José Machado. *Nas Rotas do Cotidiano*. Revista Crítica de Ciências Sociais. nº 37, Lisboa, 1993.
- PIERO, Gustavo Postal. *O Amor*. Correio Popular, Campinas, 25 set. 1999, Caderno Criança, p.2.
- SOUZA, Eustáquia Salvadora de & ALTMANN, Helena. Meninos e Meninas : Expectativas Corporais e Implicações na Educação Física Escolar. In : CADERNO CEDES, 48. *Corpo e Educação*. 1. ed. Campinas : Unicamp, CEDES, 1999, p.52-68.
- ZIMMERMAN, D. Osório L. *Como trabalhamos com grupos*. São Paulo : Ed. Artes Médicas, 1997.